

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

MARISE ETERNA NUNES

**CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE*
*ENERGETICS***

Goiânia
2020

MARISE ETERNA NUNES

**CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE
ENERGETICS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Strictu Senso* no Curso de Mestrado em Ciências da Religião na Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do Título de Mestre

Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos

Goiânia
2020

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N972c Nunes, Marise Eterna.

Corpo e espiritualidade nas perspectivas cristã e em *Core Energetics* / Marise Eterna Nunes. – 2020.

175 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2020.

Inclui referências: f. 149–159.

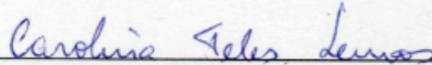
1. Autopercepção. 2. Corpo humano – Aspectos religiosos. 3. Espiritualidade. I. Lemos, Carolina Teles. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – 2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 – 27-584(043)

**CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM CORE
ENERGETICS**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 21 de fevereiro de 2020.

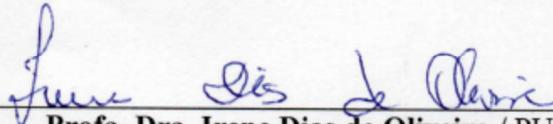
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Presidente)



Profa. Dra. Angela Teixeira de Moraes / UFG



Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira / PUC Goiás

Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Telma Ferreira do Nascimento Durães / UFG (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Honro a força da vida que me conduz...

Quando nasci e minha mãe partiu, uma chama de fé e contato espiritual se acendeu e continua a iluminar o meu caminho, me instigando a compreender este mundo além da matéria. Obrigada, mamãe Maria Eterna e papai João Nunes, pelo amor que me traz a confiança e pela luz de vocês que continua a me proteger.

Obrigada a meus pais Isabel e Luiz, por me oferecerem tudo que foi preciso para que minha caminhada pudesse ser segura e próspera.

Agradeço à minha irmã Maristela, que sempre representou um porto seguro na minha vida.

Obrigada aos professores brilhantes que surgiram na minha caminhada, que enxergaram o melhor de mim e me motivaram a seguir.

Agradeço muito o encontro com Nilton Ferreira, há 25 anos, pois abriu um caminho cheio de aventuras e descobertas, pelo qual experienciei profundamente a psicologia transpessoal integrada com o corpo. A partir daí, outros seres inspiradores começaram a fazer parte do meu caminho: John Pierrakos, que me ajudou a abrir o meu coração para o amor; Dimas Calegari, que me ajudou a reconhecer a minha competência; Lorenz Wiest, que ampliou a minha percepção da vida como um sistema integrado; Lúcia Helena Dessaune de Alencastro e todos os amigos e amigas que fazem parte da tribo da psicologia transpessoal e da *Core Energetics*, que me inspiram no caminho da verdade e da amorosidade.

Agradeço profundamente à minha família pela paciência e compreensão diante da minha ausência. Ao meu companheiro Wolmar, que cuida tão bem dos nossos filhos e me incentiva sempre no meu processo de crescimento e aprendizagem. Ao Vínicius e à Ariadne, que renovam meu coração de amor e alegria todos os dias. À Marilse, que com carinho e alegria cuida da minha casa e da minha família.

Agradeço aos meus clientes e funcionários da Avivar Psicologia Movimento, pelo apoio e compreensão diante da minha ausência.

Agradeço a Irene Dias de Oliveira, que me motivou a realizar esta pesquisa, e a Carolina Teles Lemos, por me acompanhar nesta nova caminhada.

Honro e agradeço a cumplicidade e o apoio dos novos amigos que fiz durante estes dois anos no Programa de Pós-Graduação e que me acompanharam em muitas madrugadas de estudo.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro recebido por meio de bolsa de formação.

Agradeço a Suzana Oellers, revisora deste trabalho, sempre tão disponível para me orientar, corrigir meus escritos e me distrair nos momentos de cansaço, compartilhando histórias e experiências de vida.

Enfim, me sinto grata, honrada e feliz por mais um passo na caminhada.

O que quer que esteja em mim, o que quer que esteja escondido que eu deva conhecer sobre mim mesmo, qualquer que seja a negatividade e destrutividade existentes, devem vir para fora e às claras. Eu quero vê-las, eu estou determinado a vê-las, por mais que firam a minha vaidade. Quero estar consciente de quão deliberadamente me recuso a ver essa minha parte, onde quer que eu seja atingido e, portanto, quão insistentemente me superconcentro nos erros dos outros.

(Eva Pierrakos, palestra do Guia *Pathwork* nº 182)

RESUMO

NUNES, M. E. *Corpo e espiritualidade nas perspectivas cristã e em Core Energetics*. 2020. 175 f. (Mestrado em Ciências da Religião) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

O tema integração do corpo com a espiritualidade tem surgido nas abordagens humanista e transpessoal em psicologia, considerando o homem um ser integral ao ocupar-se de seus aspectos físico, emocional, mental e espiritual conjuntamente. Esta concepção de corpo convive com outras abordagens, entre as quais estão as de cunho cristão, presentes em tradições religiosas como o catolicismo. Este trabalho teve como objetivo analisar como ocorre o processo de autoconhecimento e autotransformação a partir do movimento corporal, que culmina com o despertar da espiritualidade, em duas abordagens: 1) a cristã, presente no catolicismo, observada nas celebrações do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, em Goiânia, GO, que se baseia nos preceitos do movimento de Renovação Carismática Católica; 2) a psicoterapêutica, em *Core Energetics*, desenvolvida pelo médico, psiquiatra e psicoterapeuta grego John Pierrakos, com suporte nos estudos do médico e psicanalista austríaco Wilhelm Reich, observada nas aulas do curso de formação de psicoterapeutas corporais, organizado pela Rede Brasil de *Core Energetics*, em Brasília, DF. Desse modo, visou-se propiciar o aprofundamento da compreensão do despertar da espiritualidade por intermédio do corpo a partir da religião e do autoconhecimento. Na presente pesquisa, embasada em extensa revisão da literatura, empregou-se metodologia qualitativa, coletando-se dados por meio de observação de campo e de entrevistas com a utilização de questionário semiestruturado. Partiu-se da hipótese de que há diferença entre a espiritualidade despertada por intermédio do corpo na tradição cristã, que atribui ao sagrado a responsabilidade em realizar transformações, e em um processo de autoconhecimento, que é responsabilidade do indivíduo. Concluiu-se que para que ocorra o despertar da espiritualidade, independentemente da forma como é interpretada a sua origem, faz-se necessário haver a predisposição e o empenho do indivíduo.

Palavras-chave: autoconhecimento, *Core Energetics*, corpo, espiritualidade, religião.

ABSTRACT

NUNES, M. E. *Body and spirituality from the Christian and Core Energetics perspectives*. 2020. 175 p. (Master's in Religion Sciences) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

The integration of body and spirituality has emerged as a theme in humanistic and transpersonal approaches of psychology, which consider man as a whole when dealing with his physical, emotional, mental, and spiritual aspects altogether. This integrated notion of body coexists with other approaches, including the Christian perspective, present in religious traditions such as Catholicism. This study aimed to analyze how the process of self-knowledge and self-transformation obtained from the movement of the body brings about an awakening of spirituality in two approaches: 1) the Christian approach present in Catholicism, as observed in the celebrations of the group Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, in Goiânia, GO, Brazil, based on the precepts of the Catholic Charismatic Renewal movement; 2) the psychotherapeutic approach, in Core Energetics, developed by the Greek physician, psychiatrist, and psychotherapist John Pierrakos and supported by the studies of the Austrian physician and psychoanalyst Wilhelm Reich, as observed in the classes of the formation course of body psychotherapists, organized by Rede Brasil of *Core Energetics*, in Brasília, DF, Brazil. This study intended to deepen the understanding of the awakening of spirituality through the body from a religious perspective and from a process of self-knowledge. In the present research, supported by extensive literature review, qualitative method was employed, and data were collected through field observation and interviews using a semi-structured questionnaire. It was hypothesized that there exists a distinction between the awakening of spirituality through the body in the Christian tradition, which attributes to the sacred the role of performing transformations, and in the process of self-knowledge, which assigns responsibility to the individual. In conclusion, to achieve the awakening of spirituality, regardless of how its origin is interpreted, it is necessary to have the individual's predisposition and effort.

Keywords: self-knowledge, Core Energetics, body, spirituality, religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, O CORPO E A ESPIRITUALIDADE	15
1.1 A RELIGIÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	15
1.2 O CORPO HUMANO, SOCIAL, PSICOLÓGICO E SAGRADO	28
1.2.1 O Corpo na Grécia Antiga	29
1.2.2 O Corpo Segundo a Tradição Cristã	31
1.2.3 O Corpo do Renascimento à Idade Moderna	34
1.2.4 O Corpo nos Rituais do Movimento de Renovação Carismática Católica	37
1.3 A ESPIRITUALIDADE	40
1.3.1 A Espiritualidade Cristã e no Movimento de Renovação Carismática Católica	40
1.3.2 A Nova Espiritualidade na Igreja Católica	42
1.3.3 A Espiritualidade na Ciência e no Desenvolvimento Humano	43
CAPÍTULO 2 – CORE ENERGETICS: ORIGEM E FUNDAMENTOS	46
2.1 A ORIGEM: WILHEIM REICH, O PAI DA PSICOTERAPIA CORPORAL – DA PSICANÁLISE À ORGONOTERAPIA	46
2.2 ALEXANDER LOWEN, JOHN PIERRAKOS E A BIOENERGÉTICA	55
2.3 JOHN PIERRAKOS E A <i>CORE ENERGETICS</i> : CORPO E ESPIRITUALIDADE	59
CAPÍTULO 3 – DEFINIÇÃO METODOLÓGICA: O PESQUISADOR, A OBSERVAÇÃO E O SENTIDO	72
3.1 GRUPO DE ORAÇÃO PASTORAL MISSÃO MARCA DA VITÓRIA: FUNDAÇÃO, FUNCIONAMENTO E OBSERVAÇÕES	76
3.2 GRUPO DE FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS CORPORAIS EM <i>CORE ENERGETICS</i>	84
CAPÍTULO 4 – O ESPAÇO RELIGIOSO E O ESPAÇO TERAPÊUTICO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	99
4.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	102
4.2 INTOLERÂNCIA E DIVERSIDADE RELIGIOSA	106

4.3 A BUSCA PELO TRANSCENDENTE E A IMPORTÂNCIA DOS SACRAMENTOS E DO AUTOCONHECIMENTO	109
4.4 O CORPO E A ESPIRITUALIDADE	113
4.5 TEMAS POLÊMICOS	128
4.5.1 Aborto	130
4.5.1 Pena de Morte	134
4.5.3 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e Outras Orientações Sexuais, Identidades e Expressões de Gênero	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	149
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás	160
ANEXO B – Declaração de instituição coparticipante – Santuário da Sagrada Família	164
ANEXO C – Declaração de instituição coparticipante – Rede Brasil de <i>Core Energetics</i>	165
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	166
APÊNDICE B – Questionário semiestruturado para coleta de dados	170

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, a busca pela religião e pelo desenvolvimento espiritual sempre esteve presente, procurando-se sentido para o que se vivencia durante a existência. Nesta diligência, diferentes caminhos podem ser percorridos.

A religião pode ser estudada a partir da fenomenologia, percebida como o fenômeno em si, com uma estrutura e um sistema simbólico próprios. Isso pode se dar por meio da observação do funcionamento da sociedade a partir de uma visão mais sociológica, abrangendo as dimensões políticas e institucionais, assim como as interações cotidianas, como legitimadoras da ordem (LEMOS, 2017).

Entendendo que o ser humano que busca sentido para a sua existência possui um corpo emissor ou receptor como identidade sociológica e cultural (LE BRETON, 2012), o corpo é incluído no presente estudo como veículo para o despertar da espiritualidade. Também se dialoga sobre os aspectos sociológicos, antropológicos e psicológicos que perpassam a busca da espiritualidade pelo ser humano.

O indivíduo participa da sociedade e vai além de si mesmo na forma de pensar e agir. Por seu turno, a sociedade o influencia através das experiências coletivas e da aprovação social. Dessa maneira, o indivíduo acredita na força social, assim como na religião inserida nesta força (LEMOS, 2017).

Nas análises sociológicas atuais, acredita-se que, como a modernidade enfatiza a vida no aqui e agora, a religião que dava ênfase à morte vem gradualmente perdendo a sua utilidade (BAUMAN, 1998). Na pós-modernidade, os especialistas vêm cumprindo esse papel, assim como a religião tem procurado inserir novas formas de acolher os fiéis.

Quanto à participação de especialistas neste contexto de mudança de perspectiva de ação e rituais religiosos, descortina-se a oportunidade para abordagens psicológicas humanistas e transpessoais, as quais oferecem contribuições para que o ser humano possa encontrar um modo mais pleno e integrado de estar no mundo. A partir disso, pode-se desenvolver uma visão mais crítica sobre os hábitos destrutivos pós-modernos e promover a prática de novas formas de ser e agir mais solidárias, éticas e com sentimentos de compaixão universal.

Nas abordagens humanista e transpessoal em psicologia, o ser humano passa a ser compreendido em sua totalidade: corpo, mente, emoção e espiritualidade. Por intermédio da aplicação de técnicas de autoconhecimento, pode-se ampliar a percepção e compreender o propósito de vida de cada um, indo além do aspecto biográfico e buscando-se mais sentido para a existência através de experiências e sensações corporais.

Em sua trajetória pessoal de vida, a busca desta pesquisadora pela compreensão da espiritualidade sempre esteve presente. Inicialmente, essa procura ocorreu através da religião e, posteriormente, por meio dos trabalhos de autoconhecimento como estudante de psicologia e como psicoterapeuta profissional.

Sua formação religiosa iniciou-se na doutrina católica, da qual participou desde o nascimento até por volta de 15 anos de idade, quando começou a buscar outras tradições religiosas. A motivação para a busca deste conhecimento se deu a partir das sensações de insegurança e medo transmitidas pelos ensinamentos cristãos que recebeu até esta fase da vida. Apesar de sustentar uma fé no sagrado, Deus era por ela percebido como um ente distante e, até certo ponto, muito autoritário e punitivo.

Havia um desejo de encontrar rituais que lhe propiciassem a sensação de maior proximidade com Deus. Esse objetivo foi atingido quando fez o curso de formação em *Core Energetics*¹ com John Pierrakos e sua equipe de professores, durante quatro anos (1997–2001). O curso ocorreu na Universidade da Paz (UNIPAZ DF), em Brasília, DF, em parceria com o Instituto de *Core Energetics* de Nova York (Estados Unidos), sendo o corpo docente oriundo deste último. Trata-se de um curso vivencial e teórico que forma terapeutas para trabalhar com pessoas que desejam obter autoconhecimento e evolução espiritual.

¹ *Core Energetics* é uma ponte entre psicologia e espiritualidade, conhecida mundialmente como uma das primeiras abordagens psicoterapêuticas do ocidente a incorporar o aspecto espiritual do ser, a psicologia moderna e a psicoterapia corporal. Esta abordagem é experiencial, dinâmica e frequentemente evoca experiências corporais poderosas através de exercícios físicos, emocionais e espirituais, tendo por objetivo restaurar a integridade energética do seu sistema. O propósito do trabalho é alcançar um senso de autenticidade, enraizamento, poder pessoal e a experiência de viver a vida com o coração aberto. O processo é tanto uma modalidade de cura quanto uma profunda jornada espiritual. É um processo de integração de todas as partes do ser, de todas as camadas da dinâmica energética da consciência que compõem a presença humana, desde o corpo físico, até a essência (Disponível em: <https://coreenergetics.org.br/index.php/sobre/>).

A partir daí, começou a observar a separação e o distanciamento que as tradições religiosas podem criar ao enfatizar conceitos de pecado e sacrifício e instituir repressões às sensações corporais. Tendo encontrado para si mesma um caminho para a superação das crenças negativas que havia criado e tendo escolhido este caminho para o seu trabalho, vinha enfrentando algumas indagações que necessitavam maior compreensão e embasamento teórico de sua parte. Portanto, desenvolveu o presente estudo para melhor compreender o conceito de espiritualidade e como nele aparece a relação entre a experiência de Deus e a experiência corporal.

Como profissional da área de psicologia, sempre almejou atingir uma compreensão mais profunda do conceito de espiritualidade, visto que, na prática psicoterapêutica, torna-se importante delimitar e reconhecer a relação entre espiritualidade e religiosidade cristã. Desse modo, evitam-se interpretações errôneas ligadas ao tema que possam provocar qualquer sectarismo. Além disso, considera ser importante, tanto para a academia quanto para as instituições religiosas, assim como para as práticas psicológicas, apreender o ser humano como um ser holístico em transformação.

Assim, este trabalho tem como tema de investigação a integração entre o corpo e a espiritualidade na perspectiva cristã, mais especificamente no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, fundamentado no movimento de Renovação Carismática Católica, e em *Core Energetics*. O primeiro é compreendido como uma expressão da tradição religiosa cristã, enquanto o segundo se baseia no processo psicoterapêutico em *Core Energetics*.

O objetivo geral do presente estudo centrou-se em analisar como ocorre o processo de autoconhecimento e autotransformação a partir do movimento corporal, que culmina no despertar da espiritualidade, em um grupo cristão de oração e na abordagem terapêutica em *Core Energetics*. Para que isto fosse alcançado, delinear-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar as principais características de espiritualidade e de corpo no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, fundamentado no movimento de Renovação Carismática Católica;

- 2) Identificar as principais características de espiritualidade e de corpo na abordagem terapêutica em *Core Energetics*;

3) Definir o conceito de corpo como um agente biopsicossocial e espiritual a fim de diminuir as divisões que geram conflitos e guerras nos âmbitos micro e macrossocial

4) Verificar como o processo de autoconhecimento e autotransformação ocorrido através dos processos corporais em ambos os grupos influenciou a percepção que os membros pesquisados possuem em relação aos temas polêmicos aborto, pena de morte e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (LGBTI+).

Para a execução desta pesquisa, além da revisão da literatura pertinente, realizou-se uma investigação empírica com dois grupos, sendo um composto de pessoas que buscam o despertar da espiritualidade em uma ação pastoral que segue preceitos do movimento Renovação Carismática Católica, o grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, em Goiânia, GO, compreendido como uma expressão da tradição religiosa cristã, e o outro composto de pessoas que buscam este despertar no processo psicoterapêutico em *Core Energetics*, em Brasília, DF. Partiu-se da hipótese de que há uma diferença entre a espiritualidade despertada por intermédio do corpo, na expressão cristã, que atribui ao sagrado a responsabilidade em realizar transformações, e a espiritualidade reconhecida e experienciada em um processo de autoconhecimento e autotransformação, que é responsabilidade do indivíduo.

Com esta definição do percurso da pesquisa, estruturou-se o presente trabalho em quatro capítulos. Os capítulos dialogam entre si por meio de definições teóricas, dados empíricos e observações fenomenológicas, verificando-se a hipótese inicial, o que contribui para a compreensão do corpo como uma malha de contenção histórica, cultural, social, familiar e de sentido para o sujeito. Esta compreensão pode auxiliar na aproximação entre corpo e espiritualidade, evitando divisões geradoras de conflitos e distorções. Além disso, pode-se contribuir para evitar tentativas fundamentalistas do uso do termo espiritualidade na psicologia e ampliar a percepção de corpo como veículo de experiências sagradas.

No Capítulo 1, aqui apresentado, traça-se um percurso baseado tanto em autores clássicos, como Otto (2007), Geertz (2017) e Eliade (2018), que discorreram sobre o conceito de religião e a importância da busca da compreensão do sagrado pelo ser humano, como em alguns autores da atualidade, que investigam a religião na

pós-modernidade, como Bauman (1998). Ademais, a revisão da literatura abarca os conceitos de corpo e de espiritualidade de acordo com a tradição cristã e com a abordagem terapêutica corporal de *Core Energetics*, visando-se apreender como a relação entre corpo e espiritualidade é estabelecida em ambas.

No Capítulo 2, mostram-se a origem e o histórico da *Core Energetics*. Faz-se um percurso desde o surgimento da psicoterapia corporal a partir da psicanálise, passando pela Bioenergética e chegando até a *Core Energetics*, incluindo a influência do *Pathwork*. Para compreender e discutir essa relação nas práticas psicoterápicas, são incluídos os estudos de Lowen (1977a, 1977b, 1982), Reich (1979, 1995, 2003), Pierrakos (1987) e Pierrakos e Thesenga (2016, 2017).

No Capítulo 3, apresenta-se o modelo metodológico utilizado na coleta e na análise dos dados desta pesquisa. São caracterizados e descritos o grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, fundamentado no movimento Renovação Carismática Católica, e o grupo de formação em *Core Energetics*. Também há uma reflexão acerca do papel da pesquisadora como agente que já participou de um dos grupos pesquisados e da utilização do conceito de corporeidade na análise dos dados (CSORDAS, 2008; LE BRETON, 2012, 2013, 2018).

No Capítulo 4, fazem-se a análise e a interpretação de como ocorre o despertar da espiritualidade a partir das crenças e percepções religiosas, a sua relação com o corpo, a visão de mundo e a influência que a vivência no grupo tem na vida dos participantes desta pesquisa nos dois grupos estudados. Em adição a isso, elabora-se a hermenêutica do conceito de espiritualidade relacionada com o corpo a partir do estudo teórico e empírico realizado, discutindo-se a hipótese inicial apresentada e indagando-se acerca da diferença entre a espiritualidade despertada através do corpo no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e aquela percebida na abordagem terapêutica corporal em *Core Energetics*. Além disso, apresentam-se os dados coletados em relação aos temas polêmicos (aborto, pena de morte e LGBTI+), discutidos em ambos os grupos, com o intuito de perceber como o processo de autoconhecimento e autotransformação influencia na percepção acerca destes temas.

E, por fim, nas considerações finais, correlacionam-se os conceitos teóricos com os resultados da pesquisa. A confirmação parcial da hipótese leva à sugestão de continuidade do trabalho.

CAPÍTULO 1 – A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, O CORPO E A ESPIRITUALIDADE

1.1 A RELIGIÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

No transcorrer da história, a humanidade tem buscado o sentido para a sua existência. Com esse propósito, diferentes caminhos têm sido percorridos, principalmente pela experiência sagrada, por intermédio de vivências religiosas, e pelo autoconhecimento, por meio de variadas correntes.

Há uma linha imaginária que separa o humano do sobrenatural, como indicam os estudos antropológicos. Conforme explicou Oliveira (2015), esta linha é “às vezes evidente e contínua e, às vezes, incerta e descontínua” (p. 61), porquanto a compreensão da relação existente entre estes dois níveis é uma busca constante pretendida pelas pessoas “com o objetivo de superar suas limitações, ansiedades, sofrimentos e terem acesso ao poder superior e divino” (p. 62). Igualmente, auxilia o indivíduo a ter mais confiança na obtenção das suas necessidades, sejam materiais ou emocionais. Portanto, por meio da religião, fortalece-se a esperança do ser humano de conseguir concretizar a satisfação de suas necessidades em todos os níveis.

Ao trabalhar este tema com base em Geertz (2017), Lemos (2009) argumentou que a religião provê os elementos que garantem a nomia social, isto é, o sistema de símbolos que tem o papel de estabelecer disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos indivíduos, com a formulação de conceitos de uma ordem de existência geral. Diante das crises sociais enfrentadas no cotidiano e do sofrimento do homem diante da morte, a religião tem papel fundamental. É capaz de dar sentido aos acontecimentos, tornando a realidade sagrada e criando uma sustentação para a pessoa que sofre. Supondo-se que a ordem humana é projetada na totalidade do ser, a religião desempenha um ofício primordial. Por outro ângulo, a religião é uma tentativa audaciosa de conceber todo o Universo como significativo do ponto de vista humano (BERGER, 1985).

Definir esse sentido concedido pela religião é um desafio, por se tratar de uma sensação subjetiva e profunda. Neste estudo, pretendeu-se compreender dois

caminhos percorridos para alcançar o que Otto (2007) chamou de numinoso, a manifestação do sagrado em si ou o despertar da espiritualidade. Talvez seja este o conceito mais próximo para denominar o que transcende a realidade cotidiana. Um desses caminhos é o da religião católica cristã, através da observação e pesquisa do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, fundamentado nos preceitos do movimento Renovação Carismática Católica, enquanto outro é o de um grupo de formação e autoconhecimento de psicoterapeutas corporais denominado *Core Energetics*.

Para isso, aqui se investigou o que alguns autores definem como sendo o homem religioso e a necessidade de cosmificação e sacralização do mundo como uma forma de dar sentido e suportar a existência (BERGER, 1985; ELIADE, 2018; OTTO, 2007). Também se indagou a respeito da amplitude do que é ser um homem religioso e se, atualmente, isto implica estar vinculado a uma instituição religiosa.

Há diferentes definições para o termo religiosidade. Alguns autores a consideram um atributo de quem está inserido em uma religião. Lukoff (1992 apud FARIA; SEIDL, 2005) e Spilka e McIntosh (1996 apud FARIA; SEIDL, 2005) afirmaram que a conceituação de religiosidade inclui aspectos individuais e institucionais. Já Murakami e Campos (2012, p. 362) definiram religiosidade como:

[...] um sistema de culto e doutrina que é compartilhado por um grupo, e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas, representando uma dimensão social e cultural da experiência humana.

Como não há um consenso, aqui adota-se o conceito de religiosidade de Simmel (1997 apud RIBEIRO, 2006, p. 115), que a considera um modo de ser do homem, “uma dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência”. Por outro lado, para Simmel (2010, p. 33), “a religião não cria a religiosidade, mas é a religiosidade que cria a religião.” Trata-se de um conceito mais próximo de autores utilizados como referência neste estudo, como Otto (2007), Geertz (2017) e Eliade (2018).

Na concepção de Eliade (2018, p. 165), “[...] o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível”, pois ele tem uma

percepção dual do mundo constituído pelo sagrado e o profano. O espaço e o tempo também são experienciados dessa forma. O sagrado é uma realidade que dá sustentação, que traz confiança diante de qualquer dificuldade e fornece sentido à existência daquele que é religioso (ELIADE, 2018). Essa percepção ocorre à medida que a sensação do sagrado é comparada com o seu oposto, ou seja, o profano.

No espaço sagrado, tem-se a percepção de uma aura especial, por meio da qual se pode viver e reviver o tempo sagrado, que predispõe o encontro com o divino, o sobrenatural e as forças e as sabedorias ancestrais. Essa sensação de completude ressignifica o vazio, amorfo e ameaçador, característico e presente na realidade profana. A partir desta visão, há a fundação ontológica do mundo, na qual o ser se faz presente com sentido (ELIADE, 2018).

Os objetos também são percebidos de forma diferente nesse espaço sagrado, adquirindo um novo significado através da hierofania, que é a manifestação do sagrado. Pela delimitação de um certo ponto no espaço, caracteriza-se o centro do mundo, local determinado como aquele em que o homem religioso se comunica com o Céu e com todos os entes sagrados que fazem parte de sua crença. A partir disso, há a sua proteção em relação ao profano, confirmada pela presença no espaço sagrado e pela comunicação que este lhe garante (ELIADE, 2018).

Esse espaço de proteção não está representado apenas nos templos, mas também está presente nos lugares de vivências de autoconhecimento e transformação dos cursos e *workshops* de psicologia. Em ambos os campos de observação desta pesquisa pôde-se verificar o que os diferencia de outros locais comuns, aos quais não se atribui essa característica de espaço sagrado.

Tanto na prática psicoterapêutica, para a qual se estabelece um lugar fixo de encontros, construindo o *setting* terapêutico, como nos grupos de imersão de autoconhecimento, nos quais os encontros podem ser mais longos e ocorrer em locais próximos à natureza, observa-se maior disponibilidade da pessoa em se conectar com sensações mais profundas de paz e confiança, características da oferta alternativa de espiritualidade nos novos movimentos religiosos. Talvez seja esse o tempo da origem descrito por Eliade (2018), durante o qual o indivíduo sai da monotonia do profano e entra em um tempo de “paz” e, a partir desta experiência, passa a se empenhar para tê-la novamente.

Estar na igreja no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória ou na UNIPAZ DF, onde o grupo de formação de terapeutas em *Core Energetics* se reúne, é adentrar um espaço sagrado, em que as transformações ocorrem. A *Core Energetics* não necessariamente atrairá apenas os homens religiosos citados por Eliade (2018), mas também e principalmente aqueles que desejam se aprofundar em uma terapia que considere o humano como um ser corporal, mental, emocional e espiritual.

O sagrado é parte integrante do momento ético e racional das tradições religiosas e dos processos de autoconhecimento; porém, há um momento em que a característica racionalizada do sagrado se dissolve em uma sensação que é racionalmente inexplicável, a qual Otto (2007) chamou de numinoso. De acordo com o autor, essa categoria criada por ele é única e “somente se pode levar o ouvinte a entendê-la conduzindo-o mediante exposição àquele ponto da sua própria psiquê onde então ela surgirá e se tornará consciente” (OTTO, 2007, p. 39).

É através da aplicação da categoria chamada numinoso a um objeto real ou presumível que conscientemente nos sentimos criaturas. Este estado possui um status de fonte primária, que leva o homem a ter sensações que variam desde tremores até paz profunda e relaxamento. Trata-se de um sentimento oriundo de uma percepção humana interna (OTTO, 2007).

Durante os processos de autoconhecimento em psicoterapia corporal, quando há trabalhos de respiração e exercícios para desbloqueios físicos e energéticos, o corpo pode reagir com aumento de vibrações, tais como tremores involuntários (LOWEN 1977a). Ao ficar livre das limitações físicas, que podem estar sendo impostas por espasticidades crônicas, a pessoa se liberta dos medos inconscientes, o que a torna capaz de amar (LOWEN, 1977b). Ao final da atividade, o indivíduo pode ter a sensação de paz profunda e relaxada, semelhante ao estado descrito por Otto (2007). Embora a obra de Otto (2007) esteja atrelada ao estudo do sagrado enquanto expressão da concepção cristã do divino, trata-se de uma abordagem do elemento irracional na ideia do divino e sua relação com o racional.

Os elementos que compõem a parte irracional do sagrado são descritos a partir da reação sentimental que se vivencia diante do objeto numinoso, uma vez que este pertence ao plano da experiência vivida e religiosa. Nesse cenário, Otto (2007) descreveu as características que definem o numinoso.

Uma dessas características do numinoso é o aspecto *tremendum* (arrepante). É uma reação diferente do temer, pois “esse receio pode afetar os ossos, fazer o pelo arrepiar e tremer os joelhos, embora também possa aparecer muito levemente como comoção anímica evanescente e quase imperceptível” (OTTO, 2007, p. 48). É um temor avassalador diante do mistério, do grande.

Outro aspecto é o *majestas* (avassalador), definido como:

[...] aquele “sentimento de criatura” que contrasta com o avassalador, sentido objetivamente; trata-se da sensação de afundar, ser anulado, ser pó, cinza, nada, e que constitui a matéria-prima numinosa para o sentimento de “humildade” religiosa (OTTO, 2007, p. 52).

O terceiro aspecto é denominado *enérgico*. “Pode-se senti-lo vivamente, sobretudo na orgê [ira], expressando-se simbolicamente na vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, comoção, excitação, atividade, gana” (OTTO, 2007, p. 55).

Há também o aspecto *mysterium* (totalmente outro), que traduz o espanto, o pasmo estarecido diante de algo totalmente diferente, com estranheza absoluta (OTTO, 2007). Em adição a esses, existe o aspecto *fascinante* (atraente), que além de desconcertante, é cativante, arrebatador e encantador (OTTO, 2007). E, por fim, cita-se o aspecto *assombroso*, que pode ser caracterizado como “um sentimento de receio genuinamente numinoso em todos os seus aspectos, diante do ‘prodígio’ que é o ser humano” (OTTO, 2007, p. 79).

Diante da complexidade e irracionalidade do numinoso descrita por Otto (2007), faz-se necessário refletir sobre as sensações despertadas por este estado. Compreender profundamente cada aspecto que deriva ou faz parte do numinoso pode facilitar a compreensão das manifestações e dos fenômenos percebidos e relatados nos campos de observação desta pesquisa. Houve um reconhecimento por Otto (2007) de que o numinoso se trata de uma possibilidade universal humana a priori. O autor enfatizou que o sagrado é algo completamente diferente do que o homem está acostumado no seu dia a dia, porquanto se trata de um poder que impressiona e fascina.

À vista disso, tanto os conceitos de Eliade (2018), que descrevem a importância do espaço para a manifestação do sagrado, quanto os ensinamentos de Otto (2007) sobre a descrição da irracionalidade do numinoso podem ajudar a

fundamentar as indagações e as observações da presente pesquisa. As reações vividas pelos participantes dos rituais do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e as vivências experienciadas no grupo de *Core Energetics* podem suscitar sensações caracterizadas como numinosas. Conseqüentemente, é fundamental perceber as nuances de similaridades e diferenças destas experiências que ocorrem nos ambientes religioso e não religioso para, então, validar ou não a hipótese levantada neste estudo, de que há diferença entre a espiritualidade advinda do grupo de oração Pastoral Missão Marca da Vitória, de tradição cristã, e aquela alcançada por autoconhecimento.

Além do sagrado percebido como uma possibilidade para nos tirar da normose cotidiana e manifestado através da categoria numinosa (ELIADE, 2018; OTTO, 2007), torna-se necessário considerar e compreender o homem religioso e o que o compõe a partir da observação da sua cultura.

Weil, Leloup e Crema (2017) definiram a normose como a doença da normalidade, manifestada por seres humanos normóticos, que utilizam todos os recursos comportamentais para se adaptar ao sistema. Esses comportamentos podem ser representados por culto ao corpo, obsessão pela moda, consumismo e outras tendências que levam à competição e às guerras. Viver nesse estado é estar adoecido, alienado.

Diferenciando a normose geral das normoses específicas, consideraram Weil, Leloup e Crema (2017, p. 15) como a primeira “aquela que pode levar ao suicídio coletivo”, enquanto entre as específicas, citou a normose religiosa. Para Weil, Leloup e Crema (2017, p. 16), a normose religiosa é exemplificada por aquelas religiões que “criam consenso de massa, jogando povos contra povos” e acrescentou: “Em nome de qual Deus? Isso é patológico”. Na normose, há um aspecto automático e inconsciente. Assim, por exemplo, segue-se uma religião porque está na moda ou para pertencer a tal grupo. Nota-se, portanto, uma cisão, uma alienação, diferente da inteireza manifestada através do numinoso.

Para compreender o homem religioso que busca o sagrado, pode-se, então, contar com os estudos de Geertz (2017). Para o autor, o homem religioso faz parte de um contexto com símbolos e significados. Com base em Geertz (2017), pode-se ampliar a compreensão acerca da religião e de suas influências para além do templo.

Também é possível verificar os matizes e as influências dos aspectos religiosos dos indivíduos que buscam a espiritualidade e o sagrado, atores da presente pesquisa.

Quando se considera o conceito de religião na perspectiva de Geertz (2017), verifica-se que esta é analisada a partir da cultura, a qual é definida como

[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 2017, p. 66).

Conforme Geertz (2017), ao identificar os símbolos pertencentes a uma determinada cultura, pode-se compreender os conceitos morais e estéticos que a compõem, assim como o modo de vida por ela modulado, auxiliando na aproximação e na comunicação. Os conceitos fundamentais descritos pelo autor, sintetizados pelos símbolos sagrados, são *ethos* (estilo de vida particular) e visão de mundo (metafísica específica). A religião faz um ajuste das ações humanas a uma ordem cósmica, e no plano da experiência humana esta ordem é projetada.

Vale lembrar o conceito de corporeidade defendido por Csordas (2008) como estando além da representação e do discurso, porém incluindo estas dimensões. O corpo não é mero instrumento, corpo significado, nem como lugar de inscrição da cultura, “mas é o corpo fenomênico, como *locus* da cultura, meio de sua experimentação do ‘fazer-se humano’ em suas múltiplas possibilidades” (CSORDAS, 2008, p. 11). O corpo passa a ser o solo existencial do sujeito e da cultura.

Então, tem-se o entrelaçamento da religião, da cultura e do corpo. Assim, pode-se refletir sobre a influência da religião que contém e expressa o *ethos* (GEERTZ, 2017) de um povo e do corpo que também é o *lócus* da cultura (CSORDAS, 2008).

Como Geertz (2017) enfatizou muito a importância do símbolo para a busca de sentido e significado, observar e compreender os rituais utilizados tanto na tradição cristã no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória quanto no grupo de autoconhecimento da *Core Energetics* pode facilitar o entendimento das motivações das pessoas que compõem estes espaços. Nessa perspectiva socioantropológica, a religião é descrita como:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da

formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2017, p. 67).

É instigante pensar em investigar esta aura de fatualidade, uma vez que se imagina que não necessariamente haverá um elemento externo como um dos agentes motivadores da busca do despertar da espiritualidade. Na hipótese levantada no presente estudo, esta pode ser uma das diferenças entre os dois grupos pesquisados, pois a percepção do sagrado pode vir de fontes diferentes em cada um deles. Geertz (2017) pode auxiliar nesta análise a partir da sua consideração de que a religião expressa o *ethos* de um povo e esta população se expressa por meio dos seus corpos, os quais contêm elementos e influências religiosas.

Os crentes são induzidos a determinados hábitos, tendências, compromissos e habilidades a partir dos símbolos religiosos. A história individual dos sujeitos, assim como a devoção e os aspectos sociais e políticos, influenciam nas atividades dos cristãos e na qualidade da experiência vivenciada (GEERTZ, 2017).

A religião forma um todo com a cultura, não tendo princípios e nem fronteiras fixas nesta interação. Afinal, como explicitou Oliveira (2015, p. 40), “a religião, como a arte, a economia e o parentesco, constitui um sistema simbólico, principal instrumento para a formação do mundo cultural”.

Geertz (2017) fez uma ressalva de que nem todas as manifestações culturais são religiosas. Diante dos múltiplos propósitos que as formas simbólicas e sociais apresentam, essa distinção é trabalhosa. Diferentes olhares podem ocorrer durante as apresentações religiosas e socioculturais. Para os que creem, estar nessas manifestações e delas participar pode significar um “modelo de” e “um modelo para” a crença se manifestar, enquanto para o homem não religioso, o interesse nelas pode ser estético ou científico. A partir dessa afirmação de Geertz (2017), parece que a predisposição do indivíduo enquanto ser que quer se conectar com o sagrado influencia o despertar da espiritualidade.

Geertz (2017) destacou a importância de compreender profundamente o sistema de significados incorporados nos símbolos e expressos nos diferentes rituais religiosos, bem como a relação desses sistemas com os processos socioestruturais e psicológicos. O simbolismo religioso é mágico e de fundamental importância para compreender as sociedades e suas culturas. O ato de ligar o homem a uma ordem

sobrenatural é extremamente simbólico e tem característica social. Geertz (2017, p. 95) declarou que “um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso”. Somente compreendendo profundamente tais rituais, sem banalizá-los através do senso comum, se pode começar a entender a relação determinante da religião na vida social e psicológica do homem. Observar e indagar sobre as reações dos que participam dos rituais do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e dos exercícios e vivências da *Core Energetics*, traçar uma correlação com o que já faz parte de um contexto a priori, o que sustenta e dá significado a esta busca constituem alguns dos objetivos da presente pesquisa.

Na contemporaneidade, notam-se mudanças nos rituais religiosos. Uma delas é a utilização de recursos tecnológicos para arrebanhar e atingir um maior número de fiéis. Ao dar enfoque à perspectiva religiosa, buscaram-se os autores que tratam de ambos os conceitos – modernidade e pós-modernidade –, até certo ponto polêmicos e em construção, mas que podem auxiliar na compreensão das mudanças no cenário religioso.

Barth (2007) afirmou em poucas palavras que do moderno nasce a modernidade e que esta se transforma em pós-modernidade. A modernidade, que surgiu a partir da revolução industrial, foi sofrendo crises e houve a necessidade de mudanças. Por ser um momento de mudança de paradigmas e do surgimento de novas formas de estar na vida e estabelecer novos valores, a modernidade faz parte de um novo tempo ainda não delineado que busca superações.

Já a pós-modernidade interliga-se com uma série de condições que englobam

[...] uma série de fatores que vão desde a crise da industrialização, da massificação dos meios de comunicação e transporte, da informática, da eletrônica, da telemática, se reforça com as mudanças sociais marcadas pelo desenvolvimento econômico e a crise do mercado, a diversificação e crise das instituições sociais, a urbanização crescente e o surgimento das megalópoles, dos protestos e lutas sociais, da alteração de papéis sociais, passando pelo crise do racionalismo, a eliminação de mitos, a quebra de tabus e preconceitos, a secularização e, finalmente, a um retorno ao sentimento, a explosão religiosa e a um novo comportamento diante do mundo, do outro, de si mesmo e de Deus (BARTH, 2007, p. 90).

Mardones (1996) reiterou que a vida feliz e perfeita que se buscava na pós-modernidade não foi possível.

Diante desse cenário, o homem passou a ser consumidor e a religião perdeu a sua importância como geradora de sentido, cedendo lugar à economia e dando surgimento a uma cosmovisão pluralista, de acordo com a qual, há grupos religiosos diversos buscando espaços de coexistência. Houve aumento da pluralização tanto quantitativa quanto qualitativamente na modernidade. O pluralismo moderno (físico e demográfico) acarretou um enorme relativismo do sistema de valores e da interpretação, gerando dificuldades para que as pessoas encontrem um caminho com sentido, gerando uma agonia em escolher (BERGER; LUCKMANN, 2012). Não há mais um padrão, uma uniformidade. Há projetos com contradições e fragmentos.

Porém, a busca não cessa e novas instituições de produção de comunicação e sentido surgem, exibindo uma pluralidade de modos de pensar e viver. Na perspectiva pluralista, caracteristicamente se indaga se os parâmetros que regem a vida como um todo são os melhores diante de tantas ofertas. Há uma busca em sair da estreiteza existencial antiga para uma desconhecida. Nesse contexto, Berger e Luckmann (2012) salientaram que há pessoas que conseguem lidar com estas mudanças e permanecer estáveis; no entanto, a maioria sente-se insegura e confusa. E aí emerge o papel das instituições, aliviando as dúvidas e o sofrimento. Contudo, dentro do paradigma de modernidade e pós-modernidade, as instituições precisam ter propostas inovadoras. Tornou-se importante acolher o pluralismo assegurando o respeito às convicções e evitando fanatismos e falsos absolutos.

Nesse ponto, houve o surgimento de uma nova onda que rejeitava a instituição tradicional e, de uma forma lenta, pôde ir constituindo um novo espaço religioso. Dentro dessa perspectiva, o movimento Renovação Carismática Católica, que fundamenta o grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, é novo dentro da Igreja Católica e a *Core Energetics* também faz parte dos estudos mais modernos da psicologia, os quais consideram os aspectos transpessoais do indivíduo.

O grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, observado na pesquisa, tem rituais diferentes da celebração católica tradicional. Embora não rejeite a instituição, é conduzido pelo Espírito Santo, que inspira a oração para as curas. Porém, na acepção pós-moderna citada por Mardones (1996), são utilizados por este grupo recursos tecnológicos de transmissão ao vivo via Internet de seminários e novenas. Por este meio, o fiel receberá a graça que deseja alcançar ao final da sequência de encontros, o que gera uma fidelização ao grupo. Todos esses recursos

tentam evitar o abandono da instituição e, simultaneamente, acolher o pluralismo moderno citado por Berger e Luckmann (2012). Na concepção desses autores, essa não é uma tarefa fácil, mas admitem que acreditam na possibilidade de lidar com as diferenças de forma positiva mantendo uma experiência de fé. Dessa maneira, o grupo enfrenta o desafio de manter as convicções sem torná-las absolutas, evitando o fanatismo, mas ao mesmo tempo impedindo que sejam relativizadas a tal ponto que não supram a expectativa de trazer o sentido buscado pelas pessoas.

Mardones (2006) observou que, na atual conjuntura, é perceptível a busca pelos crentes de mestres que se aproximem deles a partir do relato de suas próprias experiências, assim resgatando o mistério. Esse resgate também pode ser feito através do silêncio, que gera indagações e criatividade, assim como dos símbolos e rituais, experienciados de uma forma que o sentido que se busca possa ser encontrado. Em sintonia com esse contexto, o condutor do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória não é um sacerdote, mas um jovem com grande capacidade de se aproximar dos fiéis utilizando uma linguagem moderna, bem como executando gestos corporais que motivam os fiéis a expressar suas emoções.

Mardones (1996) preconizou que, no âmbito individual e coletivo, tem havido uma busca por liberdade espiritual. Por consequência, percebe-se crescente ritualização e sacralização do culto ao corpo como manifestação do sagrado, do lugar hierofânico. O autor percebeu essa inclusão como positiva, já que para ele não há religião sem rito, sem mito e sem corpo.

Na concepção de estudiosos da modernidade e pós-modernidade,² vem ocorrendo um processo de “crise social”, acarretando o pluralismo moderno, que leva a um enorme relativismo de sistemas de valores e interpretação discutido anteriormente a partir de Berger e Luckmann (2012). Essa “crise social” repercute em uma nova ética, uma nova sociedade, um novo homem e uma nova religião (BAUMAN, 1998; MARDONES, 1996).

Bauman (1998) também discorreu sobre a mudança na forma de cuidar dos aspectos transcendentais. Em sua opinião, na atualidade, há pouco tempo para cuidar das inquietações existenciais ou mesmo da vida após a morte. As preocupações

² Não há pretensão neste estudo de se aprofundar as diferenças entre os dois termos, porém escolheram-se autores que tratam destes termos vinculados à religião.

atuais giram em torno de resolver problemas da vida cotidiana. A consciência do impacto da mortalidade foi desconectada da significação religiosa. Isso se deu através da terceirização dos cuidados com a morte, do isolamento do doente que se encontra próximo à morte, da recusa em abordar o tema e da redução do tempo da cerimônia fúnebre. A preocupação do homem contemporâneo se concentra em medidas que podem melhorar a sua saúde. O progresso da medicina tornou a morte um evento mais previsível, racional e lógico; desse modo, não é necessário alocar tempo para refletir além disso. Em oposição ao evento privado que se tornou a morte de alguém próximo, há a banalização da morte humana em noticiários, filmes e até nos jogos virtuais infanto-juvenis e adultos.

Então, a morte deixou de ser um acontecimento extraordinário da religião, passando a ser percebido como o último episódio da história humana. Nesse viés, o homem moderno está interessado em viver os capítulos de surpresa e aventura. Bauman (1998, p. 219) frisou que resta pouco para o especialista religioso fazer diante do fim, uma vez que

Nada ocorre depois que a história acaba — e, assim, aqueles que se fazem encarregados desse *nada*, os especialistas religiosos, não têm muito a oferecer àqueles que estão absortos em viver a história... E as histórias vividas pelos homens modernos são de fato absorventes.

Por conseguinte, houve um deslocamento das preocupações para os acontecimentos diários. A insegurança básica dos indivíduos passou a ser calcada em como seguir o curso da vida e em como manter a onipotência humana. Sua busca por ajuda tem como foco a manutenção dessa eficácia. Afinal, “os homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista que possa, ou sustente que possa transformar a incerteza de base em preciosa auto segurança [...]” (BAUMAN, 1998, p. 221).

Na pós-modernidade, os indivíduos necessitam de especialistas que lhes reafirmem que são capazes e lhes deem orientações sobre como resolver as dificuldades, de modo que possam se tornar cada vez mais autossuficientes, com prazer e acúmulo de sensações. É uma realidade diferente do que ocorria na era pré-moderna, quando os pregadores ressaltavam as insuficiências humanas e a morte (BAUMAN, 1998).

Diante das contradições internas da vida pós-moderna, Bauman (1998) registrou o surgimento de uma nova religião, que demonstra os males da sociedade: o fundamentalismo. Os fiéis que buscam essa religião são os que falharam diante do consumismo, aqueles ressentidos pela constatação da insuficiência humana, aqueles que não foram capazes de obter tudo que o discurso capitalista de prosperidade propõe. Consequentemente, surgiu na nova religião uma luz de apoio, pautada pela “irreparável fraqueza do indivíduo humano, comparada com a onipotência da espécie” (BAUMAN, 1998, p. 228). O fundamentalismo religioso abraçou o culto do aconselhamento e da orientação profissional, a preocupação com a autodisciplina e prometeu “emancipar os convertidos das agonias da escolha” (BAUMAN, 1998, p. 228). Os convertidos sabem para onde olhar, e sempre haverá uma autoridade suprema que os orientará. As normas passaram a ser do grupo, sendo, então, corrigidas as insuficiências individuais.

Enquanto o mercado suscita insegurança diante da oferta de escolhas, a racionalidade fundamentalista promove segurança e certeza. A religião fundamentalista³ legisla sobre os diferentes aspectos da vida do fiel, aliviando a carga de responsabilidade imposta pela crença estabelecida pelo mercado no mundo pós-moderno, no qual se prega que tudo aquilo que se quer, se consegue, embora para muitos indivíduos isto não seja possível.

No decorrer de seu processo de secularização na era pós-moderna, a religião não é encerrada; pelo contrário, ela “ganha novas formas e contornos, novos sabores, em uma dinâmica que, ao mesmo tempo que se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde” (HERVIEU-LÉGER, 1993 apud BRANDÃO, 2016, p. 67). Nesse novo cenário, surgem os indivíduos que ainda buscam sentido para a sua existência, porém não se satisfazem com o que as religiões tradicionais lhes proporcionam. Talvez parte dessas pessoas que compõem este universo pós-moderno serão encontradas nos grupos aqui pesquisados. Conhecer as características da nova sociedade líquida de Bauman (1998), compreender o pluralismo de Berger e Luckmann (2012) e as

³ Apesar desse tema não ser o foco de investigação desta pesquisa, é importante a sua compreensão, pois na investigação de um grupo religioso, caso apareçam nuances fundamentalistas no transcorrer das entrevistas, a análise deve ser feita sem julgamentos e contextualizada a partir da compreensão de alguns efeitos da pós-modernidade. Verifica-se, portanto, que a importância da religião como forma de busca de sentido para a existência humana continua presente. Novas fontes motivadoras têm aparecido, inspirando rituais e criando performances para atrair a adesão dos fiéis na pós-modernidade.

reflexões de Mardones (1996, 2006) pode ser de grande auxílio para a análise dos temas e indivíduos pesquisados.

1.2 O CORPO HUMANO, SOCIAL, PSICOLÓGICO E SAGRADO

Nesta pesquisa, o corpo é uma referência na observação prática dos rituais e vivências em ambos os grupos pesquisados e considerado um agente que contém uma história individual e social. Portanto, é aqui explorado a partir de alguns autores que o examinam como instrumento de diagnóstico, transformação e manifestação do novo. Além disso, considera-se a importância de compreender como a percepção do corpo influenciou nas relações e na visão de mundo das pessoas ao longo da história, e seus reflexos históricos percebidos ainda hoje. Neste estudo, o corpo é o veículo de manifestação da espiritualidade, do sagrado (hierofania), e a representação de diferentes aspectos dos sujeitos estudados.

Dado que o corpo pode ser explorado nas mais diversas dimensões, pesquisá-lo é uma tarefa complexa. Além de ser o arcabouço físico do ser humano e marcar sua existência material, o corpo compreende as formas de se relacionar, de interagir, de refletir sobre e com o mundo (FERREIRA, 1999). Trata-se de uma construção, obviamente concreta, mas moldável, conforme os valores e a cultura provenientes da sociedade na qual está inserido. Cada cultura, cada sociedade inserida em um contexto histórico age sobre o corpo. Por isso, compreender a história do corpo é caminhar na história da civilização (ROSÁRIO, 2002).

Como se pretendeu no decorrer da presente pesquisa verificar como o corpo pode ser uma dimensão necessária para o despertar e o experienciar da espiritualidade, faz-se necessário compreender como este foi sendo observado, refletido, sentido e incluído ao longo da história da religião e da psicoterapia. Entre as várias concepções de corpo presentes nas mais diversas áreas das ciências sociais e humanas, destaca-se a percepção de que este engloba uma inesgotável fonte de símbolos. Em adição a isso, o corpo é o primeiro e o mais sensível patrimônio dos indivíduos e, ao mesmo tempo, um locus de produção e expressão de sentido (GOLDENBERG, 2002). A sociedade contemporânea tem sido testemunha do crescente interesse em torno do culto ao corpo, com destaque para a exposição do

que antes era escondido e, aparentemente, controlado (GOLDENBERG; RAMOS, 2002). Ao longo da história, o corpo foi sendo percebido de diferentes formas.

1.2.1 O Corpo na Grécia Antiga

Alguns fatores contribuíram para a imagem diferenciada do corpo grego. Por se localizar no Mar Mediterrâneo, a Grécia situava-se em uma rota marítima privilegiada na Antiguidade, porém com dificuldade de locomoção em terra devido ao território montanhoso. Assim sendo, era necessário haver homens fortes tanto para defender o território como para trabalhar na agricultura nas terras montanhosas (SANTOS, 1997). Nesse contexto, através do esporte e da arte da guerra, o corpo grego era modelado. A busca pela harmonia entre corpo e beleza era uma constante na civilização grega. O Império Romano incorporou as representações do corpo grego com algumas modificações e, a partir daí, a conversão do corpo helênico no corpo cristão durou muitos séculos (ARAUJO, 2007).

No período clássico da Grécia Antiga, alguns pensadores, como Platão (427–347 a.C.), viam “o corpo como um acessório, ou até mesmo uma morada da alma”, em uma concepção fragmentada (RODRIGUES, 2013). Havia uma presença marcante da dualidade entre o material e o espiritual. O corpo de uma humanidade que está encarnada e distante do Céu seria o túmulo da alma. O corpo representaria o mundo real, sendo considerado inferior e limitado, em contraposição à alma, tida como perfeita, eterna e imutável. Nessa época, portanto, tudo o que se relacionava ao âmbito das ideias era considerado nobre e restrito à aristocracia, ao passo que os trabalhos mecânicos, que exigiam esforço físico, eram cumpridos pela plebe (DUMONT; PRETO, 2005).

De acordo com este princípio platônico, o homem era uma ser espiritual ou incorpóreo preso no corpo como uma sela. O corpo seria uma “traição da alma, da razão e da mente, e sua prisão” (GROSZ, 2000, p. 8). Nos primeiros séculos do cristianismo, essa tradição platônica dualista de corpo mortal e alma imortal contribuiu para alimentar um certo desprezo pelo corpo. A relação entre dominador e dominado, amparada por uma hierarquia natural, tinha o objetivo de gerar harmonia interna ao Estado, à família e ao indivíduo, evidenciando uma das primeiras representações do

corpo político (GROSZ, 2000). Foram estes os primeiros fundamentos da teologia cristã, dentro de uma organização sociopolítica.

Para que se tivesse uma mente equilibrada e brilhante na Grécia Antiga, o corpo deveria ser bem cuidado, treinado. O corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. Esta referência estética de aprimoramento é válida ainda hoje. Segundo Dodds (1988), o corpo era um artifício a ser criado numa civilização que alguns helenistas chamam de “civilização da vergonha” por oposição à cristã, que seria uma “civilização da culpa”.

Mezan (2005) explicou que em uma civilização aristocrática só se conhecia a vergonha despertada quando um herói, por perturbação da alma ou obscurecimento da consciência, cometia algum agravo, às vezes até enviado pelos deuses (agentes sobrenaturais) com algum propósito. A preocupação era em relação à sua reputação pública, diferentemente da culpa cristã que aparece na relação com Deus.

Ao pesquisar a relação dos gregos com seu corpo, compreende-se o funcionamento social, filosófico e político daquela sociedade. Para os gregos, tanto o intelecto quanto o físico eram relevantes, não sendo o prazer dissociado do corpo. Além de exercícios físicos, a meditação também era uma prática adotada por eles. Em cada fase da vida, o corpo tinha uma representação própria de beleza (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Os corpos gregos eram apreciados para a exposição e para o combate. As competições eram provas exigidas pelos deuses, além de propiciar aos vencedores um status social privilegiado.

Entretanto, nas cidades gregas, as normas quanto à exposição dos corpos femininos e masculinos eram diferenciadas. Aos homens era permitido que andassem nus nos ginásios e com vestes soltas na cidade; aos corpos femininos era facultado o uso de roupas leves em casa, considerando-se que estas seriam suficientes, enquanto para a sua saída às ruas, impunha-se que seus corpos fossem totalmente cobertos (TUCHERMAN, 2012). O direito a bebida, comida e sexo, ou seja, aos prazeres, era dado somente aos cidadãos, excluindo-se as mulheres e os escravos (ROSÁRIO, 2002).

As representações artísticas no início do século III a.C. expunham dramaticidade e movimento corporal. Além disso, havia uma diversidade nas representações de corpos nus e vestidos, debilidade e força física, vida e morte. Essas

acepções foram modificadas a partir da dominação política pelo Império Romano, chegando até a abolir as olimpíadas no século IV, medida adotada pelo Imperador Teodósio. Naquele momento, apesar de se atribuir ao corpo um valor pagão, a arte romana continuou expressando o ideal de beleza grego-helenística (GOMBRICH, 1999).

Este cuidado com o corpo foi também aconselhado pelos filósofos nos séculos I e II, incluindo entre as recomendações regimes dietéticos, exercícios rigorosos, meditações e leituras. Tudo isso com a intenção de preservar tanto o corpo quanto a alma. No mundo helenístico e romano, esta postura acarretou um individualismo nas pessoas, as quais se tornaram mais independentes e voltadas para os próprios interesses, o que foi denominado por Foucault (1994) como cultura de si advinda do cuidado de si.

Pode-se entender este cuidado de si como uma prática em que o indivíduo se volta para os seus próprios pensamentos, o que acarreta uma nova forma de se ver, um processo de autodescoberta, que também culmina em nova forma de tratar o outro, gerando novas formas de reflexão. E o corpo está inserido neste cuidado. Foucault (2010 apud LUGER, 2011, p. 24) diferenciou a cultura de si da ascese cristã, porquanto as práticas de si não podem ser confundidas

[...] com a ascese cristã, que consistia de exercícios progressivos que visavam ao final a renúncia completa de si, mas, pelo contrário, de uma relação que visava a constituição de si, a formação de uma certa relação de si para consigo que fosse plena, acabada, completa, autossuficiente.

1.2.2 O Corpo Segundo a Tradição Cristã

Faz-se necessário entender as concepções de corpo que prevaleciam durante a Idade Média, uma vez que muitos dos comportamentos ainda hoje existentes, como esconder o corpo, foram concebidos naquela época, inclusive nossas atitudes, tais como a vergonha em relação ao corpo (LE GOFF; TRUONG, 2006). As práticas corporais, tanto na psicoterapia quanto na religião, são ainda percebidas como algo incomum.

Uma vez mais, o corpo servia como instrumento de consolidação das relações sociais. Como na Idade Média prevalecia a função agrária, era imprescindível ter boas condições físicas para trabalhar na terra e, assim, o corpo tinha uma função social. Na época, havia a rigidez das castas, que impossibilitava a ascensão social. A presença marcante da força das instituições religiosas, principalmente da Igreja Católica, limitava as manifestações criativas e sustentava uma contenção corporal. A moral cristã restringia as práticas de culto ao corpo, pois eram tidas como pecaminosas, dado que o corpo era considerado corrupto e, por isto, reputado um empecilho para o desenvolvimento da alma (PELEGRINI, 2004). Essa contenção corporal foi explorada nesta pesquisa durante a observação do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, através dos rituais carismáticos da Renovação Carismática Católica, em que há muitos movimentos corporais, e também no grupo de autoconhecimento, pois o caminho para alcançar o estado de maior plenitude perpassa pela liberação do corpo das repressões e dos medos, alcançada por intermédio de exercícios corporais.

No cristianismo, o corpo sempre manteve a característica de fé, uma vez que o corpo crucificado e glorificado de Cristo é compartilhado por todos os cristãos na comunhão. Afinal, a encarnação de Jesus foi o resgate da humanidade concedido pelo gesto salvador de Deus (LE GOFF; TRUONG, 2006).

O cristianismo prega a “irmandade em Cristo”, propondo, no lugar de uma moral assimétrica e livre, uma moral que está em simetria e é mediada pela figura do próprio Cristo, filho de Deus. Este se tornou corpo e carne e morreu na cruz para salvar a humanidade. Partindo-se do princípio de que todos são filhos de Deus, feitos à Sua imagem e semelhança, assim como ocorreu com Cristo, todos devem suportar o sofrimento como uma experiência comunitária do corpo. No entanto, a partir do mito de Adão e Eva, todos os homens já nascem pecadores. Com base nessa premissa, o corpo pecaminoso necessita ser guiado por um pastor. E já que o corpo é a sede dos pecados da carne, o cristão deve investir no aprimoramento de sua alma (TUCHERMAN, 2012).

Este corpo pecaminoso que precisa ser guiado pelo pastor, responsável pelo conjunto do rebanho e por cada uma das ovelhas diante desta dupla e radical diferença de temporalidade, a saber o corpo-para-a-morte e o que ressuscitará, fará uma cisão, até então não cristalizada tão opostamente na experiência ocidental, entre o corpo e a alma e, por muitos séculos eles serão antagônicos devendo os cristãos, guiados por seus pastores, investir no

aprimoramento da alma, já que o corpo é a sede dos pecados “da carne” (TUCHERMAN, 2012, p. 33).

Os castigos, os autoflagelos e as execuções públicas, marcas da Idade Média, assim como as condenações pelo tribunal do Santo Ofício (Inquisição), realizado no século XIII pelo Papa Gregório IX, oficializaram a repressão do corpo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Por intermédio do sofrimento e da dor, os cristãos obteriam a salvação. Dessa maneira, o martírio se revelava como um atributo de uma minoria eleita. Os cristãos submetiam seus corpos a situações insalubres com o objetivo de fortalecer e elevar o espírito para o encontro com Deus (GÉLIS, 2008). O corpo era o objeto de sacrifícios para percorrer o caminho espiritual e, assim, obter a fé e se tornar cristão (TUCHERMAN, 2012).

Santo Agostinho (354–430 d.C.), que foi teólogo e bispo de Hipona, considerava o corpo como instrumento pecaminoso e contribuiu para a concepção da doutrina sobre o pecado original (SALINAS, 2012). A vida monacal foi, então, fundamentada a partir da ideia de culpabilidade e angústia (DUMONT; PRETO, 2005).

A partir da visão de Santo Agostinho, compreende-se que o corpo é orientado para o sacrifício, já que só a alma é eterna. E com base na visão cristã, de acordo com a qual todos nascem pecadores (mito de Adão e Eva), não há saída: todos têm de suportar o sofrimento.

Ao estar associado com o material e o terreno, o corpo seria a prisão da alma. Tornou-se culpado, perverso, necessitando de dominação e purificação por meio da punição. No cristianismo, o corpo sempre teve uma característica de fé, dado que é crucificado, glorificado e comungado por todos os cristãos (DUMONT; PRETO, 2005).

Le Breton (2018) destacou que a tradição cristã compreende a dor como imprescindível, estando vinculada ao pecado original, sendo uma oportunidade de participar dos sofrimentos de Cristo na cruz. Nesse sentido, há, “no centro da moral cristã, uma desconfiança muito aguda em relação aos prazeres carnavais, porque eles mantêm o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar na direção de Deus” (FLANDRIN, 1985, p. 135).

Tucherman (2012, p. 35) alertou para a vivência de “não-lugar” e “não-cidade”, porquanto o corpo narrativo das histórias de Cristo é um corpo nômade, “cuja promessa aos que o seguiam era a de um sentido divino nas jornadas que levavam a

lugar nenhum.” Havia uma proibição pelo próprio Cristo de não manter laços com o lugar e com os prazeres, servindo isto de estímulo aos rompimentos das relações da carne, promovendo um corte na ideia de corpo e no próprio corpo.

Percebe-se, então, que a visão atual que temos do corpo como ocidentais herdou muito dos conceitos cristãos. Destarte, essa influência implica uma dualidade, pois ora o corpo deve ser reprimido com a intenção de obter a salvação, ora se torna glorificado, tendo Deus um corpo de homem, mas que, ao tornar-se homem, foi sacrificado.

O sacrifício do corpo, na atualidade, está presente na busca pela estética perfeita, como afirmou Le Breton (2013, p. 30): “O homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua ‘saúde potencial’”. Na sociedade capitalista de consumo, a revalorização do corpo ocorreu como símbolo econômico, pois o corpo é “enquanto *capital expressivamente mobilizável*, integrado numa florescente, diversa e cada vez mais sofisticada indústria de engenharia biológica e de *design* corporal” (FERREIRA, 2009, p. 5, grifos do autor).

Na tradição cristã, sacrificar o corpo, como já mostrado anteriormente, é muito comum. Parece que esta concepção foi, de alguma forma, incorporada pela estética, de acordo com a qual, os deuses do mercado da moda exigem este sacrifício. Assim, torna-se possível compreender como uma comunidade religiosa que se permite dançar, louvar e receber os dons do Espírito Santo no corpo experientia e sustenta esta satisfação pautada nos conceitos de sacrifício cristão e nos cuidados necessários com o corpo, de modo a preservar uma boa aparência, tendo saúde e se inspirando na jovialidade emanada pelo pregador.

1.2.3 O Corpo do Renascimento à Idade Moderna

No período do Renascimento, de meados do século XIV até o final do século XVI, o corpo passou a ser objeto de estudo para a ciência. Nas obras de arte de Leonardo da Vinci, além do corpo ser retratado de forma anatômica, no desenho intitulado Homem Vitruviano também há um conceito matemático, simbolizando a

simetria básica do corpo humano e deste com o Universo. Igualmente, as esculturas de Michelangelo representam corpos anatomicamente perfeitos.

Já o pensamento iluminista, a partir do século XVII, conferia ao corpo um plano inferior, uma vez que a razão o sobrepôs, passando a ser a única forma de conhecimento científico (PELEGRINI, 2004). Esta época foi fortemente influenciada pela Antiguidade clássica, e com os trabalhos de René Descartes, a concepção dualista corpo–alma ressurgiu inaugurando o racionalismo da Idade Moderna. Então, surgiu o método analítico, fruto da fragmentação do saber e dos seres, mudando-se a relação do pensamento com a cultura, havendo uma ancoragem em oposições: letrado x analfabeto, masculino x feminino, dominante x dominado, sociedade x indivíduo, espírito x matéria (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011; PELEGRINI, 2004).

Com o advento do capitalismo, no século XVIII, o corpo passou a ser uma máquina manipulável que acumulava capital, sendo a disciplina uma nova forma de poder que passou a regê-lo. O espaço, o tempo, os movimentos corporais eram todos controlados para a obtenção de lucro. O corpo precisava, simultaneamente, ter saúde para ser produtivo e adequar-se aos padrões de beleza para sustentar o consumo (ROSÁRIO, 2002).

Porém, desde a revolução industrial até os dias atuais, com o elevado desenvolvimento técnico-científico, as classes dominantes têm tido acesso a práticas de cuidado com o corpo. Esses cuidados acarretam aumento da expectativa de vida. Além disso, a facilitação da comunicação e do transporte tem gerado infinitas possibilidades de conhecimento, levando as pessoas a se preocupar em ser mais ativas e livres. Por outro lado, como depositam sua felicidade no progresso, o corpo tem de buscar mais trabalho para concretizar seus desejos, o que pode acarretar perda desta liberdade de expressão e de ação (PAIM; STREY, 2004; PELEGRINI, 2004).

De acordo com Foucault (2018, p. 235),

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica [...], a nudez, tudo isso conduziu ao desejo do próprio corpo por um trabalho insistente, obstinado, metucioso [...] Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que

ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...

Foucault (2018, p. 235) usou a expressão “a batalha continua” para indicar que, ao mesmo tempo em que do corpo são exigidos movimentos que deem resultado, ele se conscientiza de sua força e começa a fazer reivindicações. A partir daí, algumas instituições se assustam com este poder que vem do corpo que antes estava sendo manipulado e treinado. Esse poder aparece, por exemplo, nas reivindicações da legalização do aborto e de uniões homoafetivas. “A impressão que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar e investir em outros lugares...” (FOUCAULT, 2018, p. 235).⁴

Tucherman (2012) afirmou que a saúde do corpo no novo paradigma passou a ser considerada como uma responsabilidade individual, em vez de uma dádiva de Deus. Com as mudanças ocorridas na contemporaneidade, a qualidade e a quantidade de vivências corporais têm diminuído. Há uma nova forma tecnologizada de fazer contato com o outro. O corpo é reproduzido através da fotografia, atingindo milhares de pessoas. Muda-se a forma de construir, retratar e contemplar o corpo. Tem-se, então, um corpo que lida com a ausência de contatos presenciais, ao mesmo tempo em que o espaço privado é partilhado por meio de câmeras. Porém, mesmo adquirindo múltiplas identidades através do espaço cibernético, brincando com sexualidade, nacionalidade, idade, o internauta não foge de fome, cansaço e doenças (LE BRETON, 2013), percebendo que o corpo está presente e dando sinais.

Talvez haja semelhança na negação do corpo advinda do discurso religioso desde a Idade Média, prefigurado pela cultura virtual dos bits eletrônicos e modificações genéticas ou morfológicas (LE BRETON, 2013). Afinal,

A utopia da saúde implica uma utopia do corpo [...] um corpo revisto e corrigido pelas instâncias religiosas do mundo pós-moderno [...] Mas o desmentido do real diante desses discursos exaltados sobre o fim necessário do corpo é em geral vigoroso, lembra a infinita fragilidade da condição humana [...] e não conseguem dissolver a morte na admiração de seus discursos. Felizmente, continuamos a ser de carne para não perder o sabor do mundo (LE BRETON, 2013, p. 226).

⁴ Também se pretende neste estudo observar como estes temas que surgem do empoderamento do corpo, como comentado por Foucault (2018), podem aparecer nas falas dos indivíduos entrevistados durante a pesquisa, apesar de não serem objeto central desta investigação.

Em contato com a multidão, os corpos se encolhem, sentem receio e, como a liberdade mantém os corpos indeterminados e funda uma nova noção de solidão (TUCHERMAN, 2012), as pessoas criam grupos que possam lhes gerar segurança. Esses grupos trazem a motivação para o encontro e a partilha com outros corpos e a corporeidade, entendendo-se que

O termo corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade (AHLERT, 2010, p. 117).

1.2.4 O Corpo nos Rituais do Movimento de Renovação Carismática Católica

No movimento Renovação Carismática Católica, a fundamentação teológica é o batismo no Espírito Santo. Segundo o Pe. Haroldo Joseph Rahm (1991 apud DÁVILA, 1998, p. 68), “o batismo no Espírito Santo significa uma mudança nas nossas relações com Deus, que nos faz experimentar na nossa vida todas as coisas que ele prometeu que o Espírito Santo faria a quem acreditasse”. Aquele que recebe o batismo no Espírito Santo passa a ter uma vida mais plena, vive inspirado a partir deste momento e pode receber o louvor inspirador, falar em línguas ou ter o dom profético.

Os dons do Espírito Santo manifestados nos rituais de carisma, isto é, nos rituais divinos, são modos de expressão do poder espiritual (OLIVEIRA et al., 1978), nos quais diferentes técnicas corporais são utilizadas: gestos durante os cantos, danças, expressões de júbilo, gritos e orações em voz alta (CSORDAS, 2008; MAUÉS, 2000; SILVA, 2015). Neste momento, a pessoa deixa o Espírito Santo⁵ se manifestar.

⁵ O Cardeal Suenens (1975 apud JURKEVICS, 2004, p. 127) diferencia carismas de espírito e afirma que “O Espírito se faz presente por toda a Igreja, tornando-se visível nos ministérios e que, apesar de o Espírito e seus carismas serem inseparáveis, não são idênticos, pois os carismas são manifestações do Espírito, uma vez que o Espírito e seus dons são partes essenciais da natureza da Igreja.” Com isso, ele quer dizer que todo cristão é um carismático, que as manifestações ocorrem de forma harmoniosa com o cristão que vive o ministério na Igreja e no mundo.

A prece, como realizada pelos seguidores do movimento Renovação Carismática Católica, é considerada como técnica corporal, por ser um rito oral, uma vez que se trata de uma ação expressa pelo corpo de forma tradicional e eficaz (MAUSS, 2003). No movimento Renovação Carismática Católica, observa-se uma modalidade de oração na qual se percebe o tipo de relação construída entre o ser humano e o Espírito Santo: a glossolalia. Trata-se de uma prece na qual o sujeito profere a “língua dos anjos” a partir da inspiração do Espírito Santo, o que pode se dar quando ele está em exaltação religiosa (PEREIRA, 2009). É definida como uma manifestação linguístico-religiosa em que o indivíduo é tomado por êxtase no contexto da oração. Desse modo, uma linguagem emocional, ritmada, silábica e quase melódica é produzida. Sua característica principal é a expressividade sem ser intelectual (BAPTISTA, 1989). Para os carismáticos, quando ocorre a oração em línguas, já não é a pessoa que emite os sons, mas o Espírito Santo que ora através da sua boca.

Ocorre uma interação entre a pessoa que ora e os demais membros do grupo por intermédio da linguagem, da corporalidade e dos sentimentos assim expressos, os quais funcionam como confirmação da presença do Espírito Santo naquela situação (PEREIRA, 2009). Além de abraços, apertos de mãos e imposições de mãos, é bastante característico entre os carismáticos orar com os braços erguidos, as mãos abertas e as palmas voltadas para a frente. Frequentemente, quando cantam, erguem as mãos e as tremem ou agitam de um lado para o outro do corpo (MAUÉS, 2000).

Durante as celebrações, há momentos de imposição de mãos que podem culminar com o “repouso no Espírito”. Esse fenômeno se dá pelo contato com o Espírito Santo através da imposição de mãos, ou no caso dos neófitos, quando recebem o batismo do Espírito Santo, consistindo em uma queda brusca ao chão do fiel que se encontra de olhos fechados (MAUÉS, 2000).

Todas essas técnicas corporais têm como finalidade o contato íntimo com a divindade, o louvor a Deus e a cura. Portanto, podem ser consideradas como um ato tradicional e eficaz, pois só há técnica e transmissão eficaz a partir da tradição (MAUSS, 2003).

Nos rituais carismáticos, a etapa da retórica da cura é denominada empoderamento, havendo dois aspectos fundamentais nesta fase: o papel dos símbolos somáticos e o processo fisiológico ou a interpretação da expressão

espontânea dos processos endógenos (CSORDAS, 2008). Para melhor explicar a importância desses dois aspectos do empoderamento na cura ritual, Csordas (2008) recuperou a noção de técnicas corporais de Mauss (2003), de acordo com a qual, o corpo humano é simultaneamente o objeto primordial e a ferramenta da ação cultural.

Conseqüentemente, através do envolvimento de seus corpos, as pessoas são persuadidas a acreditar e a experimentar a realidade do poder divino, porquanto há uma sensação de concretude deste poder. Assim, o corpo é simbolicamente um microcosmo e fisiologicamente o limite da experiência humana e, ao ser recrutado para a causa simbólica, invoca forte sentimento de totalidade, que abrange a pessoa como um todo (CSORDAS, 2008).

Dentro dessa perspectiva, Csordas (2008) argumentou que a tradicional “imposição das mãos” pentecostal pode ser mais bem compreendida enquanto técnica retórica. Em sua concepção, esse gesto é demasiadamente interpretado simplesmente como uma transferência mágica de poder. Assim, o autor propôs percebê-lo dentro de uma linha de abordagem na qual a experiência da realidade sagrada é compreendida como fundamental para a cura religiosa. Em suma, a verdadeira implicação da “imposição das mãos” surge da análise do significado comunicado pelo toque.

O gesto de imposição de mãos foi mencionado por Dávila (1998) como uma das práticas que firmou o movimento Renovação Carismática Católica no Brasil. Isto porque, quando o gesto ocorre, há o reconhecimento e a legitimação da ação de evangelizar pela pessoa que recebeu a imposição.

Nos rituais, também há a busca da construção de um “*self* sagrado”, incluindo a aproximação e o contato com o numinoso. Maués (2003) afirmou que a aproximação com o numinoso só é completada por meio do êxtase, quando o indivíduo que está em oração assume o seu corpo, que foi concebido na tradição cristã mais ampla, como o verdadeiro templo do Espírito Santo. Assim, ele adquire a capacidade de incorporar a própria divindade, utilizando para isto técnicas corporais que induzem, proporcionam e configuram o êxtase.

Com base no exposto, considera-se que as técnicas corporais auxiliam na construção de uma egrégora fraterna e alegre, erigindo um espaço sagrado ou “*self* sagrado” carismático a partir do qual ocorrem as curas, o recebimento de dons e o

contato com o Espírito Santo (CSORDAS, 2008; MAUÉS, 2003). Através da observação e descrição do grupo baseado no movimento Renovação Carismática Católica participante deste estudo, esses conceitos serão retomados e aprofundados.

1.3 A ESPIRITUALIDADE

Neste estudo, parte-se do pressuposto que o corpo pode ser uma dimensão necessária para o despertar e o experienciar da espiritualidade, que é aqui objeto de investigação. Uma dessas formas é representada pela tradição cristã no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, fundamentado no movimento Renovação Carismática Católica.

A outra forma aqui investigada é através de um processo de autoconhecimento propiciado pela abordagem terapêutica em *Core Energetics*, na qual se percebe o indivíduo como um ser holístico (corpo, mente, emoção, espiritualidade), por meio da utilização de técnicas corporais e de vivências terapêuticas, em que o aspecto espiritual da pessoa é experienciado. Sendo assim, cabe aprofundar esses conceitos através de alguns autores e, a partir disto, agregar mais subsídios para a investigação empírica.

1.3.1 A Espiritualidade Cristã e no Movimento de Renovação Carismática Católica

No ocidente cristão, a palavra espiritualidade passou a ser muito usada, fora do contexto religioso, a partir das décadas de 1960 e 1970 (BORGES; SANTOS; PINHEIRO, 2015). Há autores que diferenciam a religião da espiritualidade, sendo:

[...] religião [...] um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente, e espiritualidade como uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente (KOENING, 2001 apud PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007, p. 137).

O conceito de espiritualidade pode variar até mesmo dentro da concepção cristã. Como negação do material ou sendo uma qualidade que transcende a materialidade, têm-se os seres espirituais como a alma, os anjos, os santos e Deus

(ZILLES, 2004). Sob uma certa perspectiva, a espiritualidade é o lado subjetivo da religião. Representa a forma de experienciar Deus, um modo de viver a fé cristã, o que gera mudanças práticas na vida.

Quando a Bíblia fala do espírito do homem refere-se não a uma parte do homem, mas ao todo em sua relação com Deus. Desta maneira, a Espiritualidade cristã não é a exclusão da materialidade, mas a relação ou união do homem todo – corpo e alma – com o Espírito de Deus (ZILLES, 2004, p. 12).

O conceito de espiritualidade origina-se e está vinculado ao de espírito. Sua raiz hebraica (*ruah*) significa vento, respiração, hálito, “o vento corporal que faz com que a pessoa respire e se oxigene, para poder continuar viva” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1996 apud WOLFF, 2015, p. 86).

Há uma diferença entre conceito de espiritualidade na cultura semita e quando traduzida para o grego. Os termos espírito e espiritualidade possuem uma essência imaterial que está ligada à realidade material, que é o corpo. Não há um sentido de contradição no mundo bíblico entre carne e espírito, mas de diferenciação, pois a carne é frágil, tendo a morte como destino, e o espírito é imortal. A partir da tradução para o grego (*pneuma*), houve uma influência platônica, então surgindo uma contraposição corpo/matéria. Consequentemente, a espiritualidade passou a estar desvinculada do contexto material da existência humana (WOLFF, 2015).

Zilles (2004, p. 15) considerou a espiritualidade cristã como tendo algumas características essenciais:

É *teocêntrica*, não se tratando apenas de uma satisfação subjetiva, nem somente da salvação da alma, mas da entrega a Deus, a seu amor. É *crístocêntrica*, pois em Cristo, como cabeça, toda a criação está unida ao Pai e, através Dele, recebe salvação e bênção. É *eclesial*, porquanto a Igreja é o lugar no qual o Senhor reúne os que se confiam a Ele na fé, no amor e na esperança para a adoração. É *sacramental*, vez que os sacramentos são maneiras pelas quais o Senhor glorifica o Pai na sua Igreja e conduz os homens à salvação. É *pessoal*, já que os sacramentos agem pela sua realização, mas só frutificam na medida em que são recebidos com fé e amor e levados à eficiência ética. É *comunitária*, por mais que se acentue o aspecto pessoal, porque o cristão ativa a sua espiritualidade na comunidade. É *escatológica*, uma vez que a espiritualidade cristã é marcada pela esperança, e esta mantém o cristão vigilante e o prepara para a parusia, a vinda gloriosa de Cristo no fim dos tempos.

Também se usa o termo “místico” como sinônimo de espiritualidade, mas Zilles (2004) fez uma diferenciação ao considerar como experiência mística os eventos repentinos, percebidos como êxtases, que podem ou não ocasionar perda de

sentido e provocam o encontro com o Absoluto. Isto é fruto da fé e da entrega a Deus. Como definido anteriormente, esta relação e este encontro caracterizam a espiritualidade cristã. Portanto, esses conceitos estão bem entrelaçados.

No movimento Renovação Carismática Católica, os carismas do Espírito Santo permitem ao cristão ter experiências que acarretam uma nova forma de existir. Isso ocorre a partir das experiências místicas, fruto da fé e do amor divino de Deus. Os dons do Espírito Santo são manifestados nos fiéis através dos encontros de oração, nos quais se dão vários rituais e a diversidade de dons que enriquece a vida da comunidade, fatos observados e analisados neste estudo.

1.3.2 A Nova Espiritualidade na Igreja Católica

A partir dos movimentos sociais latino-americanos de libertação dos humildes na década de 1960, surgiu na Igreja Católica o conceito de uma Nova Espiritualidade. Este movimento pretendia ampliar a percepção da espiritualidade cristã fazendo a distinção entre o espírito de libertação dos humildes e o espírito de opressão dos poderosos. Além de ser alimentada pela grandeza do mundo e pela profundidade da alma, essa nova concepção de espiritualidade incluiu a libertação do povo latino-americano (PERANI, 1980).

Vários autores que participaram deste movimento ampliaram o conceito de espiritualidade. O conceito como experiência vivida na relação com Deus permaneceu, mas os estudiosos apontaram a expansão desta experiência para além dos muros da instituição.

Boff (2008) enfatizou que a espiritualidade, além de ser um projeto de vida, ainda a contempla em todas as suas manifestações. Colocando esse projeto em prática, o indivíduo vive com ternura para consigo mesmo e se afirma na vida das outras pessoas. Nesse caso, a espiritualidade é compreendida como um modo de ser e estar no mundo que decorre de uma profunda experiência da realidade, chamada de experiência mística, religiosa ou espiritual. Boff (2003) também explicou que a religião é posterior à espiritualidade, isto é, vive da experiência espiritual. Contudo, muitas vezes, o doutrinário e o fundamentalismo podem aparecer dificultando a experiência sagrada, a qual traz profunda paz e ausência de medo.

Os termos espiritualidade e religião foram diferenciados por Frei Betto (2014), o qual ponderou que enquanto na religião se crê, na espiritualidade se experiencia a crença; enquanto a religião nutre o ego, a espiritualidade o transcende e valoriza todas as religiões que se propõem a promover tanto a vida quanto o bem; enquanto a religião traz a promessa da vida eterna, a espiritualidade a antecipa; enquanto a religião causa devoção; a espiritualidade inspira meditação; enquanto na religião Deus é um conceito, na espiritualidade Ele é inefável. Portanto, no prisma de Frei Betto (2014), a espiritualidade seria uma porta para a religião.

Há uma ampliação do termo Nova Espiritualidade que está presente na religião. Contudo, como afirmou Boff (2009, p. 177), “ela é anterior e mais originária do que as religiões”, está na vida cotidiana como uma chama de sentido e propósito de vida. A espiritualidade passou a ser uma práxis de vida, não apenas vinculada a momentos específicos. A espiritualidade se manifesta por meio de uma relação significativa, amorosa e de respeito que estabelecemos com o mundo, em uma comunhão da diversidade na unidade e da unidade na diversidade.

1.3.3 A Espiritualidade na Ciência e no Desenvolvimento Humano

Desde o fim do século XX, a relação entre a ciência e a espiritualidade vem sendo explorada. Zohar e Marshal (2000, p. 32) demonstraram isso quando defenderam que:

Uma das percepções mais novas e profundas da ciência do século XX é que o todo pode ser maior que a soma de suas partes. O todo contém uma riqueza, uma perspectiva, dimensão que não há nas partes. O todo, portanto, não é apenas uma quantidade maior, uma vez que possui uma qualidade a mais. Neste sentido a ciência nos ajuda a compreender o espiritual, estar em contato com um todo maior.

A compreensão acerca da inteligência humana foi ampliada, surgindo o Quociente Espiritual. Nessa diretriz, Zohar e Marshal (2000) enfatizaram que a espiritualidade tem uma dimensão vivencial, de tal modo que transforma completamente o entendimento e as vidas das pessoas e, portanto, não constitui apenas um estado da mente. Os indivíduos mudam e se percebem mais conscientes em relação às suas atitudes e ações. Há uma conexão mais profunda e rica com a

realidade, e o aspecto mais fundamental de manifestação da espiritualidade em uma pessoa é a transcendência.

Capra (2019) apontou que na ciência contemporânea, a visão sistêmica da natureza percebida em muitas disciplinas científicas é semelhante ao sentido de unidade presente na espiritualidade. Assim é que ocorrem “numerosas semelhanças entre as visões de mundo dos místicos e professores espirituais, tanto orientais como ocidentais” (CAPRA, 2019, p. 95).

Esta unidade citada por Capra (2019) também foi referenciada por Grof (1987, p. 266) a partir de um processo de integração, quando afirmou que o que possibilita a compreensão da espiritualidade como uma “propriedade intrínseca da psique que emerge, quase espontaneamente, quando o processo de auto exploração alcança profundidade suficiente” é uma experiência de reconexão dos aspectos externos e internos da condição humana. Uma nova visão de mundo pode surgir a partir desta experiência de reconexão, na qual a espiritualidade se configura em elemento natural, essencial e totalmente vital para a existência (GROF, 1987). É a espiritualidade que advém do processo de autoconhecimento e não se confunde com aquela espiritualidade imposta de fora para dentro.

A divindade sagrada é compreendida, nas principais religiões, como uma força externa aos seres humanos. O acesso a esta força só ocorre através da mediação feita pela igreja e seus sacerdotes e o local adequado para que este contato ocorra é o templo. Em um processo de autoexploração, com o uso de diversas técnicas mediadoras, a espiritualidade se desvela e o indivíduo descobre sua própria divindade: Deus como o Divino Interno. Nessa circunstância, ambos, o corpo e a natureza, exercem a função de templo (GROF, 1997).

Torralba (2012) destacou que, como as pessoas religiosas não têm posse da vida espiritual, todo ser humano pode desenvolver a sua espiritualidade independentemente da religião. Em decorrência de sua inteligência espiritual, os indivíduos anseiam dar sentido à sua existência, sendo esta uma característica intrínseca da condição humana.

Por seu turno, Solomon (2003, p. 33) procurou clarear o conceito de espiritualidade apontando concepções filosóficas e cargas afetivas ligadas ao termo, entre as quais afirmou que a espiritualidade é “um amor reflexivo à vida”. Isto seria

traduzido como um vivenciar sem idealizações, mas de forma intensa, com sentido e enfrentando os sofrimentos. Além disso, o autor considerou que o foco no *self* e na alma é essencial para a espiritualidade, já que a ampliação do *self* por meio do amor ou da identificação com a natureza faz parte da busca de sentido e da angústia existencial, a qual representa nossa emergência de significado pessoal e de um papel efetivo no mundo. Afirmou, ainda, que a espiritualidade seria moldada pela ciência e pela racionalidade e não pela religião. Este é um interessante conceito que nos leva a refletir que espiritualidade é um termo perfeitamente aceitável dentro de contextos seculares, a ponto de a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter incluído o bem-estar espiritual como uma das dimensões de saúde (WHO, 1999).

CAPÍTULO 2 – CORE ENERGETICS: ORIGEM E FUNDAMENTOS

Para compreender a abordagem terapêutica em *Core Energetics*, traça-se aqui um percurso incluindo a origem das psicoterapias corporais desde a fase psicanalítica de Wilhelm Reich até Alexander Lowen, que junto com John Pierrakos criou a Bioenergética. Segue-se, então, a trajetória de John Pierrakos com os estudos sobre corpo, consciência e energia e como ele desenvolveu a *Core Energetics*, incorporando conhecimento místico e sagrado para que a espiritualidade fosse inserida neste processo psicoterapêutico.

2.1 A ORIGEM: WILHELM REICH, O PAI DA PSICOTERAPIA CORPORAL – DA PSICANÁLISE À ORGONOTERAPIA

O corpo foi inserido na prática psicoterápica por Wilhelm Reich, no século XX, que construiu seu entendimento de corpo a partir da teoria psicanalítica de Sigmund Freud (BOADELLA, 1985), na qual a *Core Energetics* e a Bioenergética também possuem suas raízes, sendo hoje denominadas abordagens neo-reichianas. Embora os conflitos psíquicos, considerados tanto por Reich quanto por Freud, ocorram na relação dos filhos com os genitores nas diferentes fases do desenvolvimento infantil, cada um deles trabalhou de forma distinta na clínica para acessá-los e transformá-los. Nesse processo relacional com os genitores desde a vida intrauterina até a adolescência, os indivíduos vão desenvolvendo suas defesas para que possam melhor se adaptar ao meio psicossocial e econômico em que vivem.

Reich foi discípulo de Freud e ingressou muito cedo na Sociedade Psicanalítica de Viena. Entre 1924 e 1930, dirigiu um seminário técnico para avançar nos estudos de casos de clientes que apresentavam resistência à análise. Até aquele momento, alguns conceitos fundamentais da psicanálise ainda estavam sendo desenvolvidos, tais como a compreensão da repressão e das diferentes técnicas analíticas para tratar os conflitos emocionais e os sintomas trazidos pelos pacientes,

como a hipnose⁶ e a associação livre⁷ (BOADELLA, 1985; RAKNES, 1988; SILVA, 2008).

Conforme comentou Boadella (1985), a partir da associação livre, Freud percebeu que os clientes reprimiam certas ideias e lembranças dolorosas e as esqueciam, o que ele chamou, a princípio, de defesa e, posteriormente, de repressão. Havia uma resistência por parte dos clientes para não entrar em contato com o conteúdo emocional inconsciente, de modo a evitar o sofrimento.

Além da repressão, Freud também verificou o fenômeno da transferência, que consistia na “evocação do analista de uma atitude emocional intensa do paciente, que pode ser de forma sexual, afetiva ou hostil” (BOADELLA, 1985, p. 40). Toda a teoria da psicanálise de Freud foi meramente uma tentativa de explicar os dois fatos observados – da resistência e da transferência –, que ocorrem sempre que se procura estabelecer uma relação entre sintomas neuróticos e sua origem no passado.

Naquele momento, era preciso que os estudiosos da psicanálise verificassem a razão pela qual alguns pacientes não melhoravam e avaliassem mais atentamente a técnica analítica. Começou-se a especular que havia um desejo primário do paciente de sofrer, posteriormente denominado instinto de morte por Freud⁸ e questionado por Reich, que o explicou a partir de outra percepção, apresentada mais adiante.

Reich passou a coordenar seminários que ocorriam quinzenalmente com os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena para estudar esses pontos que

⁶ “Em estado hipnótico o paciente descreve cenas, conecta-se com o material traumático. Cabe ao médico, então, comunicar-lhe o que havia sido dito e descrito, uma vez que retornando do transe o paciente de nada se lembra. Os sintomas são esbatidos pelo uso desse método, mas o sujeito não se apropria ativamente de sua história. Então, no decorrer de seus trabalhos, Freud vai abandonando a hipnose e se direcionando à necessidade de criar outra forma de escutar. Surge a associação livre” (MEDEIROS; FALCÃO, 2005, p. 67).

⁷ Na associação livre, “espera-se que o paciente fale de modo livre para que ele consiga exprimir os seus conteúdos psíquicos nas palavras e manifestar ao analista a cadeia associativa em que elas se encontram, de modo que, se toda palavra encontra-se associada à outra, então se torna possível perseguir o curso de suas ligações – como se estivéssemos puxando uma linha à procura do carretel em que está amarrada. Por meio dessa concepção, Freud conseguiu inferir algo muito importante, i.e., que os processos psíquicos respeitariam uma ordem determinada. Se haveria um curso no pensamento do paciente, haveria, conseqüentemente, uma finalidade, uma meta, que as associações rumavam nesta direção (CARVALHO; HONDA, 2017, p. 51).

⁸ Para Freud, a pulsão de morte era entendida “como uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo. Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte. Então, o organismo não teria em sua base constitucional o desejo pela mudança, pois estaria fadado a buscar sempre estados anteriores. A tendência do organismo à mudança e ao progresso seria, portanto, uma aparência enganadora” (AZEVEDO; MELLO NETO, 2015, p. 70).

estavam dificultando o trabalho analítico. Nessa época, já exercia a psicanálise há cinco anos, inclusive atendendo de forma voluntária alguns pacientes em um hospital beneficente psicanalítico em Viena, o que enriqueceu muito a sua percepção sobre os diferentes tipos de neurose (BOADELLA, 1985; RAKNES, 1988; SILVA, 2008). Nos estudos que ocorriam nesses seminários, Reich apresentou a observação de um conteúdo hostil latente por parte do paciente na relação de transferência com o analista e da importância de trabalhar este conteúdo.⁹

Em 1927, no décimo Congresso Psicanalítico Internacional, que aconteceu em Innsbruck, Reich introduziu o conceito de “blindagem de caráter”, que tinha o papel de manter a história congelada no corpo (BOADELLA, 1985; REICH, 1979, 1995). Consoante este conceito, ao longo do desenvolvimento infantil, conflitos básicos ocorrem e o indivíduo cria atitudes defensivas para lidar com as dificuldades provenientes destes episódios difíceis. A carga emocional do conflito original fica, então, aprisionada e protegida contra as fortes emoções dele provenientes.

Reich (1979, p. 188) afirmou que “a blindagem do caráter forma-se como resultado prolongado do choque entre as exigências do instinto e de um mundo exterior que frustra estas exigências”. O Ego¹⁰ vai se tornando blindado a partir do medo e do receio diante da repressão do instinto libidinal primário (Id)¹¹ pela educação repressora advinda de quem cuida. Calegari (2001, p. 80) completou que a origem primária do encorajamento não se situa nas reações do ambiente, e sim no advento da consciência, uma vez que “perceber que percebe é a fonte primária de toda angústia humana” e, por intermédio desta percepção, ocorre um choque com a realidade do ambiente.

O trabalho proposto por Reich envolvia: a interpretação sistemática das atitudes do caráter com o objetivo da pessoa expressar as emoções reprimidas subjacentes a estas atitudes, a definição clara dos objetivos da terapia, fazendo uma

⁹ Isto será novamente abordado no subitem 2.3 deste trabalho, apontando-se que na *Core Energetics* John Pierrakos enfatizou a necessidade de trazer à tona o Eu Inferior ou as negatividades que todos possuem para acessar a amorosidade da Essência.

¹⁰ Como o Ego é o princípio de realidade, do prazer modificado pelo desenvolvimento da razão, exerce uma série de funções, como perceber, lembrar, pensar, planejar e decidir (D'ANDREA, 1987).

¹¹ O Id é a parte original do aparelho psíquico do indivíduo ao nascer, constituindo a porção herdada. A partir dele se desenvolvem o Ego e o Superego. O Id está voltado para a satisfação das necessidades básicas da criança no começo da vida e sua atividade consiste de impulsos que obedecem ao princípio do prazer e evitam a dor (D'ANDREA, 1987).

distinção econômico-sexual¹² entre saúde e comportamento neurótico, a descrição de diferentes tipos de caráter e a correlação entre as situações conflitantes da infância e a formação destes (BOADELLA, 1985). Para Boadella (1985, p. 46), além de aliviar os sintomas, Reich queria dissolver a blindagem de caráter para conduzir “a uma mudança de personalidade de alcance mais efetivo, na qual todos os aspectos de funcionamento de uma pessoa eram passíveis de apresentar melhora”. As mudanças dependeriam da capacidade da análise de penetrar na couraça e liberar pensamentos e sentimentos que haviam sido reprimidos ao longo do desenvolvimento infantil.

Na visão de Reich, o caráter teria camadas. A mais superficial delas seria a imagem ou a aparência que a pessoa apresentava no convívio social. Uma camada secundária se apresentaria como inconsciente, com impulsos e fantasias negativas/perigosas, ao passo que uma outra camada mais interna, que ele chamou de fundamental ou profunda, conteria os impulsos espontâneos e saudáveis (BOADELLA, 1985; CALEGARI, 2001; REICH, 1979). Tem-se, então, o conceito de caráter genital para a pessoa que age a partir da camada mais profunda, de forma autorregulada, e o caráter neurótico, que varia qualitativamente, dependendo do grau de repressão dos impulsos naturais (REICH, 1979, 1983, 1995).

Mais tarde, quando Reich estava na fase de buscar a origem da vida e conduzindo os estudos acerca da energia orgone, definida como “a energia primária que preenche todo o Universo, formadora da matéria, que permeia tudo e é criativa” (CALEGARI, 2001, p. 16), escreveu o livro em que definiu Cristo como tendo um caráter genital e fez uma análise de como se deu seu assassinato pela humanidade encouraçada (REICH, 1983). O autor enfatizou que:

[...] ninguém antes dele dispunha de uma estrutura de caráter que não apenas enxergasse o problema central da origem do homem, mas que VIVESSE A VIDA DE DEUS, tal como ela deve ser compreendida aqui, como *Vida da Natureza, incluindo os órgãos genitais não mutilados*¹³ e o AMOR ao PRÓPRIO AMOR (REICH, 1983, p. 118).

¹² “A saúde psíquica depende da potência orgástica, isto é, do ponto até o qual o indivíduo pode entregar-se, e pode experimentar o clímax de excitação no ato sexual natural. Baseia-se na atitude de cunho não neurótico da capacidade do indivíduo para o amor. As enfermidades psíquicas são o resultado de uma perpetuação da capacidade natural de amar. No caso da impotência orgástica, de que sofre a esmagadora maioria, ocorre um bloqueio da energia biológica, e esse bloqueio se torna a fonte de ações irracionais. A condição essencial para curar perturbações psíquicas é o restabelecimento da capacidade natural de amar. Depende tanto de condições sociais quanto de condições psíquicas” (REICH, 1995, p. 15-16).

¹³ Crítica à circuncisão (explicação da autora).

Diferentemente de Freud, que considerava a libido de uma forma mais abstrata, Reich a entendia como uma energia concreta e represada pela couraça muscular (REICH, 1979, 1995). Apenas o caráter saudável (genital) seria capaz de descarregá-la adequadamente, uma ideia que se articula com o conceito de potência orgástica, ou seja, com a capacidade de realização sexual plena. O caráter genital possuiria esta capacidade, mantendo sua economia libidinosa sem estase, ou seja, sem aprisionamento. Nesse momento, Reich percebeu a neurose no seu aspecto econômico-sexual (CALEGARI, 2001). Ao observar, movimentar e tocar o corpo do paciente, Reich considerava não apenas uma energia psíquica teórica, mas buscava meios de intervir de uma forma somática, obtendo, através do corpo, as mudanças.

Reich (1995) relatou que ofereceu a Freud o seu manuscrito *Die Funktion des Orgasmus* [A função do orgasmo], em maio de 1926, em seu aniversário de 70 anos, e parece que o mestre ficou meio aborrecido com o título. Sobre a reação de Freud, Reich (1995, p. 147) comentou: “Olhou o manuscrito, hesitou por um momento e disse como se estivesse agitado: ‘Tão grosso?’ Não me senti muito à vontade. A sua reação não fora racional. Era muito polido e normalmente não teria feito uma observação tão cortante”.

Calegari (2001, p. 12) analisou que a diferença de idade entre Reich e Freud provavelmente influenciou as divergências dos dois:

Contava Reich com 30 anos, enquanto Freud estava com 70 [...] como Reich estava em pleno vigor, no apogeu das buscas de prazer e conquistas [...] para Freud as questões de vida e morte seriam naturalmente o pano de fundo de suas vivências.

O mestre Freud considerou exagerada a importância que Reich deu à função genital, iniciando-se aí a sua ruptura com a psicanálise. Além da diferença de percepção do conceito de libido citado anteriormente, mais a discordância da visão econômico-sexual, havia também uma diferente compreensão em relação ao instinto de morte. Enquanto para Freud o masoquismo era uma percepção clara do instinto de morte, na perspectiva de Reich o caráter masoquista possuía muita energia contida nas blindagens do caráter, o que causava uma angústia, e a tentativa de liberação desta angústia ocorria a partir dos sintomas autoagressivos. Portanto, para Reich, as atitudes masoquistas eram uma tentativa de liberação do incômodo, em oposição ao instinto de morte.

Para Reich, o masoquismo constituía uma situação dinâmica em que a blindagem do caráter e a contenção muscular superficial eram tão grandes que impediam a expansão e a descarga energéticas. A auto e a hetero agressão não seriam expressões de um instinto de morte, e sim do próprio impulso vital, buscando romper a contenção e lograr o alívio da estase energética (CALEGARI, 2001, p. 12).

Outro aspecto explorado em relação à ruptura de Reich com a Sociedade Psicanalítica de Viena foi seu engajamento político e social, que incomodava tanto Freud como os demais membros, já que se colocavam em uma posição ideológica neutra. Wagner (1996, p. 20) explorou muito as divergências entre Freud e Reich e afirmou que:

A exclusão de Reich da Associação Internacional de Psicanálise deveu-se muito mais à sua militância política como ativista, contestador e pensador crítico, do fascismo, e menos à sua atividade psicanalítica clínica. Também no contexto político-partidário, a justificativa para sua exclusão do Partido Comunista Alemão se baseava no argumento de que suas ideias sobre a sexualidade juvenil eram contrárias e nocivas ao ideário comunista.

Reich seguiu com seus estudos, abarcando a análise do caráter e da função do orgasmo, aprofundando na compreensão do conceito do impulso vital do centro para a periferia do corpo, conduzindo-o à expansão, à descarga e ao prazer. Em oposição, o movimento em direção da periferia ao centro levava à angústia, à contenção (CALEGARI, 2001; REICH, 1979, 1983, 1995).

Como explicou Boadella (1997) de forma bem didática, Reich descrevia o funcionamento do corpo humano comparando-o ao movimento de uma ameba ou água-viva, que possui um ritmo de contração e expansão. A ameba move o protoplasma para o deslocamento, expandindo-se de forma natural. Diante do perigo ou de algum estímulo nocivo, ela se retrai e até cria um encapsulamento de proteção se este estímulo estressor for muito demorado. No corpo humano, diante de uma situação prazerosa, há sensações de correntes que percorrem o corpo do centro para a periferia, as “correntes vegetativas”. Por outro lado, em situações nas quais ocorre desprazer, há ansiedade e as correntes mudam a direção para o interior, gerando angústia. A partir desta percepção, Reich iniciou uma nova fase, denominada vegetoterapia caracterológico-analítica (CALEGARI, 2001), a partir da qual começou a medir a carga bioelétrica presente no corpo nos movimentos de expansão e contração, relacionando-os ao sistema nervoso autônomo, simpático e parassimpático, e hipotetizando que a libido seria uma bioeletricidade.

Reich também observou que o sistema corporal funciona através de sete faixas perpendiculares ao maior eixo do corpo, denominadas anéis ou segmentos: visual, oral, cervical, peitoral, diafragmático, abdominal e pélvico (BOADELLA, 1985; CALEGARI, 2001). Ao paralisar-se, cada anel gera sintomas físicos, emocionais e mentais específicos. Foram desenvolvidos exercícios corporais para romper a contenção muscular e restabelecer o fluxo natural e saudável de contração, expansão e relaxamento (LOWEN, 1977a; PIERRAKOS, 1987; REICH, 1979). Quando o paciente relatava o sintoma ou a crença, era possível fazer uma relação com o anel do corpo que estava paralisado e investigar em que fase do desenvolvimento infantil isto havia ocorrido.¹⁴

A vegetoterapia caracterológico-analítica buscava interpretar os mecanismos psíquicos, observar o corpo e liberar a energia presa nas blindagens do caráter, nas quais o movimento involuntário pélvico e a conexão amorosa aconteciam conjuntamente, para se conseguir a plena capacidade de descarga orgástica. A compreensão desta energia liberada (bioeletricidade), da origem da vida e do seu funcionamento foi a motivação da quarta e última fase do trabalho reichiano, a orgonoterapia (BOADELLA, 1985; CALEGARI, 2001).¹⁵ Nessa fase, Reich prosseguiu com as pesquisas na área da biologia, tendo a finalidade de verificar se a fórmula tensão-carga-descarga-relaxação seria válida e aplicável a formas simples de vida (animais primitivos e formas vegetais).

Através da observação de tecidos animais e vegetais em estado de putrefação, chegou ao conceito de bions, estruturas menores que as células que preservam a pulsação. Constatou que era possível produzir bions a partir de qualquer material orgânico e inorgânico, usando recursos físicos e substâncias que facilitavam o processo de contração e expansão. Calegari (2001, p. 14) elucidou que as pesquisas feitas por Reich

[...] com os bions levou-o à descoberta de que não só os tecidos vivos se desorganizavam nos bions, como estes, sob condições especiais, podiam reorganizar-se originando protozoários e bactérias. Acompanhou assim o processo de geração espontânea da vida em laboratório.

¹⁴ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

¹⁵ “A ORGONOTERAPIA, portanto, não é psíquica nem fisiológica ou química, mas antes uma terapia biológica que lida com distúrbios de pulsação no sistema nervoso autônomo” (REICH, 2009, p. 197).

Por meio de experimentos, além dos bions orgânicos, Reich também descobriu os bions sapa (obtidos a partir da areia), que emitem radiações (BOADELLA, 1985; CALEGARI, 2001). Ele construiu caixas com materiais orgânicos e metálicos para isolar as radiações e, então, descobriu o acumulador de energia. Essas caixas eram feitas de várias camadas, absorviam a energia do ambiente por meio de sua parte externa, feita de material orgânico (madeira), e irradiavam esta energia na parte interna da caixa, através de material inorgânico (metal e lã). Verificou que as luvas com que manipulava os bions sapa (originários de areia) adquiriram efeito eletroscópico.¹⁶ Ao serem lavadas, o efeito desaparecia e, quando expostas ao sol, o efeito retornava (absorviam a energia orgone). Assim foi que Reich descobriu que havia uma energia que permeava tudo, a qual denominou energia orgone. Era a energia cósmica, de cor azul, primária, anterior à matéria e à vida. A energia orgone pulsa (se contrai e expande) e se desloca por meio de movimentos espiralados e através de ondas. Calegari (2001, p. 33) explicou que:

Com o desenvolvimento dos metazoários a vida vai se transformando, assumindo uma forma alongada. A onda energética passa a ter duas seções distintas. Uma encaminha-se para o deslocamento habitual do organismo no espaço, caracterizando uma parte anterior ou superior do corpo, onde irão localizar os órgãos ligados a percepção, busca e apreensão. A outra seção dirige-se para a parte posterior ou inferior do corpo, onde se vão situar os órgãos ligados à excreção e descarga. Em geral, abstraindo os apêndices (membros e caudas), os organismos vivos, embriões [...] sementes, tem uma forma semelhante.

A essa forma geral da vida, Reich denominou orgonome, e o seu desenvolvimento foi observado a partir de experimentos com matéria orgânica e movimentos de contração e expansão repetidos, em altas temperaturas e sob congelamento. Ao congelar, a energia orgônica criou uma periferia, uma energia condensada e que mantinha o material plasmático interno. A energia interna impulsionou o cerne no sentido da onda energética livre no cosmo, mas o material da periferia a conteve.

Forma-se o conflito básico dentro da vida, representado pela força estruturante da periferia e as formas plasmáticas livres internamente. Vai então acontecendo um alongamento da força vital, e a estrutura material periférica dobra sobre si mesma, retornando ao ponto inicial. Forma-se assim a estrutura orgonômica básica da vida (CALEGARI, 2001, p. 34).

¹⁶ Presença de carga elétrica.

Calegari (2001, p. 30) destacou que “Reich chega afirmar que todos os conflitos existentes dentro da vida decorrem desse conflito inicial entre energia e matéria dentro do sistema vital”. Também elucidou que a busca de contato pelos seres vivos é anterior à experiência de prazer, porque há um anseio de fusão e superposição desde os bions. Concluiu que esses dois aspectos ocorrem “no cosmos gerando matéria, na vida constitui o impulso gerador de uma nova vida” (CALEGARI, 2001, p. 30).

Reich ampliou o conceito mostrando que este mecanismo de absorção de energia, pulsação, carga e descarga acontece nas células desde as substâncias menores que as próprias células (bions), passando pelos órgãos, no nosso corpo como um todo e no Universo. Tudo pulsa. Esta é a fórmula não apenas do orgasmo genital, mas para todos os seres vivos, pois é a fórmula específica da origem da vida.

Dentro do sistema vital (orgonome) há um metabolismo energético, de absorção e eliminação de catabólitos. Caso o metabolismo energético paralise por uma disfunção e não elimine os catabólitos, ocorre o acúmulo de energia. Se esta energia não eliminada ali permanecer por um tempo maior, ela se transforma em energia DOR¹⁷ e é encapsulada pela energia OR (orgônica), que é a origem primária do encorajamento humano. Calegari (2001, p. 30) esclareceu que “Em termos de energia o encorajamento é o sequestro e a ocultação de energia DOR!”

Para Reich (2003, p. 157), o organismo vivo é “uma parte organizada do oceano cósmico de orgone”. Pensar a partir de um funcionalismo orgonômico é perceber a natureza dentro e fora de si. Este princípio também foi usado por Reich para a compreensão das biopatias, entre elas o câncer, considerando a presença da anorgonia, a paralisação de todo o organismo a partir de uma vivência emocional experienciada de forma resignada. Como consequência, há encolhimento celular, acúmulo de energia DOR e encapsulamento desta energia gerando os tumores. Reich, portanto, considerava o câncer como uma doença sistêmica que deve ser prevenida e advertiu que:

O crescimento de uma célula cancerosa em um lugar específico é, na realidade, apenas uma fase no desenvolvimento da doença geral chamada câncer. Designamos esta doença sistêmica de biopatia de encolhimento carcinomatosa. O tumor canceroso não é sequer a parte mais importante da doença, é apenas a mais aparente, e foi, até o presente momento, o único fator visível e palpável da biopatia do câncer (REICH, 2009, p. 218).

¹⁷ DOR (do inglês *deadly orgon*, orgone mortal) é a energia OR paralisada em sua pulsação.

Albertini (2003) argumentou que, apesar de Reich ter focado muito no estudo do orgasmo sexual, também promoveu a aproximação entre o domínio sexual e as demais dimensões da vida, sendo a entrega o fator primordial em qualquer atividade que se desenvolva para que seja comparada ao abraço genital (característica primária de superposição descrita anteriormente). O próprio Reich (1953/1982 apud ALBERTINI, 2003, p. 74) esmiuçou essa ideia:

O abraço natural pleno assemelha-se a uma escalada; ele não se distingue essencialmente de qualquer atividade vital, importante ou não. Viver na plenitude é se abandonar ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isso ou aquilo.

Na avidez de continuar experimentando e auxiliando na melhora da pulsação corporal, Reich construiu um acumulador de argônio, para tratar as pessoas com câncer. Por esse motivo, o órgão do governo dos Estados Unidos que tem a função de controlar os alimentos e medicamentos (*Food and Drug Administration*), através de diversos testes e pesquisas, moveu uma ação judicial contra Reich, que foi condenado a dois anos de prisão, onde faleceu em decorrência de um ataque cardíaco em 3 de novembro de 1957. Além disso, suas obras foram incineradas e proibidas e os materiais de seu laboratório foram recolhidos e destruídos (BOADELLA 1985; SILVA, 2008). Porém, Reich manteve muitos seguidores, que estudam, ampliam e aplicam os seus conhecimentos, mantendo a sua memória.

2.2 ALEXANDER LOWEN, JOHN PIERRAKOS E A BIOENERGÉTICA

Alexander Lowen teve Reich como professor de 1940 a 1952 e como analista de 1942 a 1945. Eles se conheceram em Nova York quando Reich ministrava cursos sobre análise do caráter. Na década de 1930, Lowen se interessava pelo funcionamento do corpo, já que era diretor de esportes em acampamentos de verão. Além disso, percebeu que, ao se exercitar com regularidade, alcançava melhoras em sua saúde física e mental.¹⁸

¹⁸ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

Lowen (1982) relatou que, no início dos estudos com Reich, achava exagerada a ênfase e a importância que ele dava à sexualidade. Porém, esta percepção mudou quando foi analisado por Reich e teve consciência de sua ansiedade em relação à sua própria sexualidade. Este era o fato que o havia impedido inicialmente de acreditar na importância de tal tema.

Quando Lowen se mostrou interessado pelos estudos que Reich desenvolvia em seu laboratório, este foi enfático em lhe dizer que era importante que ele começasse a fazer terapia. Provavelmente, Reich acreditava que só experienciando no corpo o que ele estava desenvolvendo teoricamente isto faria sentido para Lowen. Diante da sugestão de Reich, Lowen (1982, p. 16) respondeu:

Eu estou interessado, mas quero me tornar famoso. Reich levou a sério minha ressalva, tendo respondido: "Eu o farei famoso." Por todos esses anos tive a afirmação de Reich como uma profecia. Era o impulso que precisava para superar minha resistência e iniciar o trabalho para o qual consagrei toda minha vida.

Então, Lowen iniciou o processo terapêutico com Reich e, através do corpo, foi tomando consciência das imagens infantis difíceis, liberando os sentimentos ligados a estas imagens, além de trabalhar a transferência negativa em relação a seu terapeuta. Interessante quando Lowen relatou que, em determinado momento da terapia, Reich avaliou que ele não conseguia se entregar a seus próprios sentimentos. Lowen chorou profundamente e revelou que queria muito que Reich tivesse um interesse paternal por ele. A declaração desse desejo infantil, o qual foi acolhido com simpatia por Reich, fez com que a terapia avançasse (LOWEN, 1982).

Esses relatos profundos de Lowen mostram a importância da confiança no processo terapêutico. Igualmente, revelam como o processo de autoconhecimento foi fundamental para que ele avançasse no estudo da psicoterapia corporal, tornando-se um importante e reconhecido estudioso do assunto. Quanto ao período em que fez terapia com Reich, Lowen (1982, p. 22) mencionou:

[...] o fato de me ter aberto caminho para autorrealização, ajudando-me a avançar na direção dos meus objetivos. Aprofundou e intensificou meu compromisso com o corpo, a base da personalidade, além de ter-me proporcionado uma identificação positiva com minha sexualidade, que se revelou como a pedra angular de minha vida.

Em 1945, Lowen começou a trabalhar como terapeuta reichiano e em 1947, foi para a Suíça fazer o curso de medicina. Ele reconheceu que a sexualidade foi e é

a chave dos problemas emocionais; no entanto, uma visão de personalidade que enfoca o sexo como única chave é restrita. Por outro lado, ignorar o papel da sexualidade na personalidade das pessoas seria desprezar uma das mais importantes forças da natureza (LOWEN, 1982).

No ano de 1952, quando concluiu o curso de medicina, Lowen voltou para os Estados Unidos. Em contato novamente com Reich, descreveu que os sentimentos de excitação de seu terapeuta nos anos anteriores haviam sido substituídos por desânimo e perseguição. A forma de trabalho de Reich também havia mudado, uma vez que seu principal foco no momento era a energia orgônica. Lowen ainda continuava entusiasmado e começou a questionar e a ampliar as técnicas dos trabalhos terapêuticos corporais (LOWEN, 1982).

Em 1953, Lowen associou-se a outro médico seguidor de Reich, o Dr. John C. Pierrakos. Começaram a organizar seminários de estudos sobre o corpo e, em 1956, fundaram o Instituto de Análises Bioenergéticas (LOWEN, 1982).

Lowen (1982) asseverou que a Bioenergética foi concebida a partir das experiências vividas em seu próprio corpo. Na parceria com Pierrakos, propôs que o colega, apesar de mais jovem, o atendesse. Este acordo terapêutico ocorreu durante três anos e, assim, foram testando vários exercícios.

Lowen (1982, p. 34) exprimiu uma opinião muito importante, que também era compartilhada por Pierrakos (1987): “[...] não acredito que seja um direito nosso pedir a outras pessoas o que nós mesmos não estamos preparados para pedir de nosso corpo. Por outro lado, não acredito que possamos fazer pelos outros o que não podemos fazer por nós mesmos.”

Dessa maneira, foram desenvolvidos exercícios e posições que se tornaram padrões na Bioenergética, tais como a postura de *grounding*,¹⁹ além de exercícios em um banquinho, no qual o corpo era colocado em determinada posição para gerar estresse e, assim, obter vibrações involuntárias para aprofundar a respiração (LOWEN, 1982; WEIGAND, 2006). A respiração plena e profunda, tanto para Reich quanto para Lowen, é ponto fundamental no processo terapêutico. A sexualidade

¹⁹ Conceito central da análise bioenergética, envolvendo a noção de que as pernas originam tanto sensações físicas quanto sentimentos (WEIGAND, 2006). Ao manter as pernas com energia, firmes e bem plantadas no chão, o indivíduo obtém uma percepção de si mesmo, assim como da realidade externa, resultando em sentimento de segurança (LOWEN, 1982).

deixou de ser o ponto central. A diminuição das tensões musculares e o foco nos problemas de personalidade podiam levar aos sentimentos de vergonha e culpa em relação à sexualidade, que então era trabalhada.

Com a colaboração de John Pierrakos, em 1958, Lowen descreveu e classificou tipos diferentes de caráter. A terminologia de classificação destes tipos foi sendo modificada ao longo dos estudos por Lowen (1977b), resultando em cinco tipos de caráter considerados: esquizoide, oral, masoquista, psicopático e rígido (LOWEN, 1982). A descrição de cada tipo de caráter e a nova terminologia de sua classificação a partir da leitura energética do corpo será feita a seguir, quando da discussão sobre *Core Energetics*, a abordagem corporal principal deste estudo.

Lowen (1982, p. 150) descreveu o caráter como sendo “o melhor arranjo que a pessoa teve condições de se propor no início de sua situação existencial”. À medida que ocorre o desenvolvimento da criança, diante das dificuldades com que ela tem de lidar, suas defesas comportamentais vão ocorrendo e moldando o corpo; afinal, “o passado de uma pessoa é o seu corpo” (LOWEN, 1982, p. 330).

Na análise bioenergética, foi introduzida a leitura corporal do paciente, ferramenta que auxilia o terapeuta como um mapa da história do cliente, dando-lhe a percepção do caminho que deve percorrer. Com base nesse recurso, que o auxilia a enxergar além do discurso do paciente, o terapeuta pode sugerir exercícios, reduzir tensões e analisar a história de vida daquele indivíduo (LOWEN, 1977b, 1982; PIERRAKOS, 1987).

Weigand (2006, p.18) apontou que o objetivo da Bioenergética “é ajudar o indivíduo a vivenciar e expressar, adequadamente, prazeres e dores, alegrias e tristezas, raiva, amor e sexualidade.” Resumidamente, argumentou que é uma técnica que entende a personalidade a partir do corpo; através do aumento da energia corporal, por meio dos exercícios, as funções da mente melhoram. Ao liberar atitudes crônicas do caráter, o indivíduo aumenta sua capacidade de sentir prazer e alegria. A Bioenergética adota dois princípios reichianos: as limitações de movimento (tensões) e a vibração corporal, assim como padrões emocionais geradores de dificuldades na fase adulta, são decorrentes de adversidades emocionais oriundas de conflitos antigos. Em adição a isso, a ansiedade está relacionada à restrição da respiração natural advinda de situações ansiosas vividas na infância (WEIGAND, 2006).

Alexander Lowen e John Pierrakos mantiveram uma parceria profissional durante 20 anos, a qual foi muito relevante para o aprofundamento e a difusão dos estudos reichianos, assim como para o desenvolvimento das técnicas corporais utilizadas hoje em Bioenergética e em *Core Energetics*. Esta parceria findou em 1972, quando Pierrakos se interessou muito pelo estudo da espiritualidade e decidiu incorporar a dimensão espiritual em seu trabalho, criando a *Core Energetics* (OLIVEIRA JÚNIOR, 2016).

2.3 JOHN PIERRAKOS E A *CORE ENERGETICS*: CORPO E ESPIRITUALIDADE

John Pierrakos foi um médico grego que viveu de 1921 a 2001. No ano em que faleceu, finalizaria a segunda turma de formação em *Core Energetics* no Brasil, da qual a autora deste trabalho fez parte. O encontro com Pierrakos foi muito importante para verificar que o trabalho psicoterápico corporal traz muita vitalidade para o corpo e ajuda, de forma muito eficaz, a compreensão da própria história. Fazer sessões terapêuticas com John Pierrakos, assisti-lo trabalhando e ouvi-lo sobre a sua trajetória comprovou isto.

Ele nasceu em uma pequena vila grega no Mediterrâneo, chamada Neon Oitylo. Era um lugar bonito, tranquilo, mas com muita desunião, caracterizada pelo machismo, pois para defender a honra de suas mulheres, os homens se matavam uns aos outros. Havia muita influência da Igreja Ortodoxa Grega, que reprimia a sexualidade e pregava o sacrifício da carne para a elevação do espírito. Em casa, Pierrakos era cercado por mulheres, as quais lhe deram muito carinho e amor e lhe ofereciam tudo, o que gerou uma certa dependência. A segurança do amor materno o ajudou a expressar o amor pelo feminino. O pai viajava muito, era sério e disciplinado e não expressava sentimentos amorosos. Ele relatava que tinha medo do pai e temia que ele soubesse que se interessava sexualmente pelas mulheres.²⁰

Em 1939, quando Pierrakos tinha 18 anos, sua irmã que morava em Nova York o convidou para viver com ela, porquanto com o início da Segunda Guerra Mundial, ela temia por sua segurança e queria protegê-lo. Em Nova York, ingressou

²⁰ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

na Universidade de Columbia, onde cursou medicina e psiquiatria e entrou em contato com o trabalho de Reich, logo se tornando seu paciente e aluno.

Quando Reich começou a ser perseguido, Pierrakos se afastou dele, fato que sempre o emocionava ao ser mencionado, pois julgava ter traído seu mestre naquele momento. Então, se uniu a Lowen, como descrito no subitem 2.2, para a criação conjunta da Bioenergética.

Em 1966, Pierrakos conheceu Eva Broch, uma austríaca, sensitiva, que canalizava os ensinamentos de uma entidade espiritual denominada Guia. John Pierrakos teve conhecimento sobre algumas palestras canalizadas por Eva através de um cliente. Ele ficou encantado com o conteúdo das palestras e concluiu que era a dimensão espiritual contida neste material que estava faltando em seu trabalho psicoterapêutico corporal.

Em uma entrevista que Eva concedeu a Charles Rotmil,²¹ ela relatou:

Voltei de Harkness no dia 4 de julho de 1966 e encontrei a carta do John Pierrakos: "Sou um psiquiatra de Nova Iorque e o material é muito incrível e eu gostaria de comprar todas as palestras e gostaria de falar com você." Foi assim que o conheci (ROTMIL, 2013).

John e Eva começaram a estudar juntos e a trocar informações sobre as palestras que ela canalizava em transe e, em 1971, se casaram. Trabalharam juntos até a morte de Eva Pierrakos em 1979.

No que concerne ao conceito de canalização, Stone (1994 apud QUEIROZ, 2011, p. 37) afirmou que "Não há sequer uma pessoa neste mundo que não pratique a canalização [...] Todos são canais; o ponto chave é saber quem ou o quê está sendo canalizado". Adicionalmente, Stone (1994 apud QUEIROZ, 2011) opinou que o ensino tradicional enfatiza de forma desproporcional as capacidades intelectuais em detrimento da intuição e da criatividade. Para o autor, a canalização é a expressão da arte, da música, dos sonhos e das inspirações.

Em entrevista a Rotmil (2013), Eva descreveu todo o processo de profundo autoconhecimento e meditação pelo qual passou para ser receptiva e tornar-se um

²¹ Charles Rotmil, escritor e fotógrafo, sobrevivente do Holocausto, participou dos grupos de *Pathwork* e registrou em seu blog que Eva Broch "era uma excelente terapeuta, intuitiva e profunda. Ela me ajudou com os problemas que tive em sobreviver à Segunda Guerra Mundial, tanto como uma criança judia escondida na guerra, quanto mais tarde como um órfão nas mãos dos nazistas" (ROTMIL, 2007, tradução nossa).

canal de conhecimento. Ela relatou a desconfiança que há diante de pessoas que dizem canalizar mensagens sem uma transformação profunda de si.

De 1957 a 1979, Eva Pierrakos canalizou 258 palestras, as quais deram origem a um trabalho de autoconhecimento denominado *Pathwork*.²² Este trabalho começou a ser desenvolvido no Brasil em 1990, na cidade de Salvador, através da psicóloga Aidda Pustilnik (QUEIROZ, 2011). Também tendo por base as palestras canalizadas por Eva, Pierrakos (1987) unificou os conceitos de energia e consciência e as práticas psicológicas e espirituais, então desenvolvendo a *Core Energetics*.

Seguindo-se a trajetória de John Pierrakos, verifica-se que os estudos reichianos de análise do caráter e organoterapia, o amadurecimento da prática da psicoterapia corporal com Alexander Lowen e o valioso encontro com Eva Broch Pierrakos, que o abriu para um conhecimento amoroso e espiritual profundo, exerceram enorme influência em sua linha de trabalho terapêutico. Acerca disso, John Pierrakos relatou que:

Meu encontro e trabalho com Eva mudaram a minha forma de trabalhar, pois diminuí o foco nas defesas e agora observo e acolho o criativo, o Eu espiritual que há na pessoa. Minhas intervenções podem cortar e limpar as defesas, mas faço isso com muito amor e respeito. Meu trabalho não está a serviço do Ego; houve uma mudança.²³

Além de considerar na formação do corpo a herança genética, a formação familiar e as condições sociais, Pierrakos (1987) enfatizou que somos moldados por uma energia interior. Ao decidir o que e como faremos isto em nossa vida, direcionamos esta energia. Quando as pessoas são dependentes (na infância), estão vulneráveis às circunstâncias; contudo, à medida que se tornam adultas, podem bloquear a energia ou deixá-la fluir, colocando-se inteiramente no mundo ou dele se retirando. Conforme os bloqueios são liberados durante o trabalho psicoterápico corporal, ocorre a compreensão da história de vida dos clientes, que sentem mais

²² *Pathwork* (tradução nossa: Trabalho do caminho) é um sistema completo de transformação pessoal, uma metodologia espiritual e psicológica que confronta as negatividades estruturadas no Ego e, através das forças espirituais e da força da vontade individual, conduz ao Deus Interior. Baseou-se em 258 palestras canalizadas por Eva Pierrakos entre 1957 e 1979. A energia ou entidade por Eva canalizada é conhecida simplesmente como “Guia” (PIERRAKOS; THESENGA, 2016, 2017). O trabalho é praticado e ensinado em diferentes centros de estudo em várias partes do mundo. É organizado pela International Pathwork® Foundation e, no Brasil, pela Brasil Pathwork®, responsável por palestras, grupos de estudo, sessões terapêuticas e formação para terapeutas (Disponível em: <http://www.pathworkbrasil.com.br/pathwork-no-mundo.php>).

²³ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

vontade de obter realizações mais profundas e desejo de unificação maior com a realidade exterior.

Pierrakos (1987, p. 19) afirmou que: “a mente exterior do ser humano é, em certo sentido, uma cristalização da mente interior [...], o corpo físico, que podemos tocar, é uma cristalização de nossa entidade quantitativa energética”. A mente de uma pessoa saudável pode direcionar, alinhar ou ignorar esse fluxo energético, que possui diferentes frequências vibratórias. No corpo físico, as vibrações se apresentam mais lentas; porém, o que constitui o campo de energia ou a aura tem muitas camadas, fornecendo inúmeras informações sobre a natureza e o funcionamento dos seres humanos. Pierrakos (1987, p. 21) visualizava o campo energético (aura) dos seus clientes e ressaltou que

É preciso treino para desenvolver esta faculdade, assim como para desenvolver a habilidade de discernir quartos de tom de música, mas estou convencido que muitas pessoas têm esta capacidade, como parte de seu sistema normal de percepção.

Na perspectiva energética, a percepção do corpo perpassa pelo fato de que todas as coisas pulsam em diferentes frequências e interagem. Esta integração forma a unidade com o todo, semelhantemente ao que Reich afirmou quando da descoberta da energia orgônica, tópico já discutido anteriormente.

A abordagem terapêutica que, inicialmente, Pierrakos (1987, p. 15) chamou de Energética da Essência e, posteriormente, de *Core Energetics*, é embasada em três teses principais:

A primeira é a de que a pessoa humana é uma unidade psicossomática. A segunda é a de que a fonte de cura reside no interior do self e não num agente externo, seja ele um médico, Deus ou as forças do cosmos. A terceira é a de que toda a existência forma uma Unidade que se move em direção a uma evolução criativa, tanto do todo como dos seus inúmeros componentes.

Há uma inteligência que cria, organiza e propicia a evolução. Os conceitos de energia e consciência são primordiais na teoria de Pierrakos, porquanto a energia que dá forma ao corpo e à consciência e que é a capacidade de perceber e se perceber forma uma unidade presente em todos os níveis de realidade.

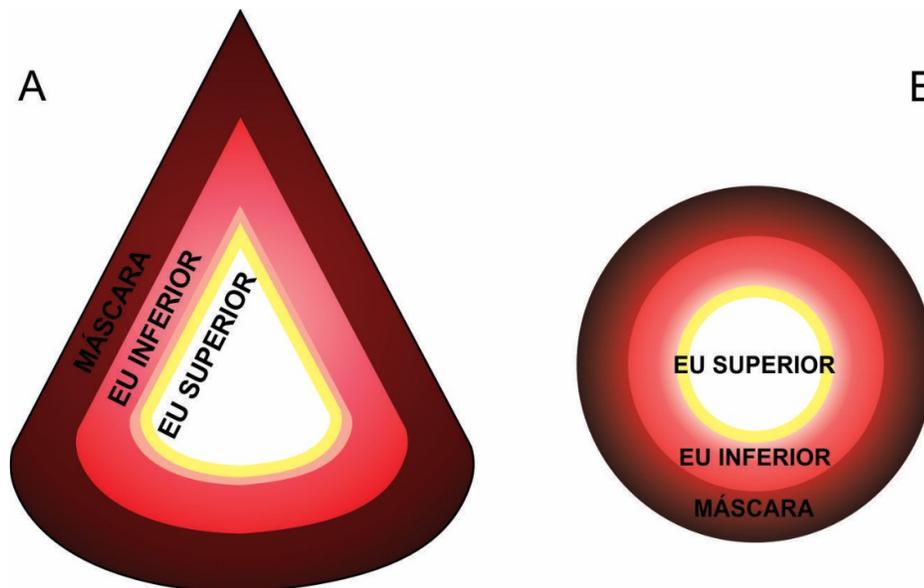
Em *Core Energetics*, há um mapa da consciência que auxilia na compreensão de como a energia e a consciência do paciente estão durante o trabalho terapêutico. Esse mapa é composto pela Essência ou Eu Superior, por uma camada protetora

denominada Eu Inferior e pela camada externa representada pela Máscara. A Essência é descrita por Pierrakos (1987, p. 23) como

O núcleo da vida universal individuada [...]. Como já disse, cada célula e cada entidade mais complexa, até o todo do organismo, consiste em energia pulsatória consciente. Cada um desses elementos tem um centro e uma periferia, e cada um deles emite e recebe a força vital. A totalidade dos centros é a Essência do ser humano.

Na Figura 1A pode ser vista a representação do mapa da consciência no formato de um cone que, seccionado ao meio (Figura 1B), mostra os três níveis de consciência descritos na *Core Energetics*. No centro, ou no “topo do ser”, encontra-se a Essência, em que a energia é fluida, desobstruída, havendo uma completa unidade (PIERRAKOS, 1987, p. 23). “É a fonte e a consciência da força vital” (PIERRAKOS, 1987, p. 27).

Figura 1. Representação do mapa da consciência preconizado em *Core Energetics*.



Fonte: Original da autora para este trabalho com base em Pierrakos (1987, p. 24).

Não há dualidade neste princípio, pois há a verdade e o pulso da vida. As qualidades da Essência ou Eu Superior são emoções positivas primais e movimentos de unificação do individual com o todo, podendo-se resumi-la como o amor. A camada próxima à Essência a protege, neutralizando as forças externas, que pulsam para

dentro para modificar a Essência, a qual pulsa para fora. Esta segunda camada, denominada Eu Inferior, contém os impulsos primais negativos, os quais se manifestam diante das negações sofridas pelo impulso positivo, possuindo uma vibração mais desacelerada que a da Essência. As negatividades primais, que protegem e defendem a vida, variam na forma e no grau e são: pânico, terror, ódio, raiva, crueldade, egoísmo e destrutividade. Essa força não é o instinto de morte, como Freud colocava, e nem intrinsecamente patológica, como Reich, às vezes, a considerava. É uma energia comparável ao sistema imunológico, que serve ao combate de forças intrusivas, as quais podem ferir a integridade do indivíduo (PIERRAKOS, 1987). A terceira camada, mais exterior, possui a função protetora e reguladora das forças internas descritas anteriormente. No ser humano, é formada pelo Ego, agente da autoconsciência e da vontade exterior. Também é constituída de uma camada inconsciente, que influencia nas ações e percepções da pessoa, a Máscara (PIERRAKOS, 1987).

A evolução da personalidade ocorre a partir da luta entre o Eu Superior e as negatividades. A criança tem toda a espontaneidade e a criatividade da Essência e, simultaneamente, também possui a negatividade para a proteger. Entretanto, o processo educativo não permite que a criança expresse suas frustrações, não lhe sendo dado o direito de dizer que tem raiva dos pais quando contrariada. Aprende a disfarçar os sentimentos negativos tornando-se boazinha, ou “engolindo” o choro e disfarçando a tristeza. Então, as máscaras são criadas e, em vez de expressar a tristeza, a pessoa se torna vítima, em vez de expressar sua agressividade, torna-se indiferente.²⁴

Ao longo do desenvolvimento infantil, desde a fase embrionária até atingir a fase adulta, ocorre um processo na consciência com uma série de etapas, incluindo a sensação de separação e de unidade. Quando há uma boa experiência, a consciência se expande, havendo um reconhecimento de si, do corpo e do outro. Quando as necessidades básicas de nutrição, cuidados de higiene e afeto não são atendidas, a criança vai evitando ou se defendendo de frustrações, dores e sofrimentos. Dessa maneira, interrompe o fluxo energético da Essência e da energia primal negativa. Há uma acomodação energética, a qual molda o corpo e cria comportamentos. Essas

²⁴ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

defesas e bloqueios, que podem ser percebidos no corpo adulto, ajudam a revelar a história do sujeito nem sempre de maneira consciente.

A partir do estudo de Reich sobre as estruturas de caráter, Lowen e Pierrakos continuaram a analisar os diferentes padrões de defesa estruturados no corpo com maior profundidade. No decorrer dessas pesquisas, as terminologias usadas para classificar os diferentes tipos corpóreos foram sofrendo mudanças (LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987; REICH, 1979). De acordo com a abordagem da Bioenergética e da *Core Energetics*, entre os diversos tipos de caráter, como mencionado anteriormente, foram considerados cinco básicos, inicialmente denominados: caráter esquizoide, caráter oral, caráter masoquista, caráter rígido e caráter psicopático ou agressivo (LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987). Com o intuito de tornar essa terminologia mais flexível e mutável, foi posteriormente alterada por John Pierrakos para: estratégia esquizoide fragmentada ou dividida, estratégia oral ou subcarregada, estratégia masoquista ou sobrecarregada, estratégia psicopata ou deslocamento superior e estratégia rígida enfatizando o aspecto energético.²⁵ Cada um dos tipos tem um padrão próprio de defesa manifestado nos aspectos emocional, mental, energético e muscular do indivíduo. Esse padrão o distingue das demais pessoas, mas ninguém é considerado um tipo puro. Em *Core Energetics*, enfatiza-se que o padrão defensivo ou a estrutura de caráter não é o que define a pessoa, mas sua Essência.

Uma pessoa em tratamento não é um tipo ou estrutura de caráter, ou qualquer outro rótulo. Ele ou ela é um ser humano cujo funcionamento começou a falhar, e cuja alma tem um brilho e uma beleza inatas, que a terapia tem o objetivo de restaurar (PIERRAKOS, 1987, p. 89).

Os padrões de defesa ou estruturas de caráter são generalizações e mostram variações significativas em cada pessoa, ligadas à qualidade única de cada essência (PIERRAKOS, 1987). Os fatores comuns a todas as defesas considerados por Pierrakos (1987) são as três formas de negação: vontade própria (autoconsciência e vontade exterior inconsciente), orgulho (superioridade) e medo (desconfiança em relação à força energética vital e ao equilíbrio entre a pessoa e o meio ambiente). Essas três formas se combinam de diferentes maneiras em cada pessoa.

²⁵ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

No trabalho corporal e analítico em *Core Energetics*, são considerados os aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais do indivíduo que busca o autoconhecimento. Assim,

O corpo físico, que podemos ver e tocar, é uma cristalização de nossa entidade quantitativa energética. [...] é por isso que o todo de uma vida, até mesmo o comprimento dos ossos e o grau de coordenação motora, é literalmente esculpido por sua energia interior. O “escultor” é a consciência da energia: a consciência integral, do gene ao espírito (PIERRAKOS, 1987, p. 19).

As cinco estratégias básicas do caráter vão sendo desenvolvidas conforme as pessoas vivenciam e encontram estratégias para se defender das insatisfações ou dos excessos recebidos em cada fase do desenvolvimento infantil. Como há uma complexidade em cada uma dessas estratégias, neste estudo são enfocados os aspectos corporais que cada tipo apresenta.

No trabalho terapêutico em *Core Energetics*, conhecer e reconhecer as estruturas de caráter equivale a ter um mapa no qual se indicam os caminhos que foram percorridos ao longo da história da pessoa, além de apontar as possibilidades de novas estradas a serem construídas mais próximas de sua Essência. Essa é uma compreensão que a pesquisadora desenvolveu a partir dos processos terapêuticos de que participou e do que tem aprendido na prática como terapeuta em *Core Energetics*. Lowen (1982, p. 149) afirmou que “a estrutura de caráter define o modo pelo qual a pessoa conduz suas necessidades de amar, sua procura de intimidade e proximidade e sua busca de prazer”.

O caráter esquizoide ou dividido caracteriza uma pessoa com tendências de dissociar os pensamentos dos sentimentos e comportamentos (CALEGARI, 2001; LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987). As pessoas com este tipo de caráter refugiam-se ou isolam-se com facilidade em si mesmas, perdendo o contato com a realidade. As defesas presentes nessa estrutura se desenvolvem intraútero ou até aproximadamente dez dias após o nascimento. Como ponderou Calegari (2001), essa fase é a visual, caracterizando-se pela busca da criança em pertencer a este mundo, a encarnar e estar na Terra. Isso denota que, nesse período, os aspectos físico e emocional ainda são bem frágeis. Quando há dificuldades nesse período, o desejo da criança de pertencer e ser acolhida não é atendido, sendo as defesas instaladas no

corpo e nas emoções. Há uma sensação de rejeição, uma vez que o mundo não a acolheu.

A partir disso, o corpo desenvolve uma fragilidade e sua energia se recolhe para o centro, tendo ele fracos impulsos para a ação. Ocorrem tensões musculares crônicas na base da cabeça, nos ombros, na pelve e nas articulações dos quadris. Uma tensão que representa uma cisão aparece na altura da cintura, resultando daí uma falta de integração entre as partes superior e inferior do corpo, que fica estreito e contraído. As articulações podem apresentar muita maleabilidade, em contraste com uma inflexibilidade no comportamento. A face adquire aparência de máscara e os olhos se apresentam distantes. Os braços ficam alongados, finos e pendem como apêndices em vez de extremidades extensivas do corpo. Os pés se apresentam contraídos e frios e o peso do corpo fica jogado para as bordas externas dos pés.

O caráter oral ou subcarregado é desenvolvido no primeiro ano de vida da criança (CALEGARI, 2001; LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987). Nesse período, a boca do bebê desempenha o primeiro movimento de busca e de contato próximo com o mundo que o cerca (CALEGARI, 2001). Nessa fase, as ações desenvolvidas pela criança são sucção, deglutição, mastigação, busca com as mãos e som articulado. A falta de afeto e de cuidado durante esse período da vida gera a defesa.

O corpo dos indivíduos que apresentam este tipo de caráter tende a ser esguio e fino, com musculatura subdesenvolvida, mais evidente nos braços e nas pernas; os pés ficam pequenos e estreitos e os joelhos se tornam encolhidos. Há traços de imaturidade, denotados pela pelve menor que o normal. A respiração é superficial, porquanto a carência que o recém-nascido sofre durante a fase oral reduz a força do impulso de sugar (LOWEN, 1982). A sensação presente na pessoa é de abandono.

O caráter masoquista ou sobrecarregado se desenvolve na fase anal da criança, que se estende até cerca de 2 anos e meio (CALEGARI, 2001; LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987). É o momento em que a criança fica ereta, começa a caminhar, a controlar os esfíncteres e a respiração, obtém autonomia interna e conquista um espaço mais amplo no mundo social. A defesa se estrutura diante da invasão e da recusa do cuidador em permitir a autonomia.

O corpo das pessoas com este caráter é curto, grosso, musculoso ou com acúmulo de gordura. Além disso, apresenta-se sobrecarregado e com uma contenção

interna, de modo que as ações expressivas são limitadas. O pescoço apresenta-se curto e grosso e a cabeça é atarracada. A cintura também é mais grossa, a pelve é projetada para a frente e há um achatamento das nádegas. A pele toma um tom acastanhado pelo acúmulo de energia. Há uma sensação de falta de autonomia.

O caráter psicopático ou agressivo ou deslocamento superior (LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987) ocorre na fase denominada por Reich (1979) de fase de poder, , quando a criança vai para o mundo social e começa a desenvolver a racionalidade e a competitividade. É a fase em que o Ego desenvolve controle sobre a musculatura do diafragma (CALEGARI, 2001). Nesse período, a criança necessita de modelos sociais significativos. Na falta desses modelos ou quando se sente seduzida e traída pelos modelos de identificação (genitores ou cuidadores), a criança desenvolve o caráter psicopático ou agressivo.

Há uma manipulação sedutora e de inconsistência dos adultos próximos (PIERRAKOS, 1987), ao mesmo tempo em que se critica afirmando que a criança não fez o suficiente. “As relações conflitantes se abrigam em bloqueios que desaceleram o movimento na área genital e deslocam a energia para cima da cintura, em direção à cabeça” (PIERRAKOS, 1987, p. 94). A racionalidade que alimenta o poder predomina, em detrimento de sexualidade e amorosidade.

O corpo das pessoas com este tipo de caráter apresenta desenvolvimento desproporcional entre as partes superior e inferior. O peito tem aparência inflada, enquanto a parte de baixo se apresenta estreita. As mulheres podem apresentar uma inversão dessa aparência, com quadris largos e ombros estreitos. Ocorrem tensões no segmento ocular, o qual inclui olhos e região occipital, e na região da base do crânio. Há uma sensação de traição.

O caráter rígido começa a se desenvolver na fase genital, que se estende até os 6 anos de idade, e pode ser reforçado na adolescência (LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987). Essa fase é caracterizada pelo interesse que a criança tem em diferenciar os sexos e pela escolha de modelos de identificação (CALEGARI, 2001). Nesse período, começa a lidar com o prazer genital. Quando não se sente acolhida diante desta descoberta e da sua identificação, a criança desenvolve o caráter rígido.

O corpo dos indivíduos que apresentam este tipo de caráter é proporcional e mostra harmonia entre as partes. Há vivacidade no corpo, olhos brilhantes, boa cor

de pele, leveza de gestos e de movimentos. As áreas de tensão se concentram nos músculos longos. Os ombros podem apresentar rigidez. Essas pessoas colocam muita vontade na obtenção de sucesso, porém possuem muita dificuldade em comemorar as conquistas e em receber. Têm a sensação de não serem vistos ou acolhidos inteiramente.

O trabalho através dos exercícios corporais movimenta a musculatura para abrir os bloqueios e liberar a força da vida, o que acarreta aumento da vitalidade e conscientização acerca das dificuldades e frustrações bloqueadas, além do despertar de memórias antigas. Nesse momento do processo de autoconhecimento, não é agradável sentir as carências, as dores e as raivas infantis reprimidas. Porém, apenas através desta liberação consciente os centros energéticos, os chakras²⁶ e os sentimentos amorosos do coração podem ser experienciados. A pessoa torna-se mais presente, alegre, e as dores que fazem parte da vida passam a ser choradas mais livremente, evitando o apego ao sofrimento.

Deve-se ressaltar que “a concepção de que o corpo é moldado socialmente, por intermédio de suas experiências, o que possibilita tê-lo como instrumento diagnóstico, não é restrita à *Core Energetics*” (SILVA, 2014, p. 36). Percebe-se na sociologia, na antropologia e na teoria desenvolvida por Reich que se apoiam nessa ideia, como salientou Le Breton (2012, p. 8),

Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.

Nas abordagens psicoterapêuticas corporais, incluindo a *Core Energetics*, considera-se que todas as experiências que o indivíduo vivencia ficam registradas em seu corpo; todas as emoções, pensamentos e sentimentos ocorrem no corpo. Ao movimentar o corpo e deixar manifestar os processos involuntários, as defesas irão se afrouxar, os sentimentos negativos e as dores serão expressos e a pessoa terá

²⁶ “Chakras são configurações do campo de energia [...] funcionam como órgãos de captação de energia do campo energético da vida universal, o qual envolve todos nós e também pode ser chamado de campo universal da saúde. A energia absorvida e metabolizada de cada chakra é enviada para as partes do corpo localizadas na principal área de plexo nervoso próxima de cada chakra. Essa energia é muito importante para o funcionamento saudável do campo áurico e do corpo físico. [...] Existem sete chakras principais” (BRENNAN, 1993, p. 56).

mais proximidade com os sentimentos de amorosidade e alegria presentes em sua Essência.

Já no trabalho terapêutico em *Core Energetics*, são considerados tanto os processos involuntários inconscientes como os aspectos voluntários conscientes. Os primeiros são expressos na vida através de pulsações do movimento de energia que flui através do corpo. “Estas pulsações são percebidas como sensações de calor ou talvez alfinetadas” (PIERRAKOS, 1987, p. 272).

Ao permitir que as vibrações que surgem no corpo fluam por um período e ocupem todo o organismo, há possibilidade de integração das sensações inconscientes com as do consciente (PIERRAKOS, 1987). O trabalho terapêutico caminha em busca da descoberta da tarefa de vida que ocorre à medida que a pessoa faz contato com a sua Essência, até então, protegida por suas defesas. Pierrakos (1987) postulou que, através do trabalho que move o corpo na psicoterapia, pode-se afrouxar as defesas desenvolvidas ao longo da vida e aumentar a compreensão dos comportamentos e sentimentos. Por conseguinte, pode-se diminuir ou evitar padrões de comportamentos prejudiciais e aumentar o autoconhecimento.

Na abordagem terapêutica em *Core Energetics*, a espiritualidade é despertada à medida que o indivíduo aceita a total responsabilidade por sua própria vida. Diante disso, a verdadeira espiritualidade está integrada ao seu dia a dia, não contradiz os aspectos práticos da vida e não implica autoprivação (PIERRAKOS, 1987).

Na visão de Pierrakos (1987), o caminho percorrido pela *Core Energetics* tem uma direção: parte da penetração da Máscara, a qual é composta pelas defesas da pessoa, segue em direção à liberação do Eu Inferior (ou negatividades) e à expressão do livre fluxo entre o Eu Inferior e o Eu Superior, passando pelo centramento do indivíduo no Eu Superior, reconectando-o com a força vital e ajudando-o a tomar decisões a partir da sua Essência. Diferente das terapias tradicionais, cujo objetivo é curar as neuroses, na *Core Energetics* este é apenas um estágio que deve ser transposto para se chegar ao estágio final. O estágio final da terapia seria a descoberta de um plano de vida que conecta a pessoa à realidade e ao mundo, sendo o corpo a entidade na qual tudo isto se faz, uma vez que a *Core Energetics* tem como meta aprender como ativar a Essência, que é o Eu Espiritual de cada indivíduo (PIERRAKOS, 1987). A percepção, o contato com o Eu Espiritual, é uma ferramenta

para transformar as defesas, as negatividades. Esse é o ponto que diferencia a *Core Energetics* das demais terapias.

Surge, então, uma capacidade maior para experimentar a vida de forma mais ampla, como uma consciência da totalidade. Para alcançar essa fonte, há de se ultrapassar dores e fazer conexões mais profundas e dentro da perspectiva holística. A partir disso, podem ser liberadas energias criativas com o intuito de estabelecer conexões com a própria realidade e também com a realidade do outro, do planeta, do universo. Pierrakos (1987, p. 276) salientou que “o prazer espiritual não pode ser separado dos outros domínios, porque resulta do trabalho que esclarece problemas do corpo, da mente e das emoções.” Sustentar o estado de felicidade após atravessar as dificuldades (medo, dor, sofrimento, culpa, terror) significa o processo da vida. Deve-se lembrar que o negativo e o positivo são unos, a mesma energia que nos cabe transformar. É exatamente esta espiritualidade citada por ele que se pretendeu compreender por intermédio desta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – DEFINIÇÃO METODOLÓGICA: O PESQUISADOR, A OBSERVAÇÃO E O SENTIDO

O projeto desta pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e aprovado (CAAE: 09567319.3.0000.0037) (Anexo A). A coleta de dados incluiu a observação e entrevistas realizadas em dois campos de pesquisa distintos: 1) nas celebrações do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, ação pastoral que segue preceitos do movimento Renovação Carismática Católica em uma igreja situada em um bairro de Goiânia, GO, cujos cultos acontecem às quartas-feiras, das 20h00 às 22h00, no período entre março e julho de 2019 (Anexo B); 2) nas aulas do curso de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, realizado pela Rede Brasil de *Core Energetics* em Brasília, DF, nos períodos de 13 a 17 de março de 2019 e de 3 a 7 de julho de 2019, das 8h00 às 12h00 e das 14h00 às 19h00 (Anexo C). Além disso, cabe ressaltar que a trajetória de busca da pesquisadora permeou a compreensão do tema.

Para participar desta investigação, os sujeitos deveriam ter mais de 18 anos de idade, não apresentar quadro de depressão ou diagnóstico de outra patologia mental e não estar fazendo uso de qualquer medicamento indicador desses quadros patológicos. Esses requisitos foram observados durante a entrevista e confirmados por autodeclaração. No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, os sujeitos desta pesquisa já deveriam estar ali participando há pelo menos 6 meses, tendo clareza como os processos ali acontecem e estando aptos para avaliar os efeitos de sua participação no grupo. No grupo de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, os participantes deste estudo já deveriam ter terminado o primeiro ano do curso. Nos mesmos locais e períodos citados acima, após aceite em participar deste estudo, os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e a pesquisadora responsável iniciou sua pesquisa de campo e observação não participante.

O percurso metodológico descrito neste capítulo narra a expectativa, as dificuldades e a tentativa de compreender como se dá o despertar da espiritualidade através do corpo em dois grupos que possuem contextos diferentes. O corpo passa a ser o veículo de compreensão de um processo, incluindo-se a corporeidade do sujeito

pesquisado e da pesquisadora, descrita por Le Breton (2012, p. 7) como “um fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”. Observar, escutar e participar dos rituais, das aulas e das vivências corporais em ambos os grupos levou a pesquisadora a refletir, sentir, se afastar e se aproximar com o intuito de analisar e interpretar os sentidos relatados e percebidos dos participantes.

Csordas (2008, p. 11), autor que estuda a corporeidade através dos rituais de cura, defendeu que “a abordagem da corporeidade está para além da representação e do discurso, sem, contudo, deixar de incluir essas dimensões”. Abordou o corpo como “corpo fenomênico, como *locus* de cultura, meio de sua experimentação do ‘fazer humano’ em suas múltiplas possibilidades” (CSORDAS, 2008, p. 11). Estar no campo de pesquisa e se aproximar dos sujeitos pesquisados por meio das entrevistas foi uma forma de experimentar esta relação de complexidade de interação corpórea.

No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e no grupo de formação em *Core Energetics*, a pesquisadora se colocou em um exercício de escutar, observar, registrar e perceber as sensações corporais despertadas diante dos rituais e das práticas de estudo testemunhados, assim como nas entrevistas individuais. Este processo de observação e escuta parece rotineiro, mas como afirmou Oliveira (1996, p. 15),

Olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmos, embora num primeiro momento possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de nos sentirmos dispensados de problematizá-los; todavia, num segundo momento, marcado por nossa inserção nas ciências sociais, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses “atos cognitivos” delas decorrentes, assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir o nosso saber.

A reflexão e a apreensão a partir da interação do observado e interagido gera a escrita. Este, então, é o momento em que o pesquisador constrói a dialética e o conhecimento.

Na aproximação com os dois grupos, houve a ocorrência de um diferencial. Enquanto no grupo de *Core Energetics* houve uma familiaridade com o campo de pesquisa, por ser uma abordagem que é vivenciada na prática de trabalho da pesquisadora, que é terapeuta nesta área há mais de 20 anos, no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória a experiência foi nova, apesar de relembrar a

infância e a adolescência da pesquisadora, que nestas fases da vida frequentava a Igreja Católica. Como sinalizou Chizzotti (1995, p. 79),

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Considerando a familiaridade com o tema abordado e com algumas pessoas que faziam parte do grupo de *Core Energetics*, a pesquisadora esteve atenta à necessidade de objetivação sem perder a capacidade de se colocar da forma mais natural possível na interação, como ensinou Bourdie (2018, p. 700),

[...] o pesquisador não tem qualquer possibilidade de estar verdadeiramente à altura de seu objeto a não ser que ele possua a respeito um imenso saber, adquirido talvez ao longo de uma vida de pesquisa e também, mais diretamente, durante entrevistas anteriores com o próprio pesquisado ou com informantes.

Bourdie (2018) acreditava que, ao ter conhecimento ou informação prévia, o pesquisador pode ser mais flexível e intuitivo, elaborando novas questões e aprofundando-se no tema indagado, o que o auxilia em uma revelação mais profunda do pesquisado. Juntamente com isso, o pesquisador deve dar atenção ao pesquisado e ter uma “abertura oblativa” (BOURDIE, 2018, p. 701). Daí a importância da primeira fase da pesquisa qualitativa, que envolve a escolha do espaço e da amostra qualitativa (MINAYO, 2016), método que fundamenta a presente pesquisa. Para Flick (2009, p. 37),

A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. Consequentemente, a pesquisa qualitativa ocupa uma posição estratégica para traçar caminhos para que as ciências sociais, a psicologia e outras áreas possam concretizar as tendências [...], mantendo a flexibilidade necessária em relação a seus objetos e tarefas.

Através deste método, pode-se investigar o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, dos valores, das crenças e das atitudes. Pode-se considerar que faz parte da natureza humana pensar e interpretar as suas ações, além de avaliar os efeitos destas na realidade em que se vive e compartilha com os demais. Aprofundar no mundo dos significados através da pesquisa qualitativa é mergulhar em uma realidade não visível, a qual precisa ser exibida e decifrada pelos pesquisados e

compreendida e interpretada dentro de um contexto socioeconômico e cultural pelos pesquisadores (MINAYO, 2016).

As etapas da pesquisa qualitativa foram seguidas, como recomendado por Minayo (2016): a fase exploratória, durante a qual os grupos foram selecionados, o trabalho de pesquisa de campo com observação não participante e a análise e o tratamento do material empírico. Para a obtenção dos dados empíricos para a análise comparativa com os estudos teóricos, além da pesquisa de campo pretendia-se aplicar a 15 participantes de cada grupo estudado, perfazendo um total de 30 sujeitos, um questionário composto de 27 questões semiestruturadas (Apêndice B), através do qual procurou-se identificar: a condição socioeconômica e cultural dos entrevistados, o histórico em relação à religião e à religiosidade (expressões, compromissos e experiências), a relação do sujeito com o seu corpo, os conceitos e preconceitos em relação a alguns temas polêmicos (aborto, pena de morte e LGBTI+).

Após a coleta de dados, realizou-se a transcrição dos áudios, nomeando-se cada resposta de acordo com os dados biográficos dos sujeitos, colocando-se as iniciais dos nomes (posteriormente substituídas por números, conforme a ordem em que ocorreu a entrevista), iniciais do grupo (MMV para o grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e CE para o grupo de formação em *Core Energetics*), sexo, estado civil, idade, grau de escolaridade e profissão.

Em seguida, fez-se a leitura de cada entrevista, efetuando-se agrupamento e qualificação por temas. Como o material coletado foi muito extenso, fez-se um recorte a partir da hipótese inicial deste estudo. Os temas levantados foram: religião, religiosidade e sacramentos, corpo e espiritualidade e temas polêmicos (aborto, pena de morte e LGBTI+).

A partir da leitura exaustiva do material coletado, observaram-se as nuances que chamaram a atenção pela forma e o conteúdo explicitados pelos entrevistados. Atentou-se, especialmente, aos relatos repetidos para, então, dar-se início à interpretação hermenêutica, que “funda-se na compreensão” (MINAYO, 2014, p. 328).

Para o tema religião, religiosidade e sacramentos, selecionaram-se os principais referenciais que nortearam este trabalho em relação a ciências da religião, tais como Geertz (2017) e Eliade (2018). Ao tratar do tema corpo e espiritualidade, recorreu-se a Pierrakos (1987), um dos autores fundamentais para o presente estudo,

pois foi o criador da *Core Energetics*, e a Csordas (2008), uma vez que o autor tem experiência na pesquisa da antropologia da religião com carismáticos católicos. Csordas (2008) abordou a hermenêutica da retórica de transformação do crente carismático, analisando o funcionamento e o discurso da cura. Também refletiu sobre as técnicas corporais, o conceito de corporeidade e os processos vividos nestas experiências. Para isso, esquematizou em três tarefas a retórica da transformação, utilizada na análise dos dados desta pesquisa: predisposição, empoderamento e transformação. Destaca-se sua afirmação acerca da importância de observar todo o processo de cura subordinado ao valor do crescimento espiritual da vida do homem, porquanto este desenvolvimento espiritual é objeto de investigação desta pesquisa.

3.1 GRUPO DE ORAÇÃO PASTORAL MISSÃO MARCA DA VITÓRIA: FUNDAÇÃO, FUNCIONAMENTO E OBSERVAÇÕES

O grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória foi fundado em 11 de abril de 2012, na Paróquia São Pio X, na Arquidiocese de Goiânia. Atualmente, realiza-se no Santuário da Sagrada Família, também na Arquidiocese de Goiânia, sob acompanhamento do reitor Pe. Rodrigo de Castro. Segundo a coordenadora do grupo:

Esse grupo é um pedido que Deus fez para o missionário, o cantor católico Tony Allysson, que é o seu fundador. Temos como carisma levar a evangelização pela Palavra de Deus e a música, com muito louvor e oração. É o Espírito Santo quem nos conduz; é Ele quem nos dá a direção de como devemos conduzir o grupo.²⁷

Atualmente, o grupo de orações Noite Marca da Vitória, uma das inúmeras atividades que o grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória realiza, acontece nas noites de quarta-feira (Fotografia 1). De acordo com o que informou a coordenadora, no calendário, além da celebração nas quartas-feiras, há trabalhos de evangelização nas casas dos fiéis quando são solicitadas orações, são realizados

²⁷ As citações literais das falas dos sujeitos que forneceram informações e dos participantes desta pesquisa são aqui colocadas em itálico, assim sendo diferenciadas das citações literais dos autores no corpo do trabalho.

retiros (Acamp Mark)²⁸ e três encontros anuais de Cura e Libertação com pregadores, cantores e padres de outros estados e formação para servos.²⁹

Fotografia 1 – Grupo de orações Noite Marca da Vitória, atividade do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória nas noites de quarta-feira.



Fonte – Original da autora para este trabalho.

Como colocou Csordas (2008), o grupo de oração carismático é o primeiro passo para uma caminhada em busca da cura espiritual. A retórica da cura é derivada de um discurso mais amplo, que vai sendo atingido à medida que o sujeito se envolve

²⁸ Conforme a coordenadora do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, os retiros são de quatro dias e ocorrem três vezes ao ano. Iniciam-se às 6h30, com a concentração no Santuário; em seguida, rumam para uma chácara, onde há várias atividades, e finalizam no domingo com a Santa Missa das 17h00. Todos os dias, as atividades se iniciam às 7h00 e finalizam às 23h00. São 60 participantes e de 60 a 80 servos que trabalham na realização de cada evento. Todos se hospedam na chácara. Os temas desenvolvidos no encontro são querigmáticos: Amor de Deus, Pecado, Jesus Salvador, Fé e Conversão, Senhorio de Jesus, Efusão do Espírito Santo, Comunidade. Os participantes são divididos em grupos e, quando retornam, participam de sete reuniões com seus líderes.

²⁹ Servo é o termo utilizado pelo catolicismo para designar todos aqueles que se dedicam ao trabalho dentro da Igreja. São vistos como pessoas bem-aventuradas, que servem aos propósitos da Igreja Católica Romana, atendendo aos anseios do Senhor Jesus Cristo, dedicando-se cotidianamente (SILVA, 2015). Conforme relato da coordenadora do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, para se tornar servo no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória é necessário ser assíduo nas reuniões de formação nas terças-feiras, ter uma vida reta e estar em dia com os Sacramentos da Igreja. Os servos são divididos em ministérios: intercessão, música, cuidados com as crianças, acolhida, eventos, transmissão e financeiro.

com as diferentes atividades. Inicia-se com a oração e, aos poucos, outras atividades são oferecidas e o engajamento acontece.

Antes de ser iniciada a observação para esta pesquisa, fez-se contato com a coordenadora do grupo, que solicitou e obteve a autorização do pároco para que se realizassem as observações e as entrevistas. O pároco não achou necessário conversar com a pesquisadora após ter sido enviado a ele o projeto. Todas as informações ao longo do processo foram obtidas por meio do contato com a coordenadora.

Durante esta investigação, foi possível observar o grupo de orações Noite Marca da Vitória e uma visita à reunião de formação de servos foi feita com o objetivo de apresentar a pesquisa e obter adesão para as entrevistas. No grupo de orações, a pesquisadora se apresentou para o idealizador e pregador, e na reunião de formação de servos foi apresentada a um número maior de membros, expondo-lhes os objetivos da pesquisa. As observações se iniciaram em março de 2019.

O Santuário da Sagrada Família é um templo bem grande, com capacidade para mais de 6 mil pessoas sentadas. Situa-se na Vila Canaã, em uma praça, e funciona 24 horas, por causa da Adoração Perpétua da Santíssima Eucaristia. Acontecem confissões diárias e são celebradas cinco missas de segunda-feira a sábado; aos domingos, as celebrações são ampliadas para oito horários. Durante as celebrações, há muito movimento, com pessoas entrando e saindo do recinto, enquanto outras aguardam sua vez na fila do confessionário. Os servos, que percorrem a igreja auxiliando quem precisa durante as orações e fornecendo informações, são identificados por suas camisetas. A igreja tem uma ótima acústica, com bom som ambiente, e as celebrações são transmitidas ao vivo pela página oficial do Facebook,³⁰ que tem mais de 400 mil seguidores, pela Web TV e uma Web Rádio que, juntas, atingem mais de meio milhão de fiéis.³¹

A atividade do grupo de orações Noite Marca da Vitória começa com a celebração da missa pelo pároco local. Após a celebração, o cantor e pregador Tony

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/santuariosagradafamiliago/>.

³¹ Disponível em: <https://www.radiomaria.org.br/santa-missa/>.

Allyson,³² junto com o Ministério da Música, inicia os cantos de animação e louvor. Silva (2015) afirmou que a presença de padres cantores é um elemento característico do movimento Renovação Carismática Católica, tendo o papel de popularizá-lo. No caso específico do grupo pesquisado, seu fundador e pregador é um cantor profissional com bastante repercussão midiática.

Segundo a coordenadora, *“as músicas de oração são conduzidas através da inspiração enviada pelo Espírito Santo”*. Após os cantos, Tony Allyson segue, então, com a pregação da Palavra e finaliza com a oração pertinente ao tema. Ela ainda afirmou que este *“é um grupo que nasceu com a espiritualidade da Oração Carismática”*. São propostos seminários com temas determinados durante os meses do ano, com o objetivo de fidelizar o público, que se sente mais motivado para retornar e concluir o trabalho iniciado.

No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, parece haver uma série de atividades que auxiliam na criação de uma realidade para além do cotidiano vivido pelas pessoas que participam das celebrações. Nesse cenário, busca-se o conceito de Berger e Luckmann (2012), que definem o cotidiano ou o rotineiro como tendo sete aspectos: a consciência, a linguagem, o “aqui e agora”, o mundo intersubjetivo, o “aí” realidade (a não necessidade de verificação do dia a dia), os setores (áreas da vida apreendidas diariamente e novidades a serem resolvidas) e a estruturação (temporal e espacial acessível à intersubjetividade, em que a rotina é organizada e se impõe à biografia do sujeito em sua totalidade). Essa realidade é interpretada pela pessoa que a vive e torna-se subjetivamente dotada de sentido para formar um mundo coerente. O novo mundo criado além desta realidade, a partir da inserção nas atividades religiosas, não precisa, necessariamente, ter esta coerência.

Observou-se a facilidade que as pessoas têm de se cumprimentar através do toque das mãos e do abraço durante as atividades do grupo de orações. Maués (2007)

³² Tony Allysson é um cantor cristão, natural da cidade de Morrinhos, GO. Ainda criança se encantou pela música, mas foi somente na juventude que despertou o interesse pela vida cristã/católica, após ter uma experiência profunda com Deus, que além de transformar a sua história, o inspira a ajudar outras pessoas e a levar a tua palavra através de suas canções. Em 7 anos de carreira, Tony Allysson já cantou em mais de 700 cidades brasileiras e em quatro países. Entre as canções mais executadas nas rádios cristãs estão: “Filho de Davi”, “Poderoso Deus”, “Soberano”, “Marca da Vitória” e “Quem é essa que Avança”. Seu canal do Youtube ultrapassa a marca de 35 milhões de visualizações, a venda de CDs é superior a 400 mil cópias, tendo conquistado dois discos de ouro, um disco de platina e um disco de platina duplo. Fundador da Missão Marca da Vitória, realiza há 6 anos no Santuário da Sagrada Família em Goiânia, GO a Noite Marca da Vitória (Disponível em: <https://www.tonyallysson.com/>).

e Bianconi (2008) verificaram em seus estudos que o movimento Renovação Carismática Católica favorece a troca, a partilha e a interação social. Bianconi (2008, p. 11) apontou que uma nova corporeidade é construída pelo modo como o movimento Renovação Carismática Católica propõe a realidade partilhada e “Dentre os vários caminhos possíveis pelos quais os corpos humanos se constroem, se reconstroem e expressam a cultura e a natureza, estão as crenças religiosas”.

Nas noites de quarta-feira, se reúnem aproximadamente mil pessoas no grupo de orações Noite Marca da Vitória e a celebração é transmitida para o mundo inteiro pelas páginas oficiais do Facebook do coordenador Tony Allysson e do Santuário da Sagrada Família, havendo uma média de 5 mil pessoas assistindo-a toda semana. Em uma das celebrações observada para este estudo, foi anunciado que o público alcançado via Internet era de 100 mil pessoas, o que foi comemorado com uma salva de palmas.

Há sempre uma checagem do local de origem das pessoas que estão na celebração, com inúmeras oriundas de cidades bem próximas da capital goiana, assim como aquelas vindas de outros estados, como Pará, São Paulo e Piauí. Nas transmissões via TV e Internet, além de haver deslocamento da oralidade e da imagem do templo para os lares, ocorre a apropriação do poder simbólico das religiões pela mídia em resposta a projetos proselitistas específicos (BIANCONI, 2008).

No decorrer de uma das celebrações observada, uma jovem mostrava muito entusiasmo e emoção e o seguinte relato foi obtido pela pesquisadora:

Eu trabalho com vendas de roupas. Vim para Goiânia para comprar as mercadorias que revendo e realizei o sonho de vir na Marca e conhecer o Tony Allysson. Sou católica desde que nasci e descobri há pouco tempo a Marca e sinto uma renovação, uma alegria diferente ao rezar. (mulher, 36 anos)

Bianconi (2008, p. 14) salientou que “a RCC soube dar vitalidade ao catolicismo tradicional, através da sua dimensão sagrada, ao mesmo tempo em que soube responder às exigências contemporâneas de uma vivência individualista da experiência do sagrado.”

Ao participar do grupo de oração, foi possível perceber a fé e a devoção das pessoas. Em uma das celebrações, observou-se uma família sentada à frente da pesquisadora. Era composta de um casal, que apresentava uma estratégia rígida

(LOWEN, 1982; PIERRAKOS, 1987), com corpos eretos e traços harmônicos, e de dois filhos, um adolescente e um adulto jovem. Aos poucos, os quatro foram se soltando e se entregando ao movimento e à oração; seus corpos se flexibilizaram e foi quase inacreditável constatar o quanto o pai movimentava o corpo inteiro. Pôde-se verificar a ocorrência de gestos nos quais havia expressão de emoção individual e, em um segundo momento, o compartilhamento de abraços e beijos na face. Parecia que algo incomum ocorria ali, muito diferente da postura inicial, como colocou Eliade (2018, p. 17), uma “manifestação de algo de ordem diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo”. Esta realidade foi ali manifestada através do movimento do corpo dos carismáticos, levando-os ao encontro do Sagrado. Eram perceptíveis a alegria, a emoção, a leveza e a constatação de um encontro com muita amorosidade e paz entre os membros daquela família.

Conforme concluiu Lara (1999, p. 101), “entendemos que as danças ‘podem’ levar à manifestação do sagrado e à vivência dos primórdios e não que todas levem a tal vivência [...] em algumas ocasiões em que a dança se encontra presente, o caráter do sagrado nos parece inegável.”

Durante as músicas de animação, as pessoas são estimuladas a movimentar o corpo, levantar as mãos, agachar e entrar em contato com as pessoas que estão sentadas ao lado por meio de cumprimentos. Isto é feito com muita desenvoltura, com emoção expressa por sorrisos ou lágrimas, e a socialização pelas manifestações do corpo vai acontecendo. Recordando que Mauss (2003) considerou que o corpo é objeto e ferramenta da ação cultural, ao envolver os corpos no movimento para o encontro com o sagrado, obtém-se um meio eficaz e imediato de persuasão. O corpo recrutado invoca sentimentos poderosos que abrangem a totalidade da pessoa. Dessa maneira, o Espírito Santo é invocado para curar e inspirar o grupo. Tony Allysson se dirigiu aos fiéis orientando-os:

Coloquem a mão no coração: vem Espírito Santo, vem! Eu quero sentir sua atuação na minha vida. Eu abro o meu coração e todo o meu viver para adentrar em mim e fazer o novo acontecer. Deem as mãos e falem bem alto: Espírito Santo, vem queimar em mim! Queima, Espírito Santo, porque eu quero ser transformado pelo seu poder.

Na súplica da cura há gestos corporais, como o toque no peito e o dar as mãos. Em alguns momentos, o pregador impõe as mãos sobre as pessoas, que recebem este gesto com muita satisfação. Csordas (2008, p. 59) argumentou que os

gestos são uma imitação do toque curador de Cristo, além de representar a solidariedade da comunidade cristã; contudo, estabelecem, a partir da parte superficial do corpo, “uma fronteira do *self* social [...], onde não há qualquer evidência de que o conceito pentecostal católico de poder inclua sua transmissibilidade ao seu objeto através de outras pessoas”. O poder espiritual vem sobretudo pela oração, do Espírito Santo, de Deus. Porém, é notório o quanto as pessoas querem ser tocadas pelo dirigente do grupo. No decorrer do tempo, a celebração se torna cada vez mais fervorosa, com os estímulos para movimentar e suplicar em voz alta e por intermédio da interação com quem está do lado. Tony Allysson continuou com sua pregação:

É necessário que a música saia de dentro. Segura na mão do irmão. Se vier o cansaço, vença. [...] Recebe o meu nada, refaz a morada em mim, me pegue em Teu colo, sou Seu eleito [...]. Feche os olhos e sinta a presença Dele. Do jeito que você está, ore a Deus, peça a Jesus para te abraçar. Toca-me, Jesus.

Observou-se que uma senhora de aproximadamente 60 anos, em pé ao lado da pesquisadora, fervorosamente invocava a cura através do Espírito Santo e, de repente, caiu no chão, como se estivesse desacordada. Um servo veio até ela, se aproximou, mas não a tocou. Depois de uns 3 minutos, ela se sentou, como se ainda se recuperasse do “desmaio” ou “transe”. Recebeu um copo de água do servo e nada foi dito. Começou novamente a orar agradecendo em voz alta. Provavelmente, o que aconteceu tenha sido o repouso no Espírito Santo, descrito por Sofiati (2009 apud SILVA, 2015, p. 56) como uma “experiência marcada pela tomada de todo o corpo do sujeito pelo Espírito Santo – consequência simbólica e física, da entrega de si a Deus”. Conforme relatos de alguns servos, o corpo todo tem uma sensação de preenchimento e Deus é experimentado. É uma experiência religiosa especial, em que o espírito se rende ao corpo humano e a pessoa perde o controle, cai em solo e repousa no Espírito Santo. Ao final, a pesquisadora indagou ao servo o que poderia ter ocorrido com a senhora. Ele confirmou que ocorreu o “repouso no Espírito”. Para esta confirmação, os servos ficam próximos da pessoa a fim de discernir se se trata deste fenômeno ou se é algo “maligno” que precisa de uma outra intervenção.

Durante a pregação da Palavra, versículos bíblicos são mencionados, conselhos para o dia a dia são dados e, indiretamente, o pregador Tony Allysson faz a sugestão de conviver com pessoas que partilham da mesma crença e que já viveram ou vivem experiências relativas aos conselhos solicitados.

Quando pedires opinião para outra pessoa, observe se ela tem sucesso na área que você pediu opinião. Não peça opinião em relação aos negócios a quem está quebrado. Quer ser de Deus, ande com quem é de Deus. Pergunte ao seu irmão que está sentado do lado: Com quem está andando?

Em seu discurso sobre a importância de ter especialistas no dia a dia como conselheiros, Tony Allysson advertiu:

Faça um balanço de quem está ouvindo. O bom seria ter mentores nas diferentes áreas da vida. Ande com quem está dando certo. Comece a buscar especialistas na área que você precisa. Busca um sacerdote para cuidar do seu lado espiritual. Para de ouvir quem não tem sucesso.

Com as mudanças ocorridas de forma acelerada na pós-modernidade, as pessoas buscam orientação para melhor julgar e fazer escolhas, para cuidar da sua identidade. Afinal, como preceituou Bauman (1998, p. 221), a identidade é “a mais essencial de todas as criações ou invenções modernas”, a qual fica repleta de incertezas diante de um constante construir e desconstruir, dando pouco espaço para as inquietações ontológicas.

No grupo religioso pesquisado, verificou-se que esta inquietação presente na modernidade talvez tenha sido percebida e, a partir daí, realizou-se uma renovação do discurso e das práticas religiosas. Percebeu-se que não há um excesso de preocupação com os temas ligados a morte, paraíso e vida eterna. Novos elementos, como a prosperidade, a aparência vinculada à saúde, a possibilidade de acesso aos bens de consumo, foram inseridos.

Ao final da celebração, a depender da pregação do dia, são mencionados diferentes temas, como abuso, falência, depressão e outras dificuldades. As pessoas que estiverem vivendo tais mazelas são convidadas para ir até o altar e recebem uma bênção. Novamente, ocorre um momento de muita comoção e fé.

Após o encerramento de uma celebração, foi anunciado um treinamento de inteligência emocional, cura interior, desbloqueios emocionais e espiritualidade. O objetivo do treinamento de três dias utilizando técnicas de autoconhecimento, gestão emocional e espiritualidade seria conduzir as pessoas a uma profunda cura interior e libertação, elevando-as a um próximo nível em sua vida pessoal, espiritual e profissional, com obtenção de alta performance.

Enquanto Bauman (1998, p. 222) apontou que a religião é substituída por especialistas, pois “A incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas”, o Grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória criou uma estrutura que abarca estes anseios unindo recursos que atendam os desejos do homem pós-moderno tendo como sustentação a divindade. Ainda refletindo com Bauman (1998, p. 229), quando este destacou que a religião na era pós-moderna pode vir a legislar em termos nada incertos sobre cada aspecto da vida, retirando a responsabilidade do indivíduo, dos “ombros que a cultura pós-moderna proclama onipotentes,” cabe melhor investigação acerca dos caminhos percorridos por aqueles que, mesmo fazendo parte da comunidade, não têm acesso a todos os recursos oferecidos.

Faz-se necessário verificar os sentimentos e comportamentos gerados diante de uma oferta mágica e glamourosa, ocasião em que a pessoa se encontra tão perto, através do mundo virtual e do encontro nos grupos de oração, mas distante pela impossibilidade de acesso a recursos econômicos para abarcar todas as ofertas anunciadas. Esta pode ser uma questão para uma próxima pesquisa de aprofundamento no tema.

3.2 GRUPO DE FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS CORPORAIS EM *CORE ENERGETICS*

O grupo de formação de terapeutas corporais em *Core Energetics*³³ foi um dos campos de observação desta pesquisa (Fotografia 2). A formação tem como objetivo capacitar psicoterapeutas corporais através do treinamento dos alunos em técnicas psicocorporais e energéticas, que levam ao autoconhecimento e provocam uma profunda transformação, resultando em uma vida mais saudável e com mais significado. O processo corporal enfoca a essência espiritual e o alinhamento com o propósito de vida de cada pessoa. Ao longo da formação, a capacidade de experimentar prazer e amor é intensificada nos participantes e o investimento na busca da verdade é a maior das fontes de trabalho do psicoterapeuta.

³³ Disponível em: <https://unipazdf.org.br/core-energetics/>.

Fotografia 2 – Grupo de formação em *Core Energetics* na Universidade da Paz (UNIPAZ DF), em Brasília, DF.



Fonte – Original da autora para este trabalho.

O trabalho parte do corpo, de suas formas, nervos e músculos, segue pela emoção e a mente até permitir, o mais possível, com aceitação, o livre fluxo da Essência. Os obstáculos ao fluxo e suas origens são vivenciados e detalhadamente estudados.

Além de um trabalho profundo com a utilização das técnicas corporais (exercícios da Bioenergética e *Core Energetics*, massagens, toques sutis), são ministradas aulas teóricas com conteúdos de psicologia (psicologia do desenvolvimento, psicoterapia corporal), psicossomática, anatomia, campo de energia, chakras e outros. Os alunos recebem treinamento para realizar anamnese, leitura corporal e sessões práticas de terapia entre si e com os professores, desta forma alinhando a prática com a teoria. Os participantes do curso de formação exercem diferentes profissões, tais como psicólogos, médicos, enfermeiros, educadores físicos, pedagogos, funcionários públicos, administradores, atrizes, atores, jornalistas, fisioterapeutas, entre outras.

O curso tem duração de quatro anos e, a cada ano, acontecem três módulos de cinco dias cada um, perfazendo um total de 480 horas de aulas. Nos dois primeiros anos da formação, são realizadas muitas vivências aliadas com a teoria. Com isso,

objetiva-se que os alunos possam aprofundar-se em seus processos pessoais com base na teoria abordada na *Core Energetics*. Há ênfase na importância do constante trabalho de autoconhecimento do terapeuta para, assim, conseguir acompanhar de forma eficaz (clara, firme e amorosa) os seus clientes.³⁴

No intervalo entre os módulos, acontecem dois grupos de processo com duração de 6 horas cada. O grupo de processo é terapêutico e tem um psicoterapeuta com requisitos específicos para coordená-lo e facilitar o atendimento dos alunos. A partir do terceiro ano, se inicia um estágio social supervisionado, durante o qual os alunos começam a realizar atendimentos individuais. Durante o curso, todos os participantes devem cumprir um determinado número de horas de terapia dentro da abordagem estudada. Ao longo da formação, também é realizada anualmente uma avaliação escrita e, ao final do último ano, os alunos passam por três avaliações práticas de atendimento.

A observação deste campo ocorreu nos meses de março a julho de 2019. Duas turmas de formação (IX e X) ocorreram simultaneamente na UNIPAZ DF, em Brasília, DF,³⁵ em ambientes separados. Em julho, a turma IX estava finalizando o segundo ano e a turma X estava encerrando a sua formação.

A turma X foi composta de 27 alunos, sendo 26 do sexo feminino e 1 do masculino, na faixa etária entre 24 e 59 anos. A turma IX encerrou o segundo ano de formação com 21 alunos, sendo 16 do sexo feminino e 5 do masculino, na faixa etária entre 33 e 58 anos. Cada turma tem um coordenador que faz a mediação entre a direção executiva e a direção geral e pedagógica.

³⁴ Anotações pessoais da autora durante o curso de formação em *Core Energetics* (1997–2001).

³⁵ A UNIPAZ é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, declarada órgão de Utilidade Pública Federal, por Decreto do Presidente da República, publicado no Diário Oficial de 16 de abril de 1997, e Decreto do Governo do Distrito Federal no. 11.203/88. Foi criada para desenvolver projetos específicos e interrelacionados com a cultura de paz, alicerçada na visão holística e na abordagem transdisciplinar, conforme as diretrizes da Declaração de Veneza de 1986, a Declaração de Brasília de 1987, a Carta de Transdisciplinaridade de 1994, a Carta Magna da Universidade Holística Internacional e o programa de educação *A arte de viver em paz* de Pierre Weil, Menção Honrosa do prêmio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para a Educação para a Paz em 2000 e do qual se originou a Teoria Fundamental da UNIPAZ. A UNIPAZ foi criada e instalada em Brasília em 1986 e hoje está multiplicada por unidades instaladas no Brasil em: Salvador, BA; Vitória, ES; Belo Horizonte e Uberlândia, MG; Belém, PA; Curitiba, PR; Rio de Janeiro, RJ; Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria, RS; Florianópolis, Chapecó e Criciúma, SC; Aracaju, SE; Recife, PE; Fortaleza, CE; São Paulo e Campinas, SP; Goiânia, GO; e no exterior em Portugal, França, Bélgica e Argentina. Em todas as unidades da UNIPAZ utiliza-se a pedagogia da cultura de paz desenvolvida por Pierre Weil e sua equipe, com base em documentos da ONU e da UNESCO (Disponível em: <https://unipazdf.org.br>).

Durante esta pesquisa, observou-se como se dá a organização a partir do contato com a coordenação das turmas, como ocorre a dinâmica das aulas e das vivências e a interação dos participantes entre si e com os profissionais que organizam o curso. As entrevistas que foram realizadas nos intervalos entre as atividades do curso de formação em *Core Energetics* propiciaram o aprofundamento em alguns temas, o que está descrito e analisado no Capítulo 4 desta dissertação.

Diante de tantos eventos que fazem parte do processo de formação em *Core Energetics*, fez-se um recorte para a observação das vivências de abertura e de fechamento do módulo observado. O foco da investigação foi dirigido ao movimento das práticas corporais e aos sentimentos despertados nestes dois momentos.

As observações das sensações da pesquisadora no início do módulo e no final também foram consideradas, pois, como ensinou Minayo (2014, p. 337), “compreender implica a possibilidade de interpretar, de estabelecer relações e extrair conclusões em todas as direções. Mas compreender acaba sempre sendo *compreender-se*”.

A aproximação de todo o processo ocorrido desde a reunião inicial, na qual estavam presentes a diretora pedagógica, os coordenadores das turmas e os assistentes, passando pela participação nas atividades e nas aulas e culminando com o convívio na hora do almoço e dos lanches construiu uma familiaridade entre a pesquisadora, as pessoas e o ambiente. É fato que também houve uma recordação do tempo em que a pesquisadora foi aluna deste mesmo curso de formação, além de conhecer muitos dos participantes e profissionais que ali estavam.

Minayo (2014) afirmou que a compreensão só alcança sua verdadeira possibilidade quando as opiniões prévias com as quais se inicia uma relação não são arbitrárias. Entretanto, a compreensão também significa sempre estar exposto a erros e a antecipações de juízos.

No início dos módulos, sempre há uma reunião de encontro entre a diretora, os coordenadores de turma e os assistentes. É um momento de boas-vindas e de repassagem das atividades que ocorrerão durante o módulo. A reunião em julho de 2019 ocorreu no refeitório da UNIPAZ DF uma hora antes das atividades começarem. É importante registrar que, ao final dos módulos, há sempre uma avaliação da parte pedagógica e das relações interpessoais da equipe. Cada um pode expressar os seus incômodos e resolver questões relacionais pendentes.

John Pierrakos e sua equipe de professores, do Instituto de *Core Energetics* de Nova York, foram acolhidos por Pierre Weil³⁶ quando vieram pela primeira vez ao Brasil. Desde a primeira turma, o curso de formação em *Core Energetics* vem ocorrendo na UNIPAZ DF.

Atualmente, o local sedia a formação organizada pela Rede Brasil de *Core Energetics*. A UNIPAZ DF localiza-se na Granja do Ipê, em Brasília, uma chácara em que a natureza está preservada, com a presença de muitas árvores, um bosque de eucaliptos, pássaros e uma cachoeira (Fotografia 3). A estrutura acolhe as duas turmas de formação que ocorrem simultaneamente.

Fotografia 3 – Cachoeira na Granja do Ipê, em Brasília, DF, chácara em que o curso de formação em *Core Energetics* é ministrado.



Fonte – Original da autora para este trabalho.

³⁶ Pierre Weil, nascido em Estrasburgo (França), em 16 de abril de 1924, e falecido em Brasília, em 10 de outubro de 2008, foi Presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da UNIPAZ DF, Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris, Professor Emérito do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Cidadão Honorário da Cidade de Brasília e autor de mais de 30 livros e de uma centena de artigos em várias línguas. Um de seus livros, *A arte de viver em paz*, foi publicado pela UNESCO. Também foi cofundador da Associação Internacional de Psicologia Transpessoal, da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama e da Organização das Entidades Não Governamentais Brasileiras na Organização das Nações Unidas (ONU), Diretor da Divisão de Ensino do Departamento Nacional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Rio de Janeiro, RJ, Diretor do Consultório Psicopedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Rio de Janeiro e Diretor de Recursos Humanos do Banco Real (Disponível em: <https://unipazdf.org.br/pierre-weil/>).

Os alunos permanecem no local durante todo o dia. São servidas refeições, inclusive o jantar para os alunos que moram em outras localidades e se hospedam no alojamento, que também faz parte da UNIPAZ DF. Há várias construções no local, entre as quais, algumas que chamam a atenção pela beleza e pelo simbolismo, tais como um grande Sino da Paz (Fotografia 4), uma réplica do sino da ONU doado pela World Peace Bell Association,³⁷ a casa de meditação, que é uma construção de vidro e alvenaria no meio dos eucaliptos, entre outros.

Fotografia 4 – Sino da Paz na Granja do Ipê, em Brasília, DF, chácara em que o curso de formação em *Core Energetics* é ministrado.



Fonte – Original da autora para este trabalho.

³⁷ A World Peace Bell Association (Associação Mundial dos Sinos da Paz) é uma organização japonesa que tenta aumentar a conscientização sobre o movimento pela paz mundial lançando e instalando sinos de templos japoneses em locais ao redor do mundo. Os sinos são feitos com moedas derretidas doadas por inúmeros países (Disponível em: <https://peacebellfoundation.org/peace/peace-bells-around-the-world>).

A descrição e a observação do espaço físico e de como as pessoas o utilizam para a meditação entre as atividades, as caminhadas, os banhos de cachoeira lembram o conceito de paisagem e corporeidade explorado por Carvalho e Steil (2008, p. 302), de acordo com o qual, “essa dimensão relacional e simétrica entre os seres humanos e os não-humanos no mundo converge com os intentos da antropologia fenomenológica para colapsar as dualidades natureza-cultura, mente-corpo, sujeito-objeto, interno-externo.” Trata-se da formação de uma sensibilidade ecológica e espiritual. E como também realçou Pierrakos (1987), à medida que os processos de autoconhecimento e transformação ocorrem, a relação de respeito e amorosidade com a natureza se desenvolve. Estar em um local onde este contato torna-se mais íntimo com as forças restauradoras da natureza pode facilitar este processo de integração.

Logo após a reunião com os facilitadores do grupo, aconteceu a atividade de abertura. As duas turmas se reuniram em um grande salão, em que se encontram os objetos que auxiliam no processo terapêutico: colchonetes, raquetes utilizadas para bater no cubo e expressar as emoções, cubo de espuma e tecido para bater as raquetes e as mãos com os punhos fechados, *roller* (cilindro de madeira e espuma para se deitar e alongar o corpo), *flip chart*, lenços de papel, filtro de água em uma mesa com copos de vidro e um pincel atômico para que cada um escreva o seu nome no copo que utilizará no dia de atividades.

Uma mesa também foi montada com fotos de John Pierrakos e Eva Pierrakos, vela, flores, sinos tibetanos, um copo de água e uma mão de louça branca segurando um coração vermelho (Fotografia 5). Esta composição tem o objetivo de recordar a presença do criador da teoria e sua esposa, que o auxiliou nos seus trabalhos, como descrito no Capítulo 2. A composição e o significado deste altar foram explicados pela diretora geral e pedagógica da Rede Brasil de *Core Energetics*, professora e terapeuta Lúcia Helena Dessaune de Alencastro:

John Pierrakos dizia aos assistentes que montar o altar era uma prática espiritual. Há quatro elementos que significam a encarnação. A Terra, uma pedra ou um cristal representam o plano físico; a Água, de preferência em um cálice de cristal, representa o plano emocional; o Fogo (vela) representa a vontade, a chama do espírito; o Ar (o incenso ou a pena de um pássaro) representa o plano mental. A Sensação se relaciona com a perspectiva da Terra. As coisas têm valor na medida em que posso experimentá-las com meus sentidos físicos. O Sentimento se relaciona com a perspectiva da Água, pois as coisas têm valor na medida em que estimulam minhas emoções. O Pensamento está relacionado ao Ar, porquanto as coisas têm valor na medida

em que suas teorias são compreendidas. A Intuição está ligada ao Fogo, porque as coisas têm valor na medida em que têm sentidos e ensinamentos filosóficos, espirituais ou morais.

Fotografia 5 – Altar montado durante o curso de formação em *Core Energetics* na Universidade da Paz (UNIPAZ DF).



Fonte – Original da autora para este trabalho.

Através dos objetos expostos no altar, relembra-se a discussão feita no Capítulo 1, quando se mencionou que Eliade (2018) afirmou que o homem moderno não perdeu em definitivo a dimensão sagrada da vida; muitos dos que se dizem sem religião comportam-se religiosamente. Esta percepção é constatada nos rituais presentes na vida moderna, como as festas de final de ano e vários objetos simbólicos, assim como na montagem do altar no curso de formação em *Core Energetics*.

Os participantes chegaram no salão, retiraram os sapatos e os deixaram na porta de entrada. Essa atitude pode ser interpretada como uma necessidade, já que os exercícios de *Core Energetics* são realizados com os pés descalços, ou como uma prática de higiene, para a preservação da limpeza do local, mas também como um ato simbólico de respeito se unido aos outros elementos, como o altar e as práticas de meditação.

Retornando e ampliando os conceitos descritos no Capítulo 1, Eliade (2018, p. 61) asseverou que entrar em um lugar que consideramos sagrado “seria a

experiência do Tempo sagrado que permitirá ao homem religioso encontrar periodicamente o Cosmos tal como era in princípio, no instante mítico da criação”. Assim, detecta-se o Sagrado intrínseco no homem não religioso.

Ao longo da vivência corporal, os alunos obtêm a experiência com o Sagrado. Isto pode se dar a partir da compreensão de Csordas (2008), para quem o indivíduo faz contato com os processos endógenos através do movimento corporal, sendo o corpo objeto da cultura (no qual o *self* é construído). Pode abarcar o princípio da indeterminação “que solapa as dualidades entre sujeito e objeto, mente e corpo, eu e outro” (CSORDAS, 2008, p. 392), de modo semelhante ao citado por Carvalho e Steil (2008) em relação ao contato com a natureza. Mas também pode ocorrer de acordo com a percepção de Pierrakos (1987), segundo a qual, ao se trabalhar o corpo para a flexibilização das defesas, são resgatados aspectos que distanciam o indivíduo da sua essência amorosa, criativa e espiritual, promovendo transformação e mudança.

Para esta prática, os alunos vieram vestidos com roupas de ginástica ou outras roupas confortáveis para permitir movimentos amplos. Também trouxeram ou já vestiam por baixo da roupa trajes de banho, utilizados no momento dos exercícios e atendimentos, a fim de observar os bloqueios corporais. À medida que adentraram o salão, foram se encontrando com muita alegria, muitos abraços e afagos. Alguns não se viam desde o último encontro há quatro meses. No salão, havia uma música animada e todos dançaram de forma bem espontânea, alongando o corpo, pulando e fazendo diferentes movimentos.

Em seguida, a música silenciou e o trabalho começou com as duas turmas IX e X juntas. A diretora Lúcia Helena deu as boas-vindas a todos e formou um círculo. Uma música com sons de tambores foi iniciada e todos bateram os pés firmemente no chão de forma alternada. Sugeriu-se que fizessem contato a partir do olhar com todos que estavam no salão. Havia muita alegria entre os participantes.

Depois de alguns instantes, os tambores cessaram e Lúcia Helena começou a dirigir os exercícios. Iniciou-se com o *grounding*, descrito por Lowen (1977a, p. 23) como:

[...] uma maneira de se dizer que a pessoa está com os pés no chão [...] significa que a pessoa sabe onde está e portanto sabe quem é, tem um lugar. Num sentido mais amplo, o *grounding* representa o contato de um indivíduo com as realidades básicas da existência.

As pessoas ficaram em pé, com os joelhos levemente flexionados, e a condutora pediu-lhes que abrissem as pernas devagar, respirando profundamente e, depois, as fechassem devagar, relaxando o assoalho pélvico e buscando encontrar um lugar seguro, uma abertura em que o corpo ficasse relaxado. Ela os foi conduzindo e dizendo: *“Com os pés firmes no chão, pressionem o chão, dobrando e esticando as pernas. Desce, inala o ar e exala quando subir; vá até o limite da articulação do tornozelo”*.

Neste momento, havia aproximadamente 60 pessoas na sala, entre alunos, assistentes e professores. Seguiu-se o exercício, com Lúcia Helena pedindo que todos dobrassem a coluna, colocando as pontas dos dedos das mãos no chão, pressionando os pés para baixo, alongando as pernas e soltando-as bem devagar, fazendo-se o movimento a partir do cóccix. Estes movimentos prosseguiram por alguns segundos; depois, todos se levantaram, ficando com a coluna ereta e os joelhos levemente fletidos.

Durante todos os movimentos, solicita-se que os participantes tenham consciência acerca da respiração e das partes do corpo, que observem as tensões e as relaxem. Os alunos são alertados que, a partir da percepção do próprio corpo, terão condições de trabalhar corporalmente com seus clientes. Lúcia Helena chamou a atenção para a importância de cada um encontrar uma posição de relaxamento e segurança.

Muitas vezes respiramos de forma reduzida. Vamos ampliar [...] O Lowen dizia que tinha tendência de buscar o apoio, o grounding, na parte da frente dos pés. O Pierrakos dizia que o apoio dele era no calcanhar. Eles discutiam sobre isso. Cada um tem um jeito de se sentir mais firme e presente.

O exercício continuou incluindo o balanço da pelvis lentamente para a frente e para trás, mantendo-se os pés paralelos e firmes no chão, com os olhos abertos. Os participantes levantaram os braços para o alto, um pouco atrás das orelhas, levaram a pelvis para a frente, jogaram a cabeça um pouco para trás e soltaram os músculos retos abdominais. Aos poucos, os corpos começaram a tremer involuntariamente. A facilitadora do exercício disse:

Com cuidado, sem se machucar, observe os bloqueios, as dores, solte som tendo consciência do que se passa no seu corpo. Isso irá ajudá-lo quando estiver com seu cliente, auxiliando-o a lidar com suas dores.

Lowen (1977a) indicou a importância da consciência acerca do padrão respiratório, sendo essencial que se saiba onde a respiração está presa. O *grounding*, conceituado no Capítulo 2, está intimamente relacionado à respiração, e quanto mais se estiver em *grounding*, mais presente e com melhor visão o indivíduo se apresenta. Os efeitos da respiração são reconhecidos em várias práticas espirituais, e os exercícios de *Core Energetics* têm o intuito de restabelecer a respiração natural, que vai sendo perdida à medida que se bloqueia a musculatura corporal.

Os assistentes ajudam as pessoas a ficar em posição que intensifica cada vez mais a vibração involuntária. As vibrações ocorrem à medida que o estresse muscular provocado pelos exercícios ativa o sistema neurovegetativo (involuntário) e provoca a liberação das tensões (LOWEN, 1977a; NAVARRO, 1995). As pessoas soltam sons, apresentam expressões variadas de dor, sorrisos, espanto. Alguns gritam, outros choram. Nesse momento, memórias biográficas também podem ser acessadas.

Na Bioenergética e em *Core Energetics*, a pessoa é encorajada por meio dos exercícios a expressar seus sentimentos e sensações de forma consciente em um ambiente seguro (LOWEN, 1977a, 1982; PIERRAKOS, 1987). Isto torna a expressão efetiva, econômica e apropriada. A autoexpressão equilibrada se dá por intermédio do autoconhecimento.

Durante todo o exercício, solicita-se a consciência sobre o que ocorre no corpo e como isto ajudará o terapeuta a olhar para o seu cliente. A facilitadora Lúcia Helena explicou: “Reich dizia que a forma de controle humano é através da respiração; então, vá se permitindo ampliar a respiração, trazer sua grandeza e profundidade”. Em um determinado momento, a facilitadora se colocou na frente de uma participante, olhando nos seus olhos a fim de que ela permanecesse presente e sustentando o movimento corporal.

A presença, a autorresponsabilidade pelo que ocorre é estimulado durante todo o exercício, reafirmando-se os conceitos presentes na teoria de *Core Energetics*, de acordo com a qual, ao se movimentar o corpo são acionadas as emoções, havendo acesso às memórias e ao centro da vontade, assim se abrindo para sensações mais sutis de encontro com a espiritualidade.

Todos permaneceram na posição em que ocorriam cada vez mais tremores. A facilitadora lhes disse: *“Vejam se podem permitir-se dizer sim, sim para vida”*. Houve uma comoção, com uns gritando e outros chorando. As instruções continuaram:

Levem os braços para a frente, trabalhem internamente seu processo, percebam o que ocorre com você, olhem para o seu campo, respeitem o seu corpo. Abram e fechem os braços, como em um abraço; mantenham as pernas fletidas e soltem um som de “Ah!” Mexam junto com o braço a pelves para a frente e para trás.

O exercício seguiu de forma lenta, com todos respirando pausadamente e percebendo cada parte do corpo. Uma música suave foi colocada. Lúcia Helena os foi guiando: *“Lembre-se que você é um grande ser energético. Vá movimentando-se lentamente, lembrando-se de incluir todas as partes do seu corpo (pés, costas, pelves, braços). Solte a mandíbula.”*

Em *Core Energetics*, a pessoa é observada através do seu corpo; porém, a percepção do fluxo de energia a partir da forma como se dá a respiração é considerada muito importante. O fluxo energético é a fonte vital que, ao fluir sem impedimentos, leva às sensações de prazer, confiança e fé.³⁸

Uma dança suave e interativa foi acontecendo, sendo os alunos conduzidos pela facilitadora: *“Percebam a sensação profunda do seu ser. Levem a atenção para as partes que estão mais tensas, com dificuldade de se entregar”*. Muitos gemidos, suspiros e lágrimas. Lúcia Helena continuou:

Coloquem as mãos abaixo do umbigo, inalem e exalem, fechem os olhos e sintam a respiração abdominal. Tragam as mãos para as costelas e sintam a respiração neste local. Respirem com os braços altos, as mãos entrelaçadas. Elevem os braços e inspirem; abaixem os braços e expirem. Fechem os olhos e percebam a respiração no alto dos pulmões. Percebam a respiração em todas as partes do corpo, a plena presença.

A partir da plena respiração, os participantes começaram a movimentar os braços e o corpo em um mesmo lugar de forma muito harmônica. Alguns tremeram o corpo, outros ficaram nas pontas dos pés.

Os assistentes começaram a colocar colchonetes no chão de forma circular; então, solicitou-se aos alunos que se deitassem, dobrassem as pernas e apoiassem os pés nos colchonetes. Foi dito a eles: *“Vamos fazer borboleta”*, um movimento de

³⁸ Anotações pessoais da autora durante a aula da professora Erena Bramos, no quarto dia de observação, em março de 2019.

abrir e fechar as pernas de forma lenta. Uma aluna começou a chorar; a diretora se aproximou dela e lhe disse: *“Estamos juntos com você”*. Com uma mão, a facilitadora apoiou a cabeça da aluna e com a outra pressionou o peito dela coberto com uma almofada. Surgiram tremores, choro, tosse. A assistente trouxe uma toalha, que foi colocada na boca da aluna para que ela mordesse. Lúcia Helena solicitou que a aluna observasse o movimento da sua energia: *“A energia está subindo; a coloração do seu rosto está mais vermelha”*. Pediu para que a aluna fosse cuidadosa ao movimentar o corpo a fim de não se machucar. A facilitadora lhe disse: *“Movimente-se e olhe para mim; fique presente”*. Um assistente ficou em pé diante da aluna, que estava deitada, e pediu que ela empurrasse e chutasse as almofadas. Havia expressão de muita raiva. Neste momento, recorda-se o conceito de Eu inferior descrito no Capítulo 2, ou das negatividades, a camada que protege a Essência amorosa. Acessar esta camada e liberar os sentimentos negativos, “o não à vida”, com a ajuda do Eu Superior (intencionalidade positiva) é o caminho para a reconexão com a Espiritualidade.³⁹

Assim que cessou o movimento, a aluna chorou muito, encolheu o corpo na posição fetal e a assistente se sentou ao seu lado com a mão em seu ombro. A aluna foi se acalmando e a diretora lhe deu uma almofada que simboliza “a criança” e, então, sugeriu: *“Abraça a sua criança, a sua menina”*. A criança simboliza as dificuldades vividas na infância e acessadas através do exercício.

Conforme o corpo se movimenta em um processo consciente durante os exercícios de *Core Energetics*, aprofundando a respiração, os músculos que foram bloqueados a partir de situações traumáticas começam a se soltar, as emoções vêm à tona e muitas memórias podem ser acessadas (LOWEN, 1977b, 1982; PIERRAKOS, 1987; REICH, 1979, 1995). À medida que as expressa, integra e ressignifica, a pessoa sente-se melhor, mais livre, leve e amorosa.

A facilitadora voltou sua atenção para o grupo e o exercício foi sendo conduzido para a finalização. Muitas pessoas ficaram emocionadas. Uma música suave foi colocada e algumas palavras foram expressas pela facilitadora:

Tudo o que você merece é seu, aqui e agora. Erga os braços e com as pontas dos dedos, bem suavemente, vá tocando campo por campo, o espiritual, o físico, o mental, até tocar novamente o seu peito. Acolha a sua presença bem suavemente. Deixe as pontas dos dedos reconhecerem a junção da cabeça

³⁹ Anotações pessoais da autora durante a aula da professora Erena Bramos, no quarto dia de observação, em março de 2019.

com o restante do corpo, se acolha aqui e agora. Deixe os joelhos fazer um balanço suave.

A música *Certas coisas*, de Lulu Santos, foi tocada.

Não existiria som
 Se não houvesse o silêncio
 Não haveria luz
 Se não fosse a escuridão
 A vida é mesmo assim
 Dia e noite, não e sim

 Cada voz que canta o amor não diz
 Tudo o que quer dizer
 Tudo o que cala fala
 Mais alto ao coração
 Silenciosamente eu te falo com paixão....

O salão foi tomado por uma calma, uma emoção suave. Devagar, os alunos foram se sentando, levantando-se, formando um círculo junto com a facilitadora, os assistentes, os professores e a pesquisadora. Um a um partilharam o propósito que pretendiam alcançar no módulo. Os propósitos variaram desde a superação de medos até a busca de clareza para determinada situação vivenciada no momento (sintomas, crises emocionais, escolhas profissionais), diminuição de resistências, aumento de fé e confiança.

Depois deste momento, as turmas IX e X foram divididas em dois ambientes distintos. Muitas atividades ocorreram nos quatro dias do módulo observado, englobando aulas teóricas, aulas práticas, leituras corporais, processos terapêuticos e meditação. Alguns depoimentos foram registrados ao final das vivências:

Estou em contato nestes dias com minha intenção de separação, a minha negatividade, de não querer fazer parte, de não querer estar presente, a força que há nisso. Quero ultrapassar esta resistência, mas sei que é importante, primeiro, ter consciência, senti-la no meu corpo. (sexo masculino, 36 anos)

Um dos maiores prazeres que tenho é dançar. Sinto meu espírito se deslocar no meu corpo. Tenho medo de entregar-me para estas sensações sutis. (sexo feminino, 29 anos)

Ao final do último dia, as turmas se reuniram em um trabalho de aproximadamente 40 a 60 minutos, sendo os exercícios direcionados para a percepção de si e o contato com o outro. Houve muita emoção e gratidão pela comunhão vivida. Todo o trabalho ocorreu em silêncio entre os alunos, tendo sido conduzido pela diretora e alguns assistentes. O campo energético a partir da

concepção dos chakras, conceito descrito no Capítulo 2 desta dissertação, foi trabalhado a partir da respiração e da visualização de cores nos pontos específicos de cada chakra no corpo. Na roda final, foram partilhados o nome do participante e uma palavra. Prevaleram as palavras gratidão, aceitação, transformação, confiança e presença.

CAPÍTULO 4 – O ESPAÇO RELIGIOSO E O ESPAÇO TERAPÊUTICO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Neste capítulo, analisam-se os dados coletados do questionário semiestruturado aplicado, conforme explicitado no Capítulo 3. Pretendia-se aplicá-lo a 15 participantes de cada grupo estudado, totalizando 30 sujeitos. Entretanto, ao ser finalizado o período de coleta de dados estabelecido, foram entrevistados 27 sujeitos, sendo 24 do sexo feminino e 3 do sexo masculino (Quadro 1).

Quadro 1. Caracterização dos participantes nesta pesquisa.

Sujeito	Sexo	Idade (anos)	Estado civil	Escolaridade
Oração Pastoral Missão Marca da Vitória (MMV)				
S1	F	27	Solteiro	Superior incompleto
S2	F	34	Solteiro	Superior incompleto
S3	F	35	Casado	Superior
S4	M	58	Casado	Ensino médio incompleto
S5	M	53	Divorciado	Ensino médio
S6	F	44	Casado	Pós-graduação
S7	F	27	Solteiro	Superior
S8	F	53	Solteiro	Superior
S9	F	52	Casado	Superior
S10	F	34	Solteiro	Pós-graduação
S11	F	33	Solteiro	Ensino médio
S12	F	53	Casado	Superior
Core Energetics (CE)				
S13	F	40	Casado	Pós-graduação
S14	F	50	Solteiro	Pós-graduação
S15	F	24	Solteiro	Superior incompleto
S16	F	37	Solteiro	Pós-graduação
S17	F	34	Casado	Pós-graduação
S18	F	36	Solteiro	Superior
S19	F	54	Divorciado	Pós-graduação
S20	M	37	Solteiro	Superior
S21	F	44	Divorciado	Pós-graduação
S22	F	37	Divorciado	Superior
S23	F	37	Casado	Pós-graduação
S24	F	38	Casado	Pós-graduação
S25	F	49	Casado	Pós-graduação
S26	F	34	Casado	Superior
S27	F	47	Casado	Superior

Fonte: Original da autora para este trabalho.

A divisão temática a partir da categorização dos relatos de maior relevância resultou nos seguintes subtemas: religião, religiosidade e sacramentos, corpo e espiritualidade e temas polêmicos (aborto, pena de morte e LGBTI+). Embora o estado civil, que é um dos dados do perfil sociodemográfico coletado durante a entrevista, não tenha sido inicialmente escolhido como eixo de análise, foi interessante observar que no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória o divórcio é percebido como um problema, assim como a união estável. Durante a legalização do divórcio no Brasil, houve muita resistência por parte da Igreja Católica pois, como ponderou Fáveri (2007, p. 337),

Para que haja o divórcio (do latim *divortiu*), o pressuposto é ter havido um casamento, condição para que seja dissolvido o vínculo matrimonial, ficando ambos os divorciados livres para contrair novas núpcias, se o desejarem. Mas, conforme a norma na Igreja Católica, “O que Deus uniu, o homem não separa”, portanto, desfazer este sacramento indissolúvel tem o peso de um pecado imperdoável. Este foi o ponto central das polêmicas em torno da votação da lei, embora não se possa ver apenas do ângulo religioso. São Paulo, na epístola aos Coríntios - e faz quase dois milênios -, colocou a sexualidade na lista dos pecados sexuais, e o casamento como forma de apaziguar as ardências da carne - “É melhor casar do que arder”, justificativa para frear os desejos impuros e corruptíveis.

Apesar da legalização do divórcio, e de o grupo religioso pesquisado buscar algumas renovações, o conflito permanece permeado por culpa, como se percebe no relato de dois participantes, que indicaram estado civil divorciado (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV) e solteiro mas amasiado (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV). Nessas circunstâncias, há limitação na participação do sacramento eucarístico e a necessidade de se manter em abstinência sexual para amenizar a situação de pecado.

Eu estou de abstinência de sexo já vai fazer um ano. Sou divorciado. Graças a Deus! Glória a Deus! Tem que glorificar muito a Deus. Foi difícil pra mim. Foi muito difícil eu quebrar isso... Como diz? Essa... essa força, né? Eu tenho a intenção de arrumar outra pessoa. Porque, às vezes, se a gente optar por fazer sexo, por exemplo, aleatoriamente, a gente se perde. A gente se... se desvia, porque o mundo tá aí, aberto e escancarado pra qualquer um fazer o que bem entender e quiser da vida. Aí, nesse ponto, se a gente cair, a gente se perde. Então, se eu pus isso pra mim... E aí eu confesso: fico em abstinência. Não estou em pecado e posso comungar. (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

Eu estou em uma situação de pecado. Eu estou tentando com meu marido para ele casar comigo, mas ele resiste. Mas eu tenho fé que ele vai. Aí, eu não comungo por isso. Vontade eu tenho! É que eu não posso. E eu tô tentando viver a castidade também. É meio complicado, mas eu tô tentando. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

No grupo de formação em *Core Energetics*, ao falar em separação e divórcio, os entrevistados relataram como um momento de crise e crescimento. Complementarmente, mencionaram a importância de compreender a situação, verificando a responsabilidade do casal no processo. Esse fato não foi vinculado pelos sujeitos deste grupo ao conceito de erro, fracasso ou pecado, como na visão dos participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória. Na visão de Reich (2003, p. 27), autor precursor da psicoterapia corporal, como mostrado no Capítulo 2 desta dissertação, o importante é a “percepção do lugar que o homem ocupa na natureza, com seus impulsos ‘bons’ e ‘maus’, sem a preocupação teológica moral”. A culpa funciona como uma barreira que impede esta percepção de como a pessoa está e de qual é a sua responsabilidade no processo de retomada da pulsação vital, comprometida no processo de desenvolvimento infantil repressor e geradora de preconceitos e outras distorções.

Além disso, a função sexual estava no centro da teoria reichiana. Reich (1995) via como primordiais a consciência e o trabalho de busca do prazer sexual, sem dissociá-lo das outras esferas da vida, uma vez que reputava a potência orgástica além da satisfação genital como uma capacidade de percepção e sensação de fusão com todo o Universo. A fórmula do orgasmo (tensão, carga, descarga e relaxamento), considerada por ele como o mais importante processo na esfera do funcionamento vital, poderia ser chamada de fórmula da vida, como apresentado no Capítulo 2. O autor realizou muitas discussões em que diferenciava o prazer sexual banalizado pelo homem encorajado daquele prazer advindo da plena potência orgástica que envolve o ato sexual e a amorosidade, levando a sensações de pertencimento e de encontro com o todo (Universo, natureza). É compreensível que as questões que envolvem a sexualidade sejam vistas de forma diferente pelos sujeitos do grupo de formação em *Core Energetics* e aqueles do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória.

Pierrakos (1987, p. 255) advertiu que “a crise na vida pessoal e a crise no mundo são idênticas – em termos de dinâmica humana – à crise no casamento. [...] projetamos nossos próprios sentimentos negativos naqueles que nos confrontam.” Em *Core Energetics*, o relacionamento amoroso é percebido como uma forma poderosa de crescimento (PIERRAKOS, 1987). As forças que regem a relação são Eros, Sexualidade e Amor, que se dividem na personalidade, mas vem de uma só fonte, pois fazem parte da Essência. No processo de autoconhecimento, a sexualidade é a

ponte para o amor. Na experiência sexual humana consciente, quando todos os aspectos se unem – corpo, mente, emoções e espírito –, surge a realidade espiritual, um estado profundo de entrega e comunhão. Talvez isto se assemelhe ao espaço numinoso descrito por Eliade (2018), discutido no Capítulo 1. A revelação e a verdade são fundamentais para o encontro amoroso e a verdadeira entrega.

Quando entrei no grupo, eu estava me divorciando, estava frágil. No grupo, encontrei “minha turma”, percebi que não estava só. Fui processando a minha responsabilidade, o meu papel em tudo que estava acontecendo, acelerando meu processo de autoconhecimento. (S22, sexo feminino, 37 anos, CE)

Nota-se, então, uma diferença de percepção e conduta entre os sujeitos do grupo de formação em *Core Energetics* e os do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória diante da forma de perceber a relação homem–mulher, o papel da família e a dificuldade frente às regras impostas pela religião.

4.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

Ao avançar nos estudos durante esta pesquisa para a compreensão da diferença entre a espiritualidade despertada por intermédio do corpo, na tradição cristã, que atribui ao sagrado a responsabilidade em realizar transformações, e em um processo de autoconhecimento, que fica a cargo do indivíduo, constatou-se empiricamente que não há fronteiras rígidas entre os diversos modos de expressar e experienciar a religiosidade e as crenças. Embora sem participação em uma instituição religiosa, alguns sujeitos do grupo de formação em *Core Energetics* relembrou a importância do contato com uma tradição, uma raiz religiosa, e como isto influenciou a continuidade de sua busca pelo transcendente.

O meu primeiro contato com esta busca espiritual foi na UNB. Eu tinha 20 e poucos anos. Fiz um trabalho corporal com um professor que fazia respirações dinâmicas do Osho. Depois, tive contato com a ayahuasca, que ampliou a percepção do Universo, esse mundo surreal. Logo depois, descobri um mestre, casei, me tornei mãe e depois comecei a procurar os cursos de autoconhecimento em 2004. Fiz um curso que se chamava Ser Brincante. Era bem nessa linha do autoconhecimento e muitas leituras de bioenergética, Lowen. A gente leu algumas coisas do Pierrakos. Eu acho que o que me levou, desde pequena... Apesar de viver em um país comunista, eu sempre me interessei muito pela questão da vida, do sentido da vida, se existe alguma inteligência diferente, Deus. Eu me preocupava mesmo, desde pequena. E a minha avó, que é bem religiosa, minha avó materna, ela me ensinou a rezar escondida. Eu não podia contar para o meu pai. Com 19 anos, também

encontrei meu marido, meu amor. E aí, afinizamos nesta busca. Isto também foi muito importante. (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Eu passei um tempo rejeitando o catolicismo. Mas eu, hoje, eu honro muito, porque foi onde eu aprendi alguma conexão de algo superior a esse plano. Há uns dez anos fui na Igreja, comunguei e conectei com minha avó. Foi bonito! Ela me iniciou. Aí, comecei a honrar isso. (S17, sexo feminino, 34 anos, CE)

A religião institucionalizada me distanciava da espiritualidade. Mas, hoje, posso fazer uma reflexão de tudo que faz parte do caminho da busca. Minha mãe fez 76 anos. Foi ela que, na minha infância, me levou para a religião católica. Mas teve um tempo da vida dela que ela sai desse cristianismo e vai ser carismática. E, aí, ela se torna uma carismática efervescente. Aí, num dado momento, ela rompe com o carismático e vai ser evangélica da Assembleia de Deus. Estou falando dela para fazer este resgate, que acho que tudo faz parte. Eu fui lá agora e a reencontrei. Ela desapareceu de um bocado de coisa. É um pertencimento. Essa humanidade confirma uma crença que eu tinha, mas que antes não sabia nomear. A Core me ajudou a dar nome pras coisas que eu já percebia e sentia, mas eu não sabia nomear assim... E me tirou muitos medos e me fez conectar com algo maior, além da religião. (S14, sexo feminino, 50 anos, CE)

Ao longo das últimas três décadas, tem havido uma intensa circulação das pessoas entre as religiões no Brasil, com decréscimo no número de católicos, crescimento constante de evangélicos e das pessoas que se declaram sem religião (BARTZ, 2012). Nesta pesquisa, não se objetivou discorrer sobre os fatores que acarretam esta mudança, mas verificou-se que dentro deste panorama está inserido o objeto investigado, que é o despertar da espiritualidade.

O mundo atual tem sinalizado um pluralismo religioso e uma expansão da secularização como indicado por alguns autores aqui já citados (BAUMAN, 1998; BERGER; LUCKMANN, 2012; MARDONES, 2006). No contexto da modernidade, o indivíduo vive suas experiências religiosas independentemente de uma inserção em uma instituição. O sagrado é experienciado pelas pessoas através daquilo que lhes traz sentido e validade simbólica individual e subjetiva, e não mais apenas vinculado ao ambiente institucional criador de uma esfera transcendente por meio de ritos e mitos (PORTELLA, 2006). As buscas pela nomia social (GEERTZ, 2017) e o cosmo sagrado (BERGER, 1985), já definidas neste trabalho, talvez se instalem de forma mais individual e subjetiva na modernidade secularizadora.

Uma nova denominação também surgiu no Brasil, constando de pessoas que vivem sua religiosidade sem fazer parte de uma instituição. São os denominados “sem religião”, que representavam 8,0% da população brasileira em 2010, ou seja, 15

milhões de pessoas (IBGE, 2012). Como realçou Luiz (2013, p. 80), a nova denominação dos “sem religião” é específica do Brasil e se refere a “pessoas que não são ateias, mas que professam e/ou possuem uma certa religiosidade mesmo sem fazerem parte de nenhuma instituição religiosa oficial [...]”.

Todos os sujeitos do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória entrevistados se consideram católicos. Alguns relataram que desde que nasceram a família os levava à igreja. Participaram de grupos de catecismo, de grupos de jovens, entre outros.

Aí, eu ia na missa todos os domingos. Participava de grupo de oração, grupo de jovens. Mas, por interesse meu, porque minha mãe, mesmo, ela não é de ir não, apesar de ser católica. (S3, sexo feminino, 35 anos, MMV)

Como discutido no Capítulo 1 deste trabalho, a religião é um veículo de busca para amenizar as dificuldades da vida diária, uma vez que traz a nomia social, além de ser uma tentativa audaciosa de conceber todo o Universo como significativo do ponto de vista humano (BERGER, 1985; GEERTZ, 2017; LEMOS, 2009; OLIVEIRA, 2015). Este fato foi confirmado nesta pesquisa em ambos os grupos. Apesar dos participantes terem realizado buscas além de uma tradição religiosa, observou-se uma raiz vinculada a esta tradição, de forma explícita ou implícita.

Sou católica desde que nasci. Minha família é católica. (S8, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Religião, pra mim, faz parte da minha vida, como pessoa. Eu não saberia viver sem religião, porque é um alicerce que eu tenho desde criança, de formação de mãe. E eu vejo que as pessoas sem religião ficam meio aleatórias. Principalmente no momento das dificuldades, das doenças, das calamidades, elas se perdem. E você, quando você tem religião, você tem fé! E essa fé faz com que você, às vezes, alcance o impossível, né? Sem religião, eu não sei viver. Na minha vida como mãe, como esposa, como profissional, a religião sempre fez parte. (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

Religião, no meu ver, é um caminho que Deus nos coloca para fazer a vontade Dele...um segmento Dele. (S4, sexo masculino, 58 anos, MMV)

Há os que se dedicam com mais assiduidade à comunidade religiosa, para os quais a religião é parte integrante do cotidiano.

Eu participei de uma comunidade. Fraternidade família, dentro da Igreja Católica, chama-se Comunidade Vida. São pessoas que se consagram a Deus e vivem na comunidade. A Fundação era em São Paulo, mais já morei de norte a sul do país. Dediquei a esse grupo durante dez anos. Parei de frequentar porque não era meu chamado. Elas eram freiras, e eu quero ser

mãe, formar família. E agora estou aqui, me dedicando ao grupo Missão Marca da Vitória. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Sempre participei da Renovação Carismática Católica. Tem vários cursos, vários eventos e a gente sempre tá participando. Frequento desde 1982, 37 anos. Eu era adolescente. Ah, 82... Era na São Cristóvão. Paróquia São Cristóvão, Setor Rodoviário. Aqui pertinho! Aqui em Goiânia. Frequentei lá até 86. Eu era catequista. Participava de grupo de oração, participava dos encontros. Só que eu me casei e mudei. Fui para o Mato Grosso. Como a gente era assíduo aqui na Renovação, eu e o meu esposo, a gente se conheceu no grupo de oração. Lá não tinha. Nós chegamos lá, cidade do interior, pequena. Aí, nós formamos um grupo de oração, fundamos o grupo de oração. Aí, a gente levava pessoas pra dar palestra. Eu fiquei lá uns 25 anos. Mudamos para cá e hoje frequentamos a Sagrada Família. Eu, meu esposo e meu filho de 19 anos. (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

Alguns também já frequentaram outras tradições religiosas em momentos de crise, mas retornaram à sua religião de origem.

Teve um tempo, eu tava assim, meio desacreditado na questão do relacionamento da religião. Eu fui na Universal. Tava tendo umas desavenças entre eu e a namorada. Aí, eu fui. Porque, na realidade, o pessoal das igrejas assim, as protestantes, eles gostam de pegar muito as pessoas que tão... passando por momento difícil, né? Aí, pega um ponto de fraqueza da gente. Foi aonde que eu fui. Eu fiquei mais ou menos uns oito meses. Mas aí, eu vi que não era isso. Um dia, liguei na igreja, eu liguei à noite, era um programa à noite que tinha, tipo uma linha direta na Record. Eu liguei e falei com o pastor, mas não no ar, né? Foi Deus mesmo que me direcionou e me iluminou, o Espírito Santo, só pode ser. Ele falou assim... eu conversando com ele tal, eu falei assim: "Não, eu fiz tudo! Eu fiz a Campanha da Fogueira Santa, não sei o que, tal e as coisa não tá acontecendo". Ele falou assim: "Deus é um só pra todo mundo. Deus é um só. Deus é um Deus pra todos. Não existe religião". Quando ele falou isso, eu falei: "Ah, então, o que eu tô fazendo nessa religião? Eu sempre fui temente a Deus, quando eu... quando dava, eu ia na igreja tudo, mas eu não tinha o conhecimento que eu tenho hoje da igreja. O conhecimento era pouco, eu não tinha conhecimento. (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

Eu sempre fui católica. Aí, eu comecei a namorar com uma pessoa evangélica e desviei pra evangélica. Ah, eu tinha uns 20 e poucos... uns 20 anos, por aí. Frequentei uns dois, três anos. Aí, eu fiquei afastada da Igreja Católica um tempo. Aí, voltei de novo. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

Uma participante do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, que frequentou outra religião, justificou este fato por ter sofrido repressão:

Quando frequentei um outro grupo católico e eles me criticaram por eu dançar, logo em seguida fui convidada para ir a um culto evangélico e aí comecei a frequentar. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

4.2 INTOLERÂNCIA E DIVERSIDADE RELIGIOSA

Entre as diferentes tradições citadas pelos membros do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, é notório o alto grau de intolerância conferido às tradições espírita e afro-brasileiras, permeado por medo e culpa e reforçado pelo discurso do pregador.

Eu já fui, por exemplo, em centro espírita. Eu já fui. Uma vez, eu entrei. Deus me livre! Misericórdia! Eu tenho até medo de falar. Mas, uma vez, um rapaz me chamou, falou: “Vamos lá pra você ver e tal”. E a gente era assim... amigo. Aí, eu fui. Era um negócio de umbanda, essas coisas. Mas eu fui uma vez e, misericórdia! Nunca mais, graças a Deus! (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

Invoco os anjos da guarda de Jesus para proteger todos. Orem e repitam [...] o que disseram contra mim não me influencia. Eu posso superar a mim mesmo, o meu passado... Tudo posso naquele que me fortalece. Deus está dando força e capacitando. Ele me restaura. Nosso lugar não é no chão. Deixo de me sabotar. Eu dou permissão para Jesus trazer vitórias. Ordeno que todos os espíritos malignos saiam agora, em nome de Jesus. Tudo que já fiz de mal ou o que já fizeram para mim, como trabalhos de magia. Lugares que frequentei que havia magia. Orem: Me liberte de tudo isso... Ordeno que saia de mim, da minha casa, dos meus filhos, dos meus amigos... Todos os espíritos de contaminação. (Tony Allysson, pregador do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória)

Ecco (1997 apud RIBEIRO; ECCO, 2018, p. 36) asseverou que “a intolerância parece algo natural, pois o homem tende a não gostar daquele que é diferente dele. É algo que está em todo ser humano e em toda sociedade”. Na perspectiva de Reich (2003), o homem intolerante seria o encouraçado, cheio de defesas, aquele que tem ainda muito para conhecer sobre a origem e o funcionamento da vida. Reich (2003) explicou que a existência da couraça não impede o organismo atingido de amar ou de ficar amedrontado. Afinal, as expressões de vida e de amor brotam das camadas mais profundas do organismo e se comunicam por brechas na couraça. Como não pode se soltar porque perdeu a espontaneidade, a vitalidade, a liberdade, o homem encouraçado se controla e, diante do desconhecido, dirige sua intolerância e seu ódio. “Acima de tudo se opõe ao que é involuntário e livre no corpo” (REICH, 2003, p. 71).

Pierrakos (1987), Lowen (1990) e Reich (2003) consideraram que há uma energia vital que pulsa e faz parte da Essência humana. Para a proteção dessa Essência diante das dificuldades vivenciadas, criam-se camadas de proteção, que tornam a pessoa mais insensível e intolerante. Segundo esses autores, a chave está

no desbloqueio desta energia a partir do corpo. Interessante observar que a intolerância e o medo em relação às tradições afro-brasileiras por alguns adeptos do catolicismo também foram mencionados por uma entrevistada do grupo de formação em *Core Energetics*. Contudo, seu relato enfocou a mudança em relação a este preconceito, talvez confirmando a teoria da psicoterapia corporal de que, à medida que se movimenta o corpo, toma-se consciência das defesas e, ao flexibilizá-las, a pessoa torna-se mais terna e amorosa.

Eu sou católica praticante. Sempre fui. Venho de uma família católica. Mas, eu assisto culto, vou ao centro espírita, recebo passe. Jamais iria a um centro espírita antes, mas fui mudando em relação a isso. Atribuo ao curso de Core Energetics e outros que já fiz. E cheguei a ir no centro de umbanda, coisa que eu jamais pensei que eu iria, por medo. Medo que a minha mãe colocou em mim, porque ela tinha também e sempre falou que era perigoso. Mas me surpreendi, porque quando eu fui no centro de umbanda, eu vi catolicismo ali dentro. Porque a gente ficou rezando praticamente um terço, Ave Maria, Pai Nosso, Creio-não-sei-das-quantas... E eu vi as pessoas que estavam participando ali, levando crianças. Eu achava que era só gente do mal que ia, porque... por ignorância pura. Então, assim, mudei, mudei. Houve um respeito, sem julgamentos. Atendo pessoas que falam: "Ah, eu vou no centro de umbanda". E pra mim, hoje, é muito natural. Antes, eu acho que me apertaria o coração, como se eu estivesse traindo minha mãe. Que era o que eu sentia no começo. (S27, sexo feminino, 47 anos, CE)

Este relato esboça parte do que acontece no processo de autoconhecimento em *Core Energetics*. Como relatado no Capítulo 2, o trabalho ocorre através de estágios, sendo o primeiro aquele em que as máscaras se tornam conscientes. No relato, a participante admitiu o julgamento em relação à crença alheia, a máscara de preconceito advinda dos medos infantis a partir da crença materna.

A liberação dos sentimentos negativos e dos medos infantis, no segundo estágio no processo de autoconhecimento em *Core Energetics*, acarreta a proximidade com a Essência, que é amorosa e receptiva. Como colocou Pierrakos (1987, p. 216):

O deslindamento de emoções negativas e a retirada da máscara abre canais ainda mais amplos para a Essência [...] é requerido que se confronte muitas vezes a máscara e com as violentas emoções negativas que a sustentam. Muitas e muitas vezes, experiência após experiência, o paciente precisa mergulhar, além das defesas do caráter, na corrente de energia que vem da Essência. Esse processo de vaivém ilustra a interpenetração dos níveis da entidade humana no trabalho de alcançar a pura energia criativa da Essência.

Houve alguns relatos no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória de que a Igreja Católica é a única religião que pode salvar. Talvez não haja interesse

institucional de se aprofundar nos aspectos que sustentam o preconceito e a intolerância em relação às outras tradições religiosas.

A minha avó dizia que a religião católica podia ficar fininha igual uma linha, mas não ia arrebentar. Que a Igreja Católica era a primeira igreja. Eu aprendi que é "A Igreja", não tem outra igual. Se você segue tudo direitinho, você se salva. (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

Ainda em relação à intolerância quanto às matrizes religiosas africanas, a partir de um estudo que fez entre as décadas de 1980 e 1990, Soares (2019, p. 99) verificou que

[...] as organizações religiosas que mais cresciam eram exatamente aquelas que provocavam a guerra. O resultado tem sido devastador para as tradições afro-brasileiras, alvo de perseguições, estigmas e acusações que chegam ao cúmulo de violar direitos e se manifestar de formas fisicamente violentas. [...] as características que descrevi permanecem atuais e relevantes. Ousaria dizer que sua identificação é indispensável para o conhecimento dos processos em curso na esfera religiosa. Cito trecho da análise publicada em 1993: [...] Em meio à cerimônia religiosa dos santos guerreiros em luta contra os dragões (espirituais) da maldade, conversões são declaradas, estilizando-se uma tradição cara a Igrejas reformadas. Ocorrem aí os notáveis episódios de exorcismo, em que as entidades da Umbanda são invocadas para serem detratadas e reenviadas ao inferno, de onde não deveriam voltar a perturbar a boa alma recuperada.

No grupo de formação em *Core Energetics*, uma entrevistada relatou que o preconceito em relação às outras religiões foi motivo para se afastar da Igreja Católica. Porém, ainda permanecem a lembrança e a referência de uma tradição que utiliza para comparar conceitos e sensações que vivencia atualmente de forma diferente.

Eu estava fazendo preparação para crisma e uma professora começou a questionar as outras religiões e comparar a religião católica com as outras religiões. Eu a questionei e houve meio que uma discussão. Eram julgamentos do quanto que a Igreja Católica era melhor em relação às outras igrejas, às outras religiões. Isso me incomodou. Eu me desliguei. Minha mãe achou estranho, mas respeitou. Hoje, com a Core Energetics, eu percebo Deus de outro lugar. Aquele Deus da Igreja Católica, que Ele que tá lá no Céu, uma figura masculina... E hoje, pra mim, é isso que eu experiencio dentro do grupo, de me sentir conectada a tudo e a todos, de ver beleza em tudo e em todos, assim também. Ele tá em tudo e em todos. (S15, sexo feminino, 24 anos, CE)

No grupo de formação em *Core Energetics*, há uma diversidade de posicionamentos em relação à religião, desde uma pessoa que veio de uma família atea, mas tem um mestre espiritual, até uma outra que se designou por muitos anos evangélica. Há, ainda, espírita kardecista, umbandista, católica praticante e sem religião.

Então, eu tive uma criação atea, porque eu venho de um país socialista, comunista. Tive toda a formação neste sentido. Mas eu me afino muito com a espiritualidade. Não frequento igreja, mas afino mais com o Budismo e com essa religiosidade mais mística. Eu tenho um mestre que eu sigo, que é o Swaha. Não é uma religião. É difícil de falar. É uma comunidade espiritual, digamos assim. Ele é norueguês. Eu vou duas vezes por ano. Vou normalmente no começo e no final do ano, em Santa Catarina, em um retiro. Mas não é uma religião, entendeu? É prática espiritual, de meditação... (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Até meus 30 anos, frequentei a Igreja Evangélica Batista. Eu conheci um pastor em São Paulo. Ele era um pastor que me trazia uma ideia mais ampla do que era ser cristã. E ele apontava uma quantidade de coisas erradas, de hipocrisia dentro da igreja. E eu fui me dando conta que eu tinha vivenciado muito desses abusos, vamos dizer assim. Eu fui me afastando e rompi. Ele continua sendo pastor. É uma figura non grata, uma persona non grata na igreja. Quando eu mudei para Goiânia, eu tentei frequentar algumas igrejas, mas com essa mentalidade que eu tinha, eu não me enquadrei. (S22, sexo feminino, 37 anos, CE)

Eu tenho uma religião, sou umbandista. Entendo por religião um conjunto de crenças, de rituais que facilitam ou que impulsionam o encontro com Deus e com a espiritualidade. E a experiência também. Eu acho que não posso descartar a experiência. (S18, sexo feminino, 36 anos, CE)

Eu gosto do Budismo, mas não sou budista, não. Eu leio a respeito. Quando criança, fiz catequese. Já fui no centro espírita alguma vezes e fiz a meditação Vipassana por 10 dias. (S23, sexo feminino, 37 anos, CE)

4.3 A BUSCA PELO TRANSCENDENTE E A IMPORTÂNCIA DOS SACRAMENTOS E DO AUTOCONHECIMENTO

A necessidade de acreditar ou de buscar algo transcendente está presente nos participantes de ambos os grupos, porém com algumas nuances diferentes. Os do grupo de formação em *Core Energetics* buscam um sentido a partir do autoconhecimento, por meio da identificação com a natureza e do contato com o outro. Similarmente, ao discutir a espiritualidade, Solomon (2003) frisou que a busca de sentido e a resolução da angústia existencial, que representa nossa emergência de significado pessoal e de um papel efetivo no mundo, ocorrem através da ampliação do *self* por meio do amor, ou da identificação com a natureza. Mesmo que a religião esteja certa em relação à preocupação com a vida eterna ou com uma próxima encarnação, o cético que viver de uma forma íntegra terá cumprido a sua parte.

Solomon (2003) ponderou que a espiritualidade engloba a confiança, o amor, a sabedoria e os aspectos difíceis da vida, como o sofrimento e a morte. A espiritualidade envolve a inteligência. Para Pierrakos (1987, p. 28), a Essência humana também tem a mais alta inteligência e habilidade, porquanto “essa inteligência funciona além das capacidades intelectuais de assimilação, análise e síntese”. Por conseguinte, a Essência é responsável por solucionar os problemas extrínsecos e os mistérios da vida, compreender a realidade existencial, unificar opostos e revelar verdades profundas. E o curso de *Core Energetics* busca o reencontro com a Essência.

Nos relatos sobre as experiências significativas coletadas nas entrevistas com os participantes do grupo de formação em *Core Energetics*, pôde-se verificar a importância que é dada para a compreensão da história de vida e a transformação dos traumas que geram defesas para se vivenciar estados de transcendência ou espirituais.

Toda vez que eu vinha pro módulo, o processo já começava bem antes. Existia todo um preparo que já acontecia sem eu querer. Era uma sincronicidade, mesmo, espiritual, pra que eu pudesse realmente ir no ponto, aproveitar ao máximo. E aí, quando eu fui percebendo a beleza disso, eu fui começando a me entregar mais e a confiar mais. Descobri a espiritualidade como um sentido, uma inteligência que nos mostra que tudo o que experienciamos na vida pode ser oportunidades de autoconhecimento e crescimento. (S16, sexo feminino, 37 anos, CE)

Primeiro, eu tinha a ilusão que eu era muito racional, que eu era muito pé no chão, que eu era muito rígida. Com os trabalhos de compreensão das estratégias de defesa, eu descobri que, além da rigidez, eu também tinha uma esquizoidia que me conecta com a sensibilidade, a espiritualidade. Comecei a trabalhar na terapia, compreendendo a minha história, de onde eu vim, o que eu quero superar e para onde quero ir. Tudo dentro de uma dimensão maior da existência. (S19, sexo feminino, 54 anos, CE)

Nossa, o curso me ajudou muito, porque, aí, eu mergulhei mais profundamente no processo da jornada de alma, de olhar pras minhas feridas e minhas defesas. E isso foi me fortalecendo. Eu sinto que a Core me fortalece assim. (S17, sexo feminino, 34 anos, CE)

No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, houve relatos de experiências transcendentais, atribuídos ao contato com Deus, que ocorre à medida que se experienciam os sacramentos e as atividades da Igreja. É necessário um comprometimento, uma rigidez em participar ativamente da Instituição.

O Tony é bem exigente. Só fica, mesmo, quem ama. Exigente no sentido de estar comprometido, de participar de tudo na igreja. Dos sacramentos, dos encontros, celebrações. O servo tem que ser assim, tem que estudar a Palavra, tem que procurar o conhecimento. Nisso que ele é exigente, entendeu? E eu também tô aqui, não é, por Ele, né? Estou aqui por Deus. Eu fui um dos 14 servos que foi e fez o acampamento em São Paulo pra trazer o acampamento pra cá. (S6, sexo feminino, 44 anos, MMV)

Para os cristãos, o rito e o sacramento dão sentido à atividade humana, a expressam e a realizam. Mardones (2006) enfatizou a importância dos sacramentos e dos símbolos como ações que regatam o mistério do encontro com Deus. Em sintonia com esse contexto, Zilles (2004) definiu o sacramento como uma forma de levar o homem à salvação. E no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, ser inspirado pelo Espírito Santo é sempre uma busca, que pode ser alcançada através de jejum, orações, purificação pela comunhão, abstinências e participação nas celebrações. No decorrer das pregações neste grupo, há muita ênfase em se preparar para receber o Espírito Santo e, desta maneira, alcançar as graças almejadas.

O único que pode salvar é Jesus. Não precisa ficar procurando pra lá e pra cá. O maior projeto não é curar, é salvar. Por isso, não se pode desviar e parar de ir na Igreja, deixar de lado os sacramentos, porque você pode até curar de alguma coisa, mas se perde e não salva. Não temos que clamar ficando só repetindo. Enjoa! A oração precisa ser inspirada pelo Espírito Santo. (Tony Allysson, pregador do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória)

Como destacou Csordas (2008), através do poder do Espírito Santo há um processo de cura espiritual, sendo a comunidade o instrumento para o plano de Deus ser realizado. Afinal, com o apoio da comunidade, se obtém a meta de crescimento e ordem na vida da pessoa. Estar na comunidade é participar dos rituais, das celebrações e dos sacramentos. Durante as celebrações, enfatiza-se a importância de se preparar para receber o Espírito Santo e, a partir daí, orar e obter graças.

A Bíblia diz que não sabemos orar, mas o Espírito santo vem ao auxílio. A oração sem o Espírito Santo é infértil [...] Quando você está inspirado pelo Espírito Santo, não vai só ficar repetindo um pedido. Em vez de ficar pedindo para arrumar namorado, peça: "Me faça uma mulher de Deus e, onde estiver o homem de Deus reservado para mim, o abençoa. Não deixe nenhuma mulher que não seja de Deus passar pela vida dele [...]". Ore, jejue, dedique a inteligência à oração. (Tony Allysson, pregador do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória)

Em contrapartida, no grupo de formação em *Core Energetics*, mesmo aquelas pessoas que ainda participam de uma instituição religiosa não dão a mesma importância para os sacramentos.

A confissão já teve seu valor. Hoje, não tem mais. Acho que, com o processo terapêutico, com a meditação, mudou a minha forma de ver. A última vez que confessei foi quando meu filho fez primeira comunhão. Era importante para ele. A comunhão da hóstia, eu sinto muito bem. Eu comungo quando acho que estou mais em comunhão, vamos dizer, com Deus. Não agindo com agressividade, tendo mais o respeito pelas pessoas. Quando eu estou mais nesse caminho de paz, eu comungo. (S27, sexo feminino, 47 anos, CE)

Entre alguns participantes do grupo de formação em *Core Energetics*, verificou-se até mesmo uma determinada rejeição por alguns sacramentos, como decorrência de experiências negativas relacionadas com punições ou desrespeito.

Confissão, nem fodendo! Se eu tiver que confessar qualquer coisa, eu vou confessar pra mim. Mas pra padre, pastor, nunca mais! Porque eu já sofri muito com isso, assim, de colocar minhas coisas, na mão de pastor, e ele não cuidar nada bem do que eu revelei. (S22, sexo feminino, 37 anos, CE)

Eu sou católica e eu conheci o meu marido. Meu marido já tinha sido casado dez anos antes. Ele já era separado há dez anos, e eu não poderia casar com ele na Igreja Católica, porque eu seria vista como adúltera, porque na Igreja Católica não existe separação. E isso foi difícil pra mim, né? [...] Aí, claro, ninguém queria dar uma bênção no meu casamento, nenhum padre. Quebrei o pau com o padre. Foi a partir daí que padre, pra mim, caiu do pedestal. Xinguei ele inteirinho! Aí, tive um filho, que não queria batizar. Chamei o padre e soltei os cachorros nele. Eu falei: "Engraçado que eu sou adúltera na hora de batizar meu filho, mas eu não sou adúltera na hora de vocês receberem o meu dízimo." Porque, na época, eu pagava dízimo. Nunca mais paguei. E hoje eu sou muito tranquila. Assim, fiquei muito tempo sem ir à missa, porque eu me sentia péssima, né? Só que, depois que eu vi que não era o padre que me importava, não era a igreja em si que me importava, a construção em si, e sim esse caminho espiritual, que através da própria Core eu fui alcançando, isso não me afeta mais. Porque hoje, se o padre vier falar alguma coisa pra mim, o que ele falar não vai mexer comigo, eu tenho certeza, mas vai, ainda, me deixar bem brava. (S27, sexo feminino, 47 anos, CE)

No que tange aos participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, seguir os sacramentos parece ser o caminho que leva a um estado de mais paz e bem-estar. Já os participantes do grupo de formação em *Core Energetics* que conhecem os sacramentos, e que ainda participam de alguma celebração cristã, mantêm o respeito principalmente pela comunhão, porém não valorizam os sacramentos como uma forma de alcançar um estado mais pleno. Neste último grupo, há aqueles que até se sentem mais libertos por ter deixado, por exemplo, de confessar

ou de acreditar que era importante fazer algum sacrifício para obter determinada graça ou algum benefício em seu cotidiano.

Como discutido no Capítulo 1, durante diferentes momentos da história, houve ações e perpetuações de crenças acerca da importância de sacrifícios para a manutenção de um *status quo*, como ocorreu na Idade Média com a exaltação do espírito para preservar a condição da religião (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011; GÉLIS, 2008; TUCHERMAN, 2012). Exaltar o espírito significava sacrificar-se e abster-se dos prazeres do corpo, aspectos ainda hoje presentes na cultura cristã como aferido nesta pesquisa. Parece não haver uma negação da história da igreja, mas uma justificativa para a manutenção de determinadas crenças.

A gente escuta histórias [...] na Inquisição, nas Cruzadas e toma toda a Igreja Católica a respeito de um fato. Então, quando eu voltei a frequentar a Igreja Católica, eu tomei a decisão de que, se fosse pra ficar, eu teria que conhecer, eu teria que realmente saber dos fatos pra julgar por mim mesma, porque eu sempre escutei dos outros. Então, mudou bastante, assim. Tá mudando a minha visão da própria religião católica. Então, se existem regras, maneiras de ser, se existem preceitos, tem um porquê. E as coisas seguem uma ordem, as coisas seguem um porquê. Não te obriga a fazer nada. Tudo aquilo que você faz é por livre escolha e por amar a Deus. E o catolicismo hoje faz sentido pra mim, de uma forma que eu não sei dizer em palavra, mas faz sentido. Para as pessoas que não têm um convívio religioso, simplesmente ir numa festa, encontrar, beijar é normal. Quem está na igreja, isso não é uma coisa bacana, porque traz consequências espirituais e tudo mais. Então, eu acho que isso é um sacrifício, digamos, não me envolver, não me relacionar com alguém, porque o relacionamento é diretamente ligado ao casamento. Outro sacrifício que eu diria é a questão de sexo antes do casamento não ser aceito na igreja, porque o namoro, pra igreja, é algo diferenciado e para levar ao casamento. (S7, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Verifica-se que os entrevistados de ambos os grupos expressaram religiosidade, quando esta é considerada uma abertura para a transcendência e a construção de sentido para a existência (SIMMEL, 2010). Em relação ao conceito de religião e aos sacramentos impostos pelo cristianismo, os participantes do grupo de formação em *Core Energetics* mostraram certa resistência.

4.4 O CORPO E A ESPIRITUALIDADE

Nos Capítulos 1 e 2, acompanharam-se os diferentes modos, visões e reflexões dados ao corpo ao longo da história. Retratou-se o corpo a partir dos modos de agir, sentir, fazer, reagir e representar a cultura. Apresentaram-se as influências

dos referenciais religiosos sobre o corpo, com suas partes “dignas” e “indignas”. Mostrou-se a utilização do corpo por instâncias malévolas, o cuidado e a importância da estética corporal e as diferentes formas de retratar a beleza, inclusive a dissecação para os estudos. Desvelou-se o corpo que impõe e se submete às regras, o corpo como gênero e identidade, o corpo como representante da história de vida do sujeito, o corpo como diagnóstico para a transformação, enfim, o corpo conduzindo à consciência em vez de ser seu objeto (BOADELLA, 1985; CALEGARI, 2001; CSORDAS, 2008; LE BRETON, 2013, 2018; LOWEN, 1977b, 1982; MAUSS, 2003; PIERRAKOS, 1987; REICH, 1979, 1983, 1995; TUCHERMAN, 2012).

O corpo, então, é o veículo ou lócus em que ocorrem as experiências para obter as transformações, é a expressão do objeto analisado neste estudo (a espiritualidade). Portanto, o corpo é físico, uma vez que é nele que acontecem os processos fisiológicos que dão sustentação à vida; é mental, porque a mente não existe sem o corpo; é emocional, porquanto todas as emoções estão nele inseridas; e é espiritual, pois através dos desbloqueios, as percepções ficam cada vez mais sutis, permitindo o contato com o Eu Superior. Considerando-se esta integração, neste estudo se utiliza o termo corporeidade como um paradigma ou uma orientação metodológica, da forma descrita por Csordas (2008, p. 367), de tal sorte “que o corpo seja compreendido como a base existencial da cultura – não como um objeto que é ‘bom para pensar’, mas como um sujeito que é ‘necessário para ser’.” A visão de corpo abordada deste trabalho se aproxima do conceito de corporeidade estabelecido por Csordas (2008).

Csordas (2008, p. 368) pontuou que a corporeidade pode ser compreendida como “um campo metodológico indeterminado, definido pela experiência perceptiva e pelo modo de presença e engajamento no mundo [...] a experiência corporificada é o ponto de partida para analisar a participação humana em um mundo cultural”. Como expôs Silva (2014), o que acontece com as práticas corporais em *Core Energetics* é a emersão de algo que está vivo na experiência, a singularidade do acontecimento e não apenas a repetição de movimentos controlados. Então, há a intenção de perceber este corpo/corporeidade, que contém a espiritualidade manifesta ou não na vida do sujeito.

Já no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, utiliza-se o movimento do corpo como forma de louvar a Deus e de estar em contato com o sagrado.

Eu amo dançar e louvar a Deus. É importante. Ajuda você a sentir mais Deus perto de você. A presença de Deus é uma sensação muito boa. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

Eliade (2018) argumentou que no espaço sagrado há uma predisposição de contato com o Divino, enquanto Csordas (2008) discorreu sobre a persuasão imanente na ação simbólica e na performance ritual e citou as três tarefas que fazem parte da retórica de transformação: a predisposição, o empoderamento e a transformação. A cura inclui a obtenção de diferentes graças, o contato com o Divino e o Sagrado, a ação do Espírito Santo, o contato com a Espiritualidade e as experiências e as sensações corporais advindas deste processo.

No cenário do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, observou-se a existência de uma força persuasiva sobreposta, que leva o participante a desejar e a se colocar disponível para a cura e a transformação. Csordas (2008) apontou duas características que fazem parte deste contexto: as razões pessoais ou religiosas que levam à busca e o mínimo de participação (adesão) nas atividades do grupo.

Ah! Eu me sentia muito mal, me sentia triste, me sentia angustiada. Eu não tinha mais prazer em nada. Eu, na verdade, estava em depressão. Por isso, procurei o grupo. Na verdade, retornei à Igreja e fui descobrindo um jeito diferente, melhor, de participar da vida espiritual. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Eu estava desestruturada. Foi assim: eu fiquei na comunidade, servindo, morando, 11 anos, na verdade. Entrei lá com 19 anos, muito jovem. À medida que fui conhecendo a igreja e a comunidade, fui percebendo que não era o que queria, mas não tinha coragem de deixar, pois temia desagradar os outros. Fui me anulando. Anulei minha vida para fazer os outros felizes. Até que eu conheci a Marca da Vitória. Comecei a vir pra cá, comecei um autoconhecimento, comecei a conhecer o meu propósito de vida, pra quê que eu vim pra essa terra. Aí, entendi que não tinha nada a ver com o que eu estava fazendo. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

Na época que eu comecei a participar da Missão, estava bem desmotivada. Eu acho que eu estava passando por um processo depressivo. Tinha terminado um relacionamento que foi muito complicado, um relacionamento abusivo. Eu não tinha perspectiva de nada na vida, apesar de ter conseguido passar em um concurso público. Estava esperando ser chamada, mas estava me sentindo desesperançada. Eu não tinha terminado a minha faculdade, não tinha esperança de que iria terminar, achava que era algo impossível pra mim e tava completamente perdida. (S7, sexo feminino, 27 anos, MMV)

As necessidades motivadoras da busca, a adesão (conversão) e o envolvimento criam uma atmosfera sagrada. Os símbolos e os rituais que incorporam os significados e a relação destes com as necessidades sociais e psicológicas dos participantes vão criando o elo com o sobrenatural (ELIADE, 2018; GEERTZ, 2017). O discurso carismático envolve o participante durante o ritual, mas também é referência para o seu dia a dia. Vão sendo adquiridos novos comportamentos, hábitos e crenças.

O meu corpo é templo vivo do Espírito Santo. O Espírito Santo habita em mim. Então, você tem um cuidado maior com tudo que você vai fazer com seu corpo, porque você sabe que o corpo não é seu, não lhe pertence. Essa matéria aqui é templo do Espírito Santo. E a partir do momento que eu tomar qualquer tipo de atitude com meu corpo, o Espírito Santo deixa de habitar em mim. A maneira de vestir muda, as roupas que você tem no guarda-roupa, como um brinco, um piercing, uma tatuagem, você sente antes de colocar. Eu tenho 27 anos e não tenho nenhuma tatuagem no meu corpo. Porque o meu corpo não é meu. Eu não sou muito boa em passagens bíblicas, mas eu creio no que está escrito na palavra de Deus. Então, como que eu vou colocar uma bermudinha mostrando a minha bunda? Até pra você vestir uma roupa de banho, às vezes, te incomoda um pouco. O lugar que você está, alguns olhares... A partir do momento que você tem o entendimento, e que você aceita isso no seu coração, depois de ter tido uma experiência viva com o Espírito Santo... Você sabe que vai ferir, que vai desagradar o coração de Deus. Quando você tem uma experiência com Ele, o Espírito Santo te mostra, te revela. Então, isso não é uma coisa forçada. Não há necessidade de bebida, balada. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

De acordo com os relatos dos entrevistados, a predisposição em participar do grupo de formação em *Core Energetics* foi motivada para ampliação do trabalho terapêutico que já realizavam, pela busca de uma nova profissão como terapeuta, pela vontade de conhecer outras pessoas que participaram da formação e tiveram muitas mudanças, pela necessidade de dar um sentido maior à sua existência. O contato inicial com o trabalho, já no primeiro módulo da formação, foi citado como um provocador de mudanças. Para uns, foi motivo de dúvida se queriam ou não continuar a formação, ao passo que para outros, foi a confirmação do desejo de descobrir sua tarefa de vida.

Eu conheci a Core através de uma amiga, que já tinha feito a formação e eu vi toda a transformação dela, acompanhei de perto. Fui fazer o introdutório na UNB, o Viver Core, em 2013, e me encantei. Tem seis anos nessa caminhada. O primeiro módulo me destruiu! Tive que confrontar com as minhas máscaras. Na época, eu achava que estava em um buraco negro. Eu acho que eu percebi a minha defesa do congelamento e uma dificuldade de ir pro negativo. Eu lembro do lado inferior. Tinha várias dinâmicas no Viver Core que eu não conseguia, só queria ficar meditando. Lembro que tive uma experiência pouco tempo antes da Core muito forte com meditação, um estado de total silêncio, mas que depois do retiro eu não consegui sustentar.

Não entendi o que tinha acontecido e aí me desestruturei muito. (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Na minha história pessoal e terapêutica, eu sempre busquei esse caminho que envolve um aprofundamento das minhas questões. A partir de trabalhos corporais, a espiritualidade é corporificada. No sentido de trabalhar o campo, de trabalhar a energia, de mover o fluxo. Mesmo quando ainda era estudante, sempre tive curiosidade pelo corpo. Então, cheguei em Brasília tem 33 anos. Aí, abri os olhos, assim, para o do-in, para o shiatsu. Fiz a minha formação toda de psicóloga. Eu fui pagando a formação atendendo como terapeuta corporal. Pegava um ônibus e ia lá na casa dos outros, fazia a massagem, falava sobre energia, sobre a importância do trabalho de autoconhecimento. E há quatro anos a Core chegou na minha vida em um momento de muita transformação e eu decidi me olhar, me ver. Eu estava sobrecarregada, adoecida, porque essas questões todas da tensão física, essa dor na cervical que eu falei, ou a insônia, o excesso de peso. O grupo da Core me ajudou me acolhendo, me dando escuta, me confirmando, me oferecendo um espaço de escuta, de segurança, de confiança. É, de um compartilhamento verdadeiro, de perceber que as pessoas também estavam se entregando verdadeiramente, confiando verdades tão íntimas, medos tão profundos, assim, e não como uma curiosidade, mas como um aprofundamento verdadeiro, de uma busca de si mesmo, sei lá, da vida. (S14, sexo feminino, 50 anos, CE)

Eu conheci o coordenador da turma em um workshop e ele me falou da formação. Eu fui por um impulso de desespero, de achar a vida sem sentido, de querer ver algo além do racional. Tava sempre ali muito agitada. Aí, fui mesmo porque eu sou curiosa. Estava péssima, apegada às coisas negativas, insatisfeita, com dificuldade de resolver as coisas. No grupo, eu tenho a sensação de não ser tão esquisita, de pertencimento. Então, ali, eu me sinto acolhida, eu sinto que algumas pessoas gostam de mim e eu não tenho nada pra oferecer praquela pessoa. Ela me aceita de graça. (S26, sexo feminino, 34 anos, CE)

Interessante perceber no relato de uma entrevistada do grupo de formação em *Core Energetics* que a proposta de compreensão e contato com a espiritualidade inicialmente foi um fator desmotivante; porém, uma mudança em relação a este aspecto vem ocorrendo paulatinamente. Como ensinou Csordas (2008), a predisposição pode vir a partir do contato com a comunidade de crentes ou do testemunho do pregador. Constatou-se que foi exatamente isto que ocorreu com a participante S24 (sexo feminino, 38 anos, CE), pois ela relatou sua empatia em relação à professora que abordou o tema espiritualidade e que, gradualmente, vem interagindo melhor com o grupo. Pierrakos (1987) enfatizou a importância do terapeuta realizar seu processo terapêutico para auxiliar a transformação do outro, e isto é bastante explorado por professores e terapeutas no curso de formação em *Core Energetics*.

Eu não conhecia nada da Core. Foi por intermédio da minha terapeuta que eu entrei em contato com a abordagem. Eu comecei a terapia com ela porque fazia o curso com Dimas Calegari, de Terapia Reichiana, e pensei que a abordagem dela fosse esta. Eu estava buscando uma abordagem mais vivencial, já tinha feito mestrado, doutorado, muita teoria. Em um primeiro momento, não me interessei pela Core, devido à espiritualidade. Achei que poderia ser muito místico. Sou muito racional! Achei que não conseguiria acessar as experiências que iriam propor, contato com o sobrenatural. Recebi o convite em 2015 e só fui começar em 2017. A vivência da terapia em Core e o curso do Dimas que me fez mudar de ideia. Mas eu só decidi mesmo que queria fazer a formação no terceiro módulo. Foi na aula da Erena.⁴⁰ Eu gostei que ela fala dessa parte que eu considero mística de uma forma muito palpável, que faz sentido pra mim, que me toca num lugar que é palpável. A postura dela, ela, o jeito que ela é, é muito coerente com aquilo que ela tá falando. E as intervenções e tudo que ela aplica tá muito coerente com o que ela diz. Eu me lembro a primeira frase que me impactou muito quando a Erena falou da Jornada da Core. Ela disse algo parecido, assim, que é aceitar todas as experiências que chegam, dizendo sim a todas as experiências que chegam. Eu sinto que isso tem acontecido comigo desde quando eu entrei na formação. Eu tenho experimentado isso. (S24, sexo feminino, 38 anos, CE)

No contato com os entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, similarmente, constatou-se que há confiança no pregador e admiração por ele, que exige assiduidade e participação dos fiéis em todas as celebrações. Ele é reconhecido como alguém que foi curado pelo Espírito Santo, fato que gera muita admiração e legitimidade. Este é o primeiro fator da retórica de transformação apresentado por Csordas (2008), a predisposição, gerada quando o suplicante crê na cura a partir das alegações do grupo. Além disso, o autor verificou em seus estudos que “a cura carismática está disponível apenas para aqueles que já tiveram pelo menos um mínimo grau de participação no movimento” (CSORDAS, 2008. p. 54).

Há muito tempo que eu assistia o Tony pela Internet. Gostava muito de ouvir o testemunho dele e tinha vontade de conhecê-lo. Aí, deu certo. Nos encontros de oração, nos acampamentos, tem muita fé, muita cura. (S4, sexo masculino, 58 anos, MMV)

Então, ele começou lá na Pio X, né? Então, uma amiga me convidou pra ir. Porque eu conheci o Tony muitos anos atrás. Uma vez que eu vim aqui no Santuário numa missa. E aí, ela me falou: “Olha, você lembra daquele cantor assim, assim, que tava lá aquele dia na missa?”. Eu falei: “Lembro.” Isso fazia muito tempo, né? Que eu não sabia mais dele. Aí, eu falei... ela falou: “Vamos lá?”. Eu falei: “Vamos!” Aí, fui. Era numa terça-feira. Porque era dia de terça. Aí, quando eu tava saindo, né? Fui muito tocada, uma... uma serva me chamou. Na verdade, ela não era serva, ela tinha começado também há pouco tempo. Aí, ela... como foi ela que me acolheu e falou: “Olha, nossa formação é na segunda-feira. Vamos participar?”. Eu falei: “Vamos!”. Aí,

⁴⁰ Erena Bramos, fundadora do Instituto de *Core Energetics* na Grécia, ministra aulas nos Curso de *Core Energetics* na Europa, Estados Unidos e Brasil (Disponível em: www.iace.info/institutes/core-energetics-greece/).

comecei a ir na segunda-feira. E isso já vai... e isso faz sete anos. (S6, sexo feminino, 44 anos, MMV)

Na abordagem em *Core Energetics*, o corpo físico, como postulou Pierrakos (1987, p. 19) “é uma cristalização de nossa entidade quantitativa energética. As funções materiais e não materiais diferem em frequência vibratória e não em substância. [...] O ‘escultor’ é a consciência da energia: a consciência integral, do gene ao espírito.” Como explicado no Capítulo 2, a partir da visão de Reich (2003), esta energia possui uma pulsação que contém, compartilha e sustenta a vida. Durante o curso de formação em *Core Energetics*, os trabalhos corporais têm como finalidade restabelecer esse fluxo energético saudável que transforma as pessoas em seres mais íntegros e saudáveis.

No grupo de formação em *Core Energetics*, busca-se “elevar a energia do aspecto quantitativo do organismo e aumentar a consciência de cada pessoa, que é a diferenciação qualitativa das emoções, a corrente de energia que se move no organismo” (PIERRAKOS, 1987, p. 227). Isso se dá removendo os bloqueios corporais através do trabalho com as defesas de caráter e movimentando o corpo para liberar e expandir a energia. Esta expansão e liberação de energia agem de forma individual, mas também aumentam a integração e a mutualidade entre os membros do grupo. Pierrakos (1987, p. 225) definiu “a mutualidade como um movimento rumo à unificação.” Para que ela ocorra, necessita de expansão e receptividade entre as pessoas, sendo necessário desenvolver a capacidade de tolerar o prazer, o “sim” para a vida, para as relações.

Vários dos meus amigos são da Core também e a gente formou uma turma muito forte na formação e também com os maridos. A gente tem uma profundidade muito grande. Dos amigos da faculdade, eu acabei me afastando, porque os interesses mudaram. Tem um lado meu que acha ruim, mas é verdade. Uma das coisas que mudou é que eu tinha uma máscara de muito animada, o centro da festa. Hoje estou mais calma, não tenho essa necessidade de ser vista. Um monte de coisas mudou. (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Pra mim, o mais importante no grupo é a questão da cumplicidade. Assim, de ver que tem outras pessoas passando por momentos difíceis e que é possível se abrir, e que quando a gente se abre vêm as dores, mas sem desespero, e vem também muito amor. Cria uma irmandade, cumplicidade e confiança que era tão difícil para mim. (S20, sexo masculino, 37 anos, CE)

Já no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, a familiarização e a integração ocorrem a partir da troca de experiências (testemunhos) e da empatia gerada diante das similaridades dos problemas. A troca ocorre nos grupos de estudos e nos acampamentos. Cria-se a predisposição psicológica e, neste contexto, como elucidou Csordas (2008, p. 55) “no nível fenomenológico, significa que o suplicante está consciente de que sua cura faz parte de algo maior do que ele próprio”. Notou-se um reforço na fé e na necessidade de seguir adiante no caminho de cumprimento das obrigações com os sacramentos para que o Sagrado se manifeste.

Eu não aceitava meu corpo, minha aparência. Esse último acampamento foi libertador pra mim, porque eu não me sentia... eu não gostava do meu cabelo. Eu não me aceitava. Eu me achava feia. Hoje eu me aceito e, assim, o Espírito Santo pode agir em mim. Sinto agora mais próxima do grupo. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

É engraçado! Eu acho que eu melhorei muito. Quando comecei, estava muito fragmentado assim, bem... bem aos pedaços, com minha esquizoidia bem evidente. Eu fui me integrando, tendo mais grounding. (S20, sexo masculino, 37 anos, CE)

Csordas (2008, p. 54) relatou que, durante o processo de predisposição para a cura carismática, há a aquisição de um “vocabulário de motivos” pelos crentes e estes motivos “são complexos de significados que orientam a ação dos participantes tanto no cenário ritual como no dia a dia”. Podem estar relacionados com várias categorias de vocabulário, como as observadas no grupo pesquisado, tais como a forma de relação com autoridades, promessas, formas de coletividade (comunidade), qualidades (luz, poder), atividades (serviço, louvor).

No relato a seguir, percebe-se a relação e a admiração pelo pregador e a resposta vindo do Poder Sagrado. Isto levou à predisposição em “servir” o grupo, à importância de estar na comunidade e ao contato com o Sagrado por intermédio da coordenadora do grupo.

O Tony, eu já conhecia na época aqui do padre Luiz, porque ele veio cantar na Sagrada Família, várias vezes. Eu já o conhecia de vista, conversava um pouco com ele. Tenho os CDs dele, o primeiro CD que ele gravou. Tenho até que mostrar isso pra ele. Eu já o conhecia antes mesmo da Marca da Vitória. E eu tinha até pedido pra Deus: “Senhor, se for pra eu servir, me dá um sinal, me fala se eu devo ou não servir aqui!”. E, aí, eu recebi um convite pelo celular da Lorena, esposa do Tony: “Você está convidada a participar, a ser serva no acampamento tal, tal”. Porque eu já tinha feito acampamento, e quem faz acampamento pode servir no próximo. E quando esse convite veio no meu celular, eu me senti muito emocionada, porque foi uma resposta de Deus pra mim. Eu pedi a resposta pra Deus e recebi. Não foi uma decisão que eu tomei! A resposta veio do poder de Deus. Eu tô até arrepiando, porque foi muito

emocionante, tocou. E eu falei isso pro Tony no dia da formação. Eu falei assim: “Olha, eu não ia chegar em vocês e falar, ‘eu quero servir’. Antes disso, eu conversei com Deus e pedi minha resposta e Ele me deu prontamente a minha resposta”. E isso me emociona até hoje quando eu lembro. (S8, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Eu, hoje, sou uma pessoa mais sensível com as pessoas. Eu tenho compaixão, eu ajudo pessoas. É qualquer pessoa, independente do que eu vou receber em troca. Eu, hoje, faço isso de coração aberto, porque as experiências que eu tive com o Espírito Santo... Ele sempre me mostra o que eu preciso. Então, eu não preciso fazer nada pra vocês esperando receber nada em troca. Eu não preciso colocar uma expectativa em você. Eu coloco expectativa em mim e em Deus, porque eu conheço Ele e confio Nele. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

No grupo de formação em *Core Energetics*, os aspectos terapêuticos teóricos que auxiliam na transformação vão sendo assimilados. Também existe um vocabulário próprio, que aparece indicando as defesas presentes no corpo, os aspectos que precisam ser transformados.

Eu tenho tentado ter mais paciência com o outro que eu não gosto. Então, fico tentando olhar pra pessoa e falar: “Ai, meu Deus! O que que tem nessa pessoa que me incomoda? Por que que eu não gosto dessa pessoa? O que ela tem que é parecido comigo e eu preciso transformar?”. (S26, sexo feminino, 34 anos, CE)

Pierrakos (1987, p. 228) advertiu que, à medida que ocorre a análise das estruturas corporais, os sentimentos e as emoções emergem das defesas de cada membro do grupo, os processos se fundem gradualmente, porque “a consciência é um atributo fundamental da energia”. Dessa maneira, há aumento dos aspectos qualitativos, mais clareza e compreensão acerca das emoções, mais confiança na própria percepção.

O grupo me ajudou a entender um pouco mais dos dramas humanos. Enfim, cada um com seu problema, com a sua questão, e isto me ajudou a abrir minha consciência pros dramas gerais. (S18, sexo feminino, 36 anos, CE)

E eu acho que, com a Core, eu tô mais atenta a sinais dessa proximidade, na experiência de Deus, dos guias que eu considero protetores. Eu tenho mais confiança na vida, e eu presto mais atenção nos sinais. Sinais, assim... Quando eu falo “sinais”, é quando parece que eu sinto que me mostram que eu posso confiar e que vai dar certo e que tá tudo fluindo. (S24, sexo feminino, 38 anos, CE)

Outro aspecto levantado por Csordas (2008) em relação ao vocabulário presente nos carismáticos é a presença das negatividades (mundo, carne, demônio).

Estas estiveram presentes em algumas respostas dos entrevistados, principalmente em relação ao aspecto corporal em conjunção com a sexualidade.

Hoje, eu valorizo mais meu corpo. Não dou oportunidade para as tentações. O pecado destrói a gente. Apesar de já ter pecado muito, hoje faço tudo para me controlar. O pecado do sexo, da carne, é o pior pecado. Do sexo, do falar em sexo, do pensar em sexo. (S4, sexo masculino, 58 anos, MMV)

Eu tenho que estar bem fisicamente para o meu espiritual estar forte e não cair nas tentações do mundo. E a preocupação com o corpo tem relação também em evitar as doenças. Porque, se eu não ficar doente, eu não fico preocupada e mantenho meu cuidado espiritual. (S6, sexo feminino, 44 anos, MMV)

As negatividades no grupo de formação em *Core Energetics* são um foco muito importante do trabalho, como descrito no Capítulo 2, pois fazem parte do segundo estágio do processo de autoconhecimento, que é a expressão das negatividades após o reconhecimento da Máscara. Diferentemente do que foi observado no grupo carismático, que desenvolveu processos para a libertação do mal, a proposta em *Core Energetics* é reconhecer, transformar e acolher esta energia. Faz parte do trabalho desconstruir a crença de que as emoções negativas são más, pois, ao contrário, são expressões da força vital. Pierrakos (1987, p. 232) afirmou que “o mal, na verdade, deriva não das emoções negativas, mas da negação de emoções, tanto positivas quanto negativas”. Pierrakos (1987, p. 213) ainda explicou que “Todos nós temos negatividades secretas que não exprimimos. No organismo saudável não são bloqueadas, mas voluntariamente refreadas. Na pessoa doente, estão bloqueadas pelas defesas de caráter.”

No grupo de formação em *Core Energetics*, inicialmente vão se descobrindo as negações presentes na Máscara, como um falso sorriso no lugar de expressar o real desejo, ou um falso pedido de desculpas por medo de expressar a raiva. Compreender o próprio processo auxilia na compreensão do outro e, assim, ajuda os que já são ou pretendem ser terapeutas depois da formação.

No módulo da esquizoidia, foi bem forte pra mim. Que eu percebi, assim, a destrutividade, o ódio contra mim mesma. Percebi muito forte que era essa forma que eu me retirava da vida. Uma crença muito fundamental de que eu não era merecedora. E isso tudo foi muito integrado. Eu senti no corpo, eu senti na emoção, na mente... Tudo ficou muito claro! Eu entendi o meu processo antivida, meu processo de boicote da vida, de não me presentificar, de me sabotar, de me destruir. E foi muito forte, muito significativo. Assim, isso pra mim, reconhecer esta destrutividade, entender como isso se manifesta em absolutamente tudo na minha vida. Eu tenho conseguido dar passos num padrão muito básico e estruturante, assim, da minha

personalidade. Não só da personalidade, de tudo, assim... De corpo, de caráter, de funcionamento. Estou colhendo bons frutos a partir desta percepção. (S16, sexo feminino, 37 anos, CE)

Mudou meu olhar para os meus alunos. Uma maior compreensão do que existia por trás de uma determinada queixa. Mudou a minha recepção a essas queixas, a minha abertura em relação a elas e a diminuir os julgamentos. Passei a entender melhor que existe uma série de acontecimentos no passado que levavam as pessoas a ter um problema, uma questão, uma dor, um sofrimento, enfim. (S18, sexo feminino, 36 anos, CE)

A Core me possibilitou perceber alguns aspectos meus que eu não perceberia tão cedo na terapia individual, algumas negatividades. Acelerou meu processo de autoconhecimento. E isso me deixou uma pessoa mais amorosa e mais conectada comigo. Eu fiquei mais amorosa, mais acolhedora com os meus amigos. E reforçou também, em mim, essa ideia de ser verdadeira, honesta com eles, sabe? Independente do que seja. (S22, sexo feminino, 37 anos, CE)

Ainda na esfera da predisposição que persuade a cura, citada por Csordas (2008, p. 55), há o conceito de gêneros, os quais “são modos de fala comandados por regras de uso específicas e identificáveis em termos de características prosódicas específicas [...] oração, ensinamento, partilha e profecia”, que se originam da comunidade e atendem as necessidades desta. O vocabulário de motivos, mencionados anteriormente, e o sistema de gêneros sagrados possuem uma relação dialética. Exemplos desta dialética podem ser averiguados nas seguintes declarações de duas entrevistadas:

Os sinais e as respostas vêm de Deus. Ele envia de diversas formas. Nas Sagradas Escrituras, sempre que eu me colocava em oração, vinha uma passagem que falava sobre o que eu estava necessitando naquele momento. Às vezes, tinha pessoas da comunidade que nem sabiam o que eu estava passando e falavam: “Eu estava em oração e saiu isso para você”. Outras vezes, alguém lá do outro lado do país ligava para mim e me mandava uma passagem bíblica e confirmava o que eu estava querendo realizar. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

A comunhão diária faz milagres... A comunhão diária é tudo! Eu fui curada por comunhão diária. Eu fui curada de uma pessoa que me afetava muito, um sentimento muito ruim que eu tinha por uma outra pessoa. E eu só consegui abandonar esse sentimento ruim que eu tinha por essa pessoa através da comunhão diária. E aquela comunhão diária não era por mim, era por aquela pessoa. Então, eu consegui fazer com que aquilo não me afetasse mais... Eu não conseguia ver a pessoa. E através de comunhão diária eu me libertei. Hoje, ela não me afeta mais. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Vai se criando uma teia de motivos, criando a predisposição para a cura e a crença de que todo o processo faz parte de algo maior, como mencionou uma participante:

Aqui no grupo, comecei um autoconhecimento. Comecei a conhecer o meu propósito de vida, pra quê que eu vim pra essa terra. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

O fato de, algumas vezes, o participante se identificar com o que é falado ou interpretar que a mensagem foi direcionada para ele causa um impacto maior, construindo uma aura de encorajamento para a exaltação, para o movimento corporal. Parece que, desse modo, vão sendo construídas a fé e a confiança na cura, o que é reforçado pelo que Csordas (2008) definiu como um discurso significativo e convincente que transforma as condições fenomenológicas de sofrimento em novas possibilidades. Segundo Shutz (1967 apud CSORDAS, 2008), as experiências significativas são aquelas que são apreendidas reflexivamente; o seu significado é a maneira especial pela qual o sujeito lida com a sua experiência vivida, porquanto é isto que eleva a experiência em ação.

Eu estava angustiada com uma situação. Fui lá pra igreja Santa Edwiges e lá tem várias Bíblias espalhadas no banco. E eu peguei a Bíblia aleatoriamente. Abri uma Palavra e eu comecei a ler aquele capítulo. E duas palavras me chamaram atenção: "tenha paciência". E aquilo não saiu da minha cabeça. E eu disse: "Meu Deus do Céu! O que que o Senhor tá querendo dizer pra mim?". Eu estava tentando entender uma situação. E Ele, depois, me mostrou o que era. Então, a meditação em cima da Palavra, a meditação do que você tá vivendo, a meditação no que você tá lendo, é importante, sim. Sempre que você pede, Deus responde. Algumas vezes, estou no grupo de oração e o Tony fala algumas coisas que sei que foi enviada pra mim. Era o que eu estava precisando! (S8, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Ao movimentar o corpo, louvar e participar das atividades, advém o que Csordas (2008) denominou empoderamento, a segunda tarefa da transformação. Neste ponto, o indivíduo começa a experienciar os efeitos curativos do poder espiritual.

Hoje, pra mim, Deus está em tudo e em todos. Eu já vivo o Céu na Terra. Não preciso esperar para viver a liberdade, pra morrer pra viver a liberdade do Céu. Tudo mudou quando comecei a estudar e a praticar aqui na Marca, a ser inspirada pelo Espírito Santo. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

No momento de louvor, todo mundo gosta de movimentar o corpo. Porque é um momento que a gente se distrai, se descontraí. É o momento de falar com Deus de uma maneira mais descontraída. Não é aquele negócio de ajoelhar e chorar e fazer cara de choro. É alegre, inspirador! Ai, você pode ser tocado

espiritualmente e receber a graça do Espírito Santo. Quando eu comecei a participar, como eu não conhecia muita gente, a gente fica meio travado, tipo “levanta a mão, olha pro irmão”. E aí, você fica meio, assim, sem graça. Mas foi só no começo, mesmo. Agora, não tenho mais! Agora, sei da importância. (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

Os participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória relataram os efeitos do poder divino no corpo, a sensação de bem-estar e a cura de angústias. O empoderamento, que leva à cura ritual, envolve o corpo, inserindo a pessoa por completo no processo e proporcionando o contato real com o poder divino, tão significativo para os carismáticos (CSORDAS, 2008). Os aspectos considerados são o papel dos símbolos somáticos, como a imposição de mãos, o processo fisiológico, representado por sensações físicas incomuns, tais como tremores e formigamentos, a glossolalia e a interpretação espontânea dos aspectos endógenos que tomam sentido a partir da subjetividade da pessoa que recebe a graça, como já discutido no Capítulo 1 deste trabalho.

O falar em línguas é um dom do Espírito Santo e eu recebi quando eu era adolescente, na Canção Nova. Eu fui fazer um encontro lá na chácara do Fernando, com ele, lá. Ele colocou a mão na minha cabeça. Eu tremi igual uma vara verde. Eu comecei a pronunciar palavras que eu não entendia. E aí, veio uma paz, uma sensação muito gostosa. Você não sai do mundo. Você tá no mundo, mas com uma sensação muito diferente do que está acostumado. Aqui no grupo de oração, também acontece. Não só o movimento do corpo é importante, mas a música traz motivação. Por isso que um grupo de oração sempre começa com música. Porque é motivação pra você tentar esquecer um pouco lá fora e tentar viver o presente. Para se entregar de corpo e alma pra Deus. Não é que todos conseguem, mas o intuito é esse, que você dance, que você levante os braços e você faz da música uma oração. O que tá fazendo sofrer, o que tá doendo, angústia, tudo vai embora. É uma injeção de ânimo. (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

Eu tive uma experiência de embriaguez no Espírito Santo, servindo no acampamento que é um projeto da Missão. Foi em uma noite de adoração. Uma noite de efusão do Espírito Santo. E eu passei pela experiência de sentir completamente embriagada, como se eu estivesse completamente bêbada, mas pela ação do Espírito Santo. Você se sente alucinado! Você tem a visão turva, como foi uma embriaguez, com o dom da alegria. Nós rimos muito! A gente chorou de rir. Nós... porque foi uma experiência em grupo que eu tive. Mas todos nós sentimos. Ela aflora diferente em cada um. Mas eu ri, eu chorei, eu gritei, eu pulei... Eu fiz coisas que eu não faria. Eu vi pessoas fazendo coisas que, se o cara não tivesse com o Espírito Santo, ele não faria... (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

No primeiro acampamento, eu não conseguia dormir. Eu não dormia muito bem. E no dia que eu dormi, eu tive um sonho, com o carro da minha mãe, que eu venho com ele pra igreja. O símbolo de uma cruz, assim, na porta, do lado direito, não, esquerdo, do motorista. Isso depois do acampamento. Acho que passou uma semana e alguém bateu na porta do carro da minha mãe,

no mesmo lugar. Não sei como interpretar, mas me impressionou muito. (S7, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Para Csordas (2008), o movimento retórico de transformação está completo quando o suplicante é persuadido a mudar padrões de comportamentos, assim como percepções cognitivas e afetivas.

Eu sou mais madura. Eu aprendi muita coisa, né? Porque quando a gente tá aqui, todos os dias é um aprendizado novo. Tenho um entendimento melhor do que acontece na minha vida, um contato maior com Deus. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Eu fiquei mais amorosa, mais paciente, principalmente com os meus filhos, que eram os que mais me tiravam a paciência. (S3, sexo feminino, 35 anos, MMV)

Na pesquisa, quando indagados sobre a importância da psicoterapia para o crescimento espiritual, alguns participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória relataram que no acampamento há vivências terapêuticas ministradas pelo pregador e pela equipe de servos. Alguns também fazem acompanhamento com o pregador, que é *coach*.⁴¹ Em relação a esta atividade desenvolvida pelo coordenador e pregador do grupo, houve elogios e críticas.

Eu comecei a fazer o meu processo de autoconhecimento através de sessões de coaching com o Tony. É porque existe a junção, quando não é missionária, existe junção: é a espiritualidade com o coaching. Todas as ferramentas que o coaching oferece, ele consegue pautar nas Sagradas Escrituras. Então, é um conhecimento de mim mesma a partir de Deus. São sessões que eu contrato. Mas toda terça-feira ele dá a mentoria, com as ferramentas do coaching também para os servos, para quem quiser participar. Mas nas sessões individuais, são mais profundas. Descobri a minha missão, que é impactar a vida das pessoas, transformar a vida das pessoas melhor do que está. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

Eu tenho umas divergências em relação ao que o Tony fala. É essa coisa de coaching que prega muito sobre prosperidade e dinheiro eu não concordo. Mas a gente vai levando. Deus fala que não devemos nos preocupar com o dia de amanhã. É só ter fé, cumprir tudo direitinho e não precisa ficar nessa ganância de dinheiro, não. Tem que ter o bastante para viver confortável, mas não precisa acumular. (S4, sexo masculino, 58 anos, MMV)

⁴¹ *Coaching* é uma prática terapêutica que envolve um conjunto de técnicas, as quais têm o objetivo de auxiliar o indivíduo a resolver tanto os seus problemas como a aplicar o que aprendeu para obter resultados positivos para si e para a equipe com a qual trabalha (MILARÉ; YOSHIDA, 2007).

Os que acreditam que a psicoterapia pode auxiliar no desenvolvimento da vida espiritual acham que o psicoterapeuta deve seguir a mesma tradição religiosa do cliente. No caso em questão, compreender e seguir a doutrina cristã.

Eu fiz um ano e meio de psicanálise. Eu acho que é muito importante [...] Eu acredito que tanto o coaching quanto a psicologia são ferramentas muito poderosas. É bom o terapeuta ter algo pautado no Evangelho para trabalhar. Que tudo podemos, mas através de Deus. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

No grupo de formação em *Core Energetics*, a psicoterapia semanal ou quinzenal faz parte do processo de autoconhecimento, como colocou Pierrakos (1987). Assim, podem ser percorridas todas as etapas, desde o reconhecimento da Máscara, expressão das negatividades, contato e centramento no Eu Superior, até a descoberta da tarefa de vida de cada um. Ao acessar a Essência amorosa, que é a capacidade total humana, livre dos bloqueios musculares e de crenças limitantes, ocorrem as curas, o despertar da espiritualidade e a ampliação das percepções.

Eu tive uma experiência muito incrível. Faço sempre meus exercícios corporais de Core Energetics. Neste dia, estava com muita dor de cabeça. Respirei e vi uma imagem: era a minha fotografia, mesmo, quando criança, que eu via. Fotografia bem bonitinha! Eu era pequenininha. Aí, me imaginei abraçando a minha criança. Acho que foi uma visualização. Na hora que eu abracei e acolhi a criança, ela queria ser vista. Na mesma hora, a minha dor de cabeça passou. Eu fiquei uns dois, três dias com uma vitalidade, com uma alegria e com um ânimo que eu nunca experimentei na minha vida. Eu via as coisas! Eu queria fazer tudo! Eu estava muito animada! Foi uma experiência pra eu ver que existe outro tipo de vida, sem ser com resistência. Não tinha qualquer resistência nesses três dias. Tudo que eu fazia estava gostoso. Tudo que eu comia, tudo que eu ia fazer, trabalhar... Qualquer serviço doméstico que eu ia fazer nesses três dias, eu trabalho assim... Eu nunca tinha pensado energeticamente. Mas, pra mim, tinha algum bloqueio ali, naquela dor de cabeça, que, de alguma forma, fluiu e a minha energia circulou. Porque eu sentia, eu sentia a minha energia. E foi uma experiência muito maravilhosa. Eu senti minha vitalidade! Eu senti o meu fluxo de vida, de tá pronta. Permaneceu esta vitalidade por alguns dias. (S25, sexo feminino, 49 anos, CE)

Eu tive uma experiência muito diferente no grupo de processo: um tremor que vibrava todo o meu corpo, um congelamento nas mãos, um formigamento nas pernas, na boca. Eu tentava falar e eu não conseguia mexer os lábios direito. Em seguida, veio a imagem do meu pai e aí, comecei a ter compreensões muito diferentes em relação a ele. Eu compreendi mais a forma como ele atua a partir das carências dele, chamando a atenção dos filhos, sendo a referência, o ídolo. E minha mãe, a doente e a coitada. Isso me ajudou a melhorar a relação, ou pelo menos a percepção em relação à minha mãe, com quem eu tenho mais dificuldade. Foi incrível! Ampliou a minha percepção. Eu vi claramente coisas que eu não via. Fez sentido e me senti melhor. (S21, sexo feminino, 44 anos, CE)

Dentro da perspectiva abordada neste trabalho, em *Core Energetics* o corpo representa um diagnóstico da pessoa como um ser integral. Durante o processo, o indivíduo experiencia o movimento e transforma as suas defesas para acessar níveis profundos da existência (Essência), a partir do que surgem novos sentidos e significados, como o despertar da espiritualidade. Por seu turno, no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, todas as experiências vividas se sustentam no corpo/corporeidade (CSORDAS, 2008). Pode-se inferir que há este campo (corpo) de experiências no qual está inserida a história do indivíduo, com toda a sua amplitude e, através das motivações, faz-se uma busca por um sentido existencial. Encontram-se os caminhos, cada um com um tipo de vegetação, de aventuras e de desafios. Conforme o caminhante é conduzido, experiencia e constrói os seus significados através de reflexões próprias. O que se percebe é que os caminhos percorridos pelos integrantes dos dois grupos são diferentes em muitos aspectos, mesmo se considerando que estão inseridos em um mesmo terreno cultural, histórico e social que compõe a caminhada de cada um deles.

4.5 TEMAS POLÊMICOS

Partindo-se dos diferentes conceitos de espiritualidade abordados no Capítulo 1, desde a espiritualidade cristã (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1996 apud WOLFF, 2015; ZILLES, 2004), definida como uma forma de praticar a fé e experienciar Deus, passando pela nova espiritualidade da Igreja Católica além dos muros da instituição (BOFF, 2008; FREI BETTO, 2014) e chegando até o conceito de espiritualidade calcado na ciência e no desenvolvimento humano (CAPRA, 2019; GROF, 1987; PIERRAKOS, 1987; SOLOMON, 2003; TORRALBA, 2012; ZOHAR; MARSHAL, 2000), percebe-se que todos eles tratam de qualidades que revelam uma sensação particular de bem-estar, contato com o sagrado e uma forma ética e amorosa de estar no mundo. Nos relatos colhidos ao longo desta pesquisa, quando se investigaram as transformações pelo contato com o sagrado, tanto por meio religioso como por autoconhecimento, foram citados estado de paz, tranquilidade, leveza, calma e compreensão, compondo a noção do que é a espiritualidade.

Para aprofundar esta percepção de autotransformação e verificar até que ponto os sujeitos entrevistados realmente ampliaram a capacidade amorosa de compreensão e empatia, se investigou a relação dos sujeitos entrevistados com temas relacionados com morte e gênero, os quais geram reflexões profundas e revelam como a espiritualidade (cura e transformação) desenvolvida no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória e no grupo de formação em *Core Energetics* está presente nas falas e nas posturas dos entrevistados diante destes temas. Pierrakos (1987, p. 275) explicou que a abordagem da *Core Energetics* “não almeja apenas ‘curar as neuroses’ ou ajudar as pessoas a resolver seus problemas”. O processo ocorre por intermédio de um trabalho pessoal exploratório duro, durante o qual uma nova consciência interior se abre para si e para o outro. A meta do trabalho é aprender a ativar a Essência, o Eu Espiritual, pois quanto mais há a ação da Essência, melhor a pessoa lida com as suas próprias distorções e as do outro. Pierrakos (1987) afirmou que a verdadeira espiritualidade presente na Essência é uma fonte de energia positiva, a qual, se não for distorcida, gera um funcionamento harmonioso.

O processo de cura carismática, descrito por Csordas (2008, p. 93), é tratado como “um discurso que ativa e dá forma significativa aos processos endógenos, fisiológicos e psicológicos no paciente”. O suplicante terá como efeito um redirecionamento de sua atenção para os diferentes aspectos de sua vida com a intenção de ressignificá-la, tornando-se uma pessoa inteira e saudável. O sistema de cura carismática descrito por Csordas (2008, p. 33) é “holístico no sentido em que busca integrar, em princípio, todos os aspectos da pessoa [...], corpo, mente e espírito.

Ao acompanhar o discurso dos participantes desta pesquisa, todos relataram transformações ocorridas a partir dos processos vividos em ambos os grupos. No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, a transformação está vinculada à transmissão do aprendizado, à evangelização e aos dons curativos recebidos.

Eu tenho que viver por inteiro tudo que eu estou vivendo, sabe? E entender que eu posso passar Deus pras pessoas sem nem falar de Deus. A minha vida, eu falo pras pessoas. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

Depois que comecei a participar do grupo, eu faço as coisas com mais amor, com mais clareza, com mais entendimento, com mais respeito ao próximo, com os colegas, mesmo, de trabalho. Partilho mais com o meu semelhante também, né? (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

No grupo de formação em *Core Energetics*, verificou-se nos relatos dos entrevistados a presença da percepção do corpo no processo de mudança. E a partir desta percepção mais ampliada, ocorreu a adoção de novas formas de agir.

A maior mudança foi a percepção sobre mim mesma, do que que se passa dentro. Eu tinha uma coisa de não fazer contato, de desligar. Agora, estou mais presente. E o fato de ficar mais no meu corpo, no aqui e agora, foi estruturante pra mim. Era um padrão, essa coisa de ficar muito no futuro ou muito no passado e acabava que me perdia. Os meus dias se tornaram melhores. Sinto mais disponibilidade para realizar. Isso foi estruturante pra mim. (S15, sexo feminino, 24 anos, CE)

O grupo é muito comprometido, muito entregue. É um campo de força, de energia. A gente entra no campo e é impelido a entrar nessa entrega e nesse compromisso com o trabalho. Pelo menos, assim eu me sinto. É o campo que favorece o trabalho, catalisa. É a beleza do processo do grupo que acho incrível. É uma riqueza de experiências, de nuances que, individualmente, a gente fica mais limitado; no grupo, querer ir mais e vamos mais fundo nas historinhas pessoais. O que mais percebi que mudou em mim foi minha presença, o grounding, primeiramente. Eu tô sentindo verdadeiramente o que que tá acontecendo no meu corpo, o que que eu quero, o que que eu não quero fazer, qual é a minha necessidade no momento, me posicionar, me fazer presente, ocupar meu espaço. Eu posso experimentar um campo seguro, me arriscar, mergulhar. (S16, sexo feminino, 37 anos, CE)

Em ambos os grupos, as transformações trouxeram mais presença, empatia, cuidado consigo e com o outro. Além disso, esses indivíduos sentem mais confiança em tudo o que a vida lhes oferece como possibilidades de satisfação e de aprendizado. Em ambas as abordagens, a perspectiva de cura se dá integrando todos os aspectos do ser e, conseqüentemente, ampliando a percepção e a interação com o outro e com o Universo.

Abordar os temas polêmicos foi uma forma de verificar a profundidade da autotransformação, advinda do autoconhecimento e do despertar da espiritualidade, e se ainda perpetuam determinados medos e preconceitos. Além disso, intencionou-se verificar o grau de harmonia e solidariedade que há ao se discutir esses assuntos.

4.5.1 Aborto

No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, os participantes são unanimemente contra o aborto, não havendo espaço para nenhuma discussão em relação à sua legalização.

Em qualquer situação, eu sou contra o aborto. Eu acredito que ainda existem outras saídas. Se a mulher não quer, ela tem o nenê e dá para adoção. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

Então, eu sou contra. Eu sou contra, porque, realmente, a criança não tem nada a ver com o que aconteceu à mãe, o que aconteceu ao pai. E ela tem direito de vir ao mundo. A questão é realmente os pais terem condições de criar. Mas isso é uma coisa de se pensar à parte. Mas se pensar na criança em si... Mesmo em caso de estupro, sou contra. (S7, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Há uma condenação incondicional do aborto fundamentada na sacralidade da vida humana e no pecado da provocação do ato. Rosado-Nunes (2012, p. 23) salientou que há toda “uma proposição de fé sobre a vida do feto que é um dom de Deus”. Rosado-Nunes (2012, p. 23–24) ainda mencionou uma citação do Papa Pio XII confirmando o aborto como um ato condenado pela Igreja Católica:

“Cada ser humano, também a criança no ventre materno, recebe o direito de vida imediatamente de Deus, não dos pais, nem de qualquer sociedade ou autoridade humana”. Atentar contra a vida é atentar contra o próprio Deus. Do direito à vida derivam todos os outros direitos, dos quais aquele é condição necessária. Assim, o mandamento divino: *Não matarás* refere-se à sacralidade da vida, que deve ser respeitada, por vontade divina, segundo um princípio abstrato, absoluto, universal e aplicável a todos os seres humanos.

Desde quando há a concepção, já se considera a presença de alguém que não pode ser “assassinado”. Csordas (2008, p.155) alertou que “na cura carismática um feto que jamais nascerá ainda é uma pessoa”. Durante os rituais de cura para as mulheres que provocaram aborto, é dada uma identidade para o feto, de modo que se possa orar por ele e que seja considerado alguém que está com Jesus.

Eu sou contra, porque tá tirando uma vida inocente. É um assassinato de um inocente. (S6, sexo feminino, 44 anos, MMV)

Interessante notar que, ao serem instigados para uma discussão em relação a situações extremas, tais como doenças graves do feto e gravidez ocasionada por estupro, os entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória começaram a flexibilizar sua posição. Porém, imediatamente, usaram o discurso doutrinário cristão do sacrifício para encontrar outro caminho diferente do aborto.

Tem alguns casos que o aborto é permitido por lei. Por exemplo, uma criança que não tem cérebro. Mas eu tenho um exemplo, ou melhor dois, que podem ser comparados. A esposa do meu sobrinho tava grávida. A criança tinha várias síndromes, e aí, os médicos aconselharam a abortar. E aí, eu conversei, falei: “Olha, Jesus teve a oportunidade de não passar pela cruz,

mas ele enfrentou a cruz. Então, se ele enfrentou a cruz, por que você não enfrenta a sua cruz? Por que você não deixa essa gestação ir até onde Deus quer que ela vá?”. E ela me escutou, porque era uma coisa que também ela era contra. E ela ficou uns 6 meses grávida. Foi um período de muito sofrimento. Triste, né? Você achar que tá gerando um monstrinho, né? Uma criança toda deformada, muito deformada dentro de você. Mas, ela deixou o processo acontecer. Aí, ela abortou naturalmente. Ela teve paz. Aí, teve uma outra prima, que também teve uma gestação que o bebê não fechou a barriguinha, os órgãos ficaram de fora, e ela abortou. E aí, eu não sei... Mas acho que ela não teve essa paz que a outra teve. (S12, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Em nenhum momento da discussão em relação ao aborto os participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória consideraram espontaneamente as condições que podem levar uma mulher a desejar a abortar, as consequências para a criança não desejada e a realidade dos abortos clandestinos existentes no país. Segundo dados recentes:

Ministério da Saúde estima que 1 milhão de brasileiras passam por abortos induzidos por ano. [...] Os procedimentos inseguros de interrupção voluntária da gravidez levam à hospitalização de mais de 250 mil mulheres por ano, 15 mil complicações e 5 mil internações graves. [...] A criminalização do aborto atinge especialmente mulheres jovens, desempregadas ou em situação informal, negras, com baixa escolaridade, solteiras e moradoras de áreas periféricas (SOUZA, 2019).

No grupo de formação em *Core Energetics*, embora os participantes estudem uma teoria que considera o ser humano como tendo uma Essência espiritual, nenhum deles se colocou em oposição à legalização do aborto. A maioria não desejaria abortar ou passar por situações que pudessem levá-los a ter de tomar esta decisão. Espontaneamente, fizeram esta diferenciação. Relataram que são empáticos com as mulheres que fazem aborto, consideram esta uma circunstância complexa e difícil e desejam não passar por tal situação. Além disso, afirmaram que não têm o direito de julgar quem já o fez.

Eu acho importante ser uma escolha. Não pratiquei, tá? Nunca foi o caso. Mas, eu sou a favor de ter a possibilidade do aborto, condições para quem decidir fazer. Tem que ser legalizado, regulamentado. (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

É, sou a favor! Eu nunca fiz. Há casos que acho necessário. Eu atendi a irmã de uma cliente, que tá grávida. Ela usa medicamento, usa droga, o pai da criança está preso, bateu nela e a conhece há três meses. Quando eu penso nessa situação, nas consequências pra essas vidas (mãe e criança), pode ser uma coisa egoísta, mas, pensando no livre arbítrio, a gente pode escolher, pode ser bem saudável, sabe? É o tempo das coisas! (S14, sexo feminino, 50 anos, CE)

Há lembranças da raiz religiosa e a interferência desta no momento da reflexão; contudo, já com um distanciamento tal que permite ampliar a discussão sobre o tema. Interessante observar o impacto da questão para quem estuda sobre autoconhecimento e espiritualidade. Entretanto, vale lembrar o ensinamento de Pierrakos (1987): à medida que se trabalha o corpo, há energia mais disponível, mais livre, a Essência se sustenta em sua manifestação, criando uma perspectiva de indagação e percepção de valores e crenças antigas e propiciando abertura para mudanças.

É meio um dual dentro de mim, mas por conta, eu acho, da minha raiz católica. Mas eu sou a favor, porque eu acho que a mulher tem o direito de fazer a escolha. Eu trabalho com crianças carentes. Então, eu sei a dificuldade que depois é pra essas crianças que nasceram em um lar que não foram desejadas. (S15, sexo feminino, 24 anos, CE)

É até absurdo uma pessoa que tá na Core falar que é a favor, mas eu sou a favor, porque a pessoa é dona do corpo dela. Na verdade, quando falo que é um absurdo alguém que está na Core ser a favor é porque eu acredito que há uma vida, ali já tem uma alma, um ser de luz, né? Hoje, eu não faria. Antigamente, eu faria. Depois que eu entrei na Core, eu não teria coragem de fazer. Mas não acho errado, não acho absurdo quando o outro faz. Eu acho que é uma questão de escolha de cada um. (S26, sexo feminino, 34 anos, CE)

Eu não sou a favor do aborto, mas eu não condenaria uma pessoa que faz, porque eu acho que existem muitas situações que é compreensível a pessoa tomar essa atitude. É isso. Achei a minha resposta. Exatamente isso que eu penso. (S25, sexo feminino, 49 anos, CE)

É importante ressaltar que nos dois grupos foi verificado impacto em relação à questão abordada. Notou-se, porém, que no grupo religioso não houve nenhuma possibilidade de discussão, já que a decisão está baseada nos Mandamentos da Lei da Deus. Esse fato impediu, inclusive, uma abertura para perceber o contexto socioeconômico e cultural em que a mulher que aborta está inserida. No grupo de formação em *Core Energetics*, percebeu-se o conflito em lidar com o tema, mas os sujeitos conseguiram um certo distanciamento para refletir e sentiram alívio quando elaboraram a seguinte solução: “não desejo praticar esta ação, mas não julgo quem o faz, sou empática/o com as questões que levam a esta atitude”.

Notou-se que em ambos os grupos houve o medo da morte e um incomôdo em interromper a vida; porém, o respeito à vontade e à liberdade de ação do outro

prevaleceu no grupo de *Core Energetics*, no qual se enfatizou o desenvolvimento da capacidade de não julgar.

4.5.2 Pena de Morte

Observaram-se muitos conflitos nos dois grupos em relação ao tema pena de morte. As opiniões se dividiram no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória. Alguns argumentam, a partir de sua crença, que só Deus tem o direito de retirar a vida, similarmente à situação do aborto. No entanto, notou-se que, para este grupo, o fato de assistir aos crimes veiculados pela mídia gera sensação de insegurança e desejo de vingança, com a justificativa de proteger-se a si, sua família e as pessoas próximas.

Pra mim, quem tira a vida é só Deus. (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

Mello (2009 apud GALVÃO; CAMINO, 2011, p. 235) argumentou que “os meios de comunicação instigam a população a desejar vingança, como se isso resolvesse o problema da violência”. Em nenhum momento, os participantes do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória refletiram sobre o que poderia diminuir a violência.

Nossa, vou te dizer, diante de cada barbaridade que tem no mundo... Porque, às vezes, eu vejo, assim, que o homem não faz justiça. Apesar que a gente tem que fazer a justiça de Deus, né? A gente não pode fazer a justiça, mas tem hora que você vê que tem certas pessoas que não têm correção. O sistema penitenciário, hoje, não socializa ninguém e não muda ninguém. Às vezes, faz a pessoa voltar pior do que era. E aí, você tá permitindo que essa pessoa volte à sociedade pra fazer as mesmas brutalidades. Às vezes, você mesmo ou alguém da sua família pode ser até vítima desta própria pessoa. Ainda que Deus é o Deus do impossível, às vezes, você pensa: “Ah, essa pessoa não tem conserto”. Não tem conserto. Às vezes, pra ela, uma pena de morte cairia bem. Se tivesse uma votação para aprovar a pena de morte, eu iria votar a favor em alguns casos. (S12, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Observou-se que não houve uma reflexão e nem empatia em relação à origem social e econômica dos que cometeram os crimes.

No Brasil, não existe isso! É mais fora, né? Mas, assim, às vezes, quando fico sabendo daquelas pessoas que estupraram, eu acho que tinha que pagar com a mesma moeda. Então, assim... Não sei! É meio relativa essa pergunta. (S11, sexo feminino, 33 anos, MMV)

Não obstante, os entrevistados manifestaram a percepção acerca da ineficácia dos presídios brasileiros em recuperar os presos. Este fato foi pesquisado e confirmado por Fernandes e Oliveira (2015, p. 74), que afirmaram que “a situação física dos presídios em nada acrescenta para a efetiva reintegração social do apenado, uma vez que a condição desumana dos cárceres apenas acentua a noção de culpabilidade já dispensada a eles”.

Em relação a este aspecto, o posicionamento foi diferente nos dois grupos. Os sujeitos do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória não emitiram nenhuma crítica ao Estado que não desenvolve quaisquer ações no sentido da recuperação dos presos. Para os entrevistados do grupo de formação em *Core Energetics*, contudo, não há muita esperança na melhoria do sistema carcerário pelo Estado. Eles lamentaram este fato, pois, se o sistema fosse organizado, poderia contribuir para a recuperação dos presos.

Eu sou contra a pena de morte. Eu acredito na capacidade de recuperação e transformação do ser humano e uma das coisas que poderia ajudar seria a melhoria das condições carcerárias em todos os aspectos. Eu, sinceramente, não acredito que isso vá acontecer. Mas não posso negar que essa seria a melhor forma e não a pena de morte. (S21, sexo feminino, 44 anos, CE)

Como afirmou Critsinelis (2009, p. 61 apud GALVÃO; CAMINO, 2011, p. 235), a mudança na forma de punir

[...] surge apenas como uma válvula de escape dos cidadãos em libertar-se do “temor que corroem [sic] as suas vísceras: a insegurança”; uma simples forma de exorcizar o medo e a impotência humana, diante de um Estado incompetente para garantir o simples direito de ir e vir.

No momento em que há incômodo diante de atos muito violentos, parece que são acionados os mecanismos de defesa a partir do medo, confirmando a citação de Pierrakos (1987, p. 159) de que “quando a pessoa é dominada pelo medo projeta-se para fora, acreditando que todas as dificuldades vêm de fora”. Em situações como esta, busca-se um culpado e encontra-se, assim, uma forma de eliminar o incômodo sem se responsabilizar ou fazer parte do processo.

Os participantes do grupo de formação em *Core Energetics* teceram críticas quanto à ineficácia da justiça no Brasil, fato que por si só já justificaria a não implantação da pena de morte. Entretanto, alguns acreditam que há casos em que a pena de morte poderia ser aplicada, como os de pessoas com transtornos de

personalidade irrecuperáveis. Aqueles que são profissionais da área de psicologia, justificam sua opinião utilizando a classificação médica de transtorno de personalidade antissocial (TPAS), descrita no DSM-V (APA, 2013). Alvarenga, Flores-Mendoza e Gontijo (2009, p. 263) descreveram as pessoas com TPAS como aquelas que têm “características bem marcantes e definitivas como comportamentos criminosos, violência, manipulação para obter vantagens para si, e tendo história de problemas de conduta no início da infância e na adolescência”. Portanto, são considerados indivíduos que não têm a possibilidade de cura ou reabilitação por apresentar frieza ou ausência de sentimento de culpa ou de remorso. Os entrevistados do grupo de formação em *Core Energetics* citaram exemplos de situações reais que foram veiculadas na mídia e de personagem de filme que representariam circunstâncias em que a pena de morte seria aplicável.

Eu sou contra, porque a justiça é falha. Então, a possibilidade de matar uma pessoa injustamente seria... Imagina? Sentenciar uma pessoa e ela ser inocente. Acredito que, para o psicopata, o único freio pra ele é a bala, entendeu? Ou mata ou tranca! Nestes casos, se não fosse o risco que eu disse antes, seria a favor. (S20, sexo masculino, 37 anos, CE)

Cara, tem horas que eu sou a favor... Mas, eu não sei te dizer ao certo. Tem alguns crimes hediondos, assim, que eu diria que sou capaz de matar, mas, realmente, eu não sei. Eu não tenho claro. Você assistiu um filme chamado Sete Pecados Capitais? Aquela pessoa, né? Aquele cara devia ser um que eu mataria, um sociopata. Eu não tenho uma resposta certa pronta, não. É difícil! Muito difícil! (S14, sexo feminino, 50 anos, CE)

Porém, mesmo diante de fatos reais, uma das entrevistadas manteve posição de estranheza em decretar a pena de morte para alguém.

Eu sou contra a pena de morte porque... Uma questão prática... No Brasil, existem muitos erros. Pessoas que não deveriam estar presas, estão presas. Então, é um sistema muito corrupto pra você implementar uma pena de morte. Fora que eu acho muito estranho você decidir que vai matar uma outra pessoa. O caso de uma pessoa que... Igual no caso daquele repórter da Globo, que foi picado vivo lá no morro, Tim Lopes. Estaria na lista dos crimes hediondos e outros crimes contra crianças. Mas, por mais que eu ache que essa pessoa mereça morrer, eu acho muito estranho o outro decretar: “Você merece a pena de morte!”. Eu acho estranho um ser humano julgar que o outro deve ou não morrer, legalizar isso. (S26, sexo feminino, 34 anos, CE)

Interessante confirmar, através do relato de uma entrevistada, a afirmação de Pierrakos (1987, p. 159) de que quanto mais o ser humano se desenvolve em direção à sustentação da Essência, da Espiritualidade, “mais ele percebe a sua resistência”. E quando ele admite os seus conflitos diante dos impulsos, mais estará em um estado

de verdade e menos inclinado ficará em manifestar as suas negatividades de forma indireta, mascarada e sutil.

Aiii! Essa é bem difícil, né? Caramba! É engraçado, porque é mais difícil do que o aborto, né? Por que será?! Ai! Pode deixar em branco? Não tenho uma clareza. É muito... muita injustiça, assim... que eu vejo, de um lado e de outro. Então, eu não tenho clareza. Eu me preocupo em relação à pena de morte se for legalizada em relação aos crimes políticos, de perseguição, das ditaduras. Então, a princípio, eu sou contra. Mas, quando penso no sociopata ou em outra ameaça, aí já me mobiliza. Ai, não sei! É difícil! A princípio, sou contra, mas eu não sou categoricamente. Preciso refletir. Nossa!! (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Isto também ocorreu no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, quando o conflito e a divisão vieram à tona e uma das participantes reconheceu a dificuldade em ter uma opinião a respeito da pena de morte.

Eu acho que ainda não sei se eu tô preparada pra ter uma decisão sobre pena de morte. Porque o meu lado humano vai falar assim: "Sim, o cara merece! Vai lá, mata a pessoa." Mas o meu lado espiritual fala: "Não, ele também é humano. Ele tem erro, mas ele pode ser perdoado." Porque na hora que Jesus estava morrendo, tinha dois assassinos. Um falou assim: "Senhor, lembre-se de mim ao entrar no Paraíso". Naquele momento, Deus perdoou todos os pecados dele. O outro falou: "Se Ele é filho de Deus, Ele que desça daí". Então, não foi perdoado. Então, assim, eu não sei se eu tô preparada pra responder essa pergunta. Tem esse conflito entre o lado humano e o espiritual. (S8, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Há aqueles que mantêm a posição de que todos podem ser transformados e, quando há alguma impossibilidade de melhora, devem ser isolados, pois não cabe a ninguém, muito menos ao Estado, legitimar a morte. Afinal, estar na vida é a melhor forma de aprendizado.

Porque eu não acho que a morte é uma solução para algum problema. Eu acho que existe um sentido pra tudo. Matar não é uma saída, como uma punição. Acho que a vida é a melhor das escolas. [risos] (S16, sexo feminino, 37 anos, CE)

Porque quem aqui vai decidir quem pode morrer? Imagina! Eu acho um absurdo! Eu acho que só o fluxo universal, Deus, enfim. Isso não cabe aos humanos decidir. Imagina! Legitimar isso... Que estranho! (S17, sexo feminino, 34 anos, CE)

Fazendo-se a relação do processo desenvolvido no curso de formação em *Core Energetics* com o posicionamento em relação à pena de morte, enfatiza-se a importância de transformar as distorções negativas, que geram violência, como a de legitimar a pena de morte.

Acredito que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Quem somos nós pra sermos juízes do outro? E se a sociedade não tem outra alternativa a não ser a pena de morte, a sociedade tá muito doente. Como acredito nesse caminho da psicoterapia, eu acredito na cura mesmo, na vida. Sei que há uma distorção do bem que é o mal, e precisamos trabalhar esta distorção para não praticarmos o mal, como é o caso da pena de morte. Eu acho muito desumano. Muito, muito. Eu sou contra. (S25, sexo feminino, 49 anos, CE)

Não foi suscitada nenhuma discussão em relação à causa da violência, ou como isto é ou deveria ser socialmente tratado. Mesmo no grupo de formação em *Core Energetics*, em que ocorreu uma pequena discussão sobre o tema, ela se pautou na ineficácia dos presídios e na justificativa da pena de morte para sociopatas. Contudo, a origem e a causa do problema da violência não foram consideradas, diferentemente do comportamento que se observou em relação ao aborto. Talvez o fato de a pena de morte estar vinculada diretamente a uma violência exacerbada, reforçada pelas imagens cotidianas presentes na mídia (MELLO, 2009 apud GALVÃO; CAMINO, 2011), e ainda não ser uma condição imposta à sociedade, tenha acionado uma defesa imediata contra este incômodo e bloqueado a capacidade criativa para a análise do contexto social e a busca de mais soluções.

O medo da interrupção da vida foi perceptível, seja no caso do aborto, seja no caso de se ficar vulnerável diante de uma pessoa que pratica violência, ocasião em que se necessita que o Estado crie uma proteção para a sociedade. É mais fácil compreender, não julgar, a mãe que aborta do que refletir sobre o que contribui para que uma pessoa se torne violenta ou assassina. Esses são aspectos que merecem maior reflexão, o que abre possibilidades para outros estudos sobre como refletir acerca do merecimento da vida ou da morte.

4.5.3 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e Outras Orientações Sexuais, Identidades e Expressões de Gênero

O tema LGBTI+ foi o que refletiu o maior distanciamento de opiniões em relação aos dois grupos pesquisados. A influência clara do discurso moral religioso, que prega que o sexo está ligado à procriação e que o homem foi criado para acasalar com uma mulher, está presente implícita ou explicitamente nas respostas dos

entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória. Farias (2010, p. 105–106) argumentou que

[...] atualmente o Catolicismo ainda reprovava a relação entre pessoas do mesmo sexo, como podemos perceber por meio de algumas ocorrências: em 1986 o Vaticano se pronunciou contra a homossexualidade, considerando esta como um fator extremamente negativo para a moral; em 1992 o Papa promulgou um documento sobre a doutrina do Catolicismo, no qual a homossexualidade é considerada grave pecado contra a integração saudável da sexualidade. Segundo matéria publicada em dezembro de 2008 no jornal O GLOBO, o Papa Bento XVI pronunciou-se contra políticas de igualdade de direitos aos homossexuais, neste ano, pois considera danosa a equiparação de casais homossexuais com os heterossexuais, visto que “*viver dessa forma é contra a verdade, contra o espírito do Criador*”.

Dentro do conceito religioso, está claro que o homossexual está violando um preceito cristão. Contudo, isso não impede que a generosidade cristã o acolha dentro da justificativa de que se trata de um “distúrbio”. Outros entrevistados do mesmo grupo apresentaram alternativas de cuidados para este “distúrbio” ou “desvio de comportamento”, tais como abstinência sexual ou tratamentos psicológicos e psiquiátricos.

Eu não excluo essas pessoas da minha vida. Eu tenho amizade com gays. Para mim, elas têm um distúrbio. Tá fora da sintonia do Criador. Sabe, o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem; os dois, para procriar. (S2, sexo feminino, 34 anos, MMV)

A despeito dos rumores atuais sobre a posição mais liberal do Papa Francisco sobre gays (DECLARAÇÃO..., 2013), obviamente, a posição da Igreja Católica em considerar os atos homossexuais como pecado não mudou. A forma de tratar os homossexuais é que se apresenta diferente no discurso papal, porquanto há ênfase na inclusão e no respeito a estas pessoas. Isso se reflete no discurso de aceitação, permeado por preconceitos, emitido pelos sujeitos do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória.

Eu amo cada uma destas pessoas! Meu cunhado era homossexual. Ele foi assassinado por isso. Justamente por ser homossexual! Então, eu sou contra o pecado deles. Hoje, eu entendo que é pecado. A forma de agir que é pecado. Pode ser que nasçam assim, mas têm que cuidar e não ter a atitude. (S3, sexo feminino, 35 anos, MMV)

Deus que me perdoe, mas eu sempre falo isso: eu sou contra. Porque isso não vai dar continuidade à vida, à geração de filhos, de família. Eu sou contra! Sou contra, mesmo! Deus que me perdoe, mas eu sou contra. Eu não estou condenando. Eu posso ter amizade, eu convivo... Mas sou contra o pecado que eles cometem, o ato. Eu não aceito. (S5, sexo masculino, 53 anos, MMV)

Embora sejam inegáveis os avanços ocorridos na compreensão em relação à homossexualidade, constatou-se desinformação e distorção no discurso dos entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória. Farias (2010) colocou esses avanços em ordem cronológica. Em 1973, a homossexualidade foi retirada da categoria diagnóstica de doença pela American Psychiatric Association (APA). Em 1975, a APA recomendou aos profissionais de saúde mental que se desfizessem de seus preconceitos e realizassem mais pesquisas. Em 1990, a OMS determinou que a homossexualidade não deveria ser considerada doença e, por isto, não se deveria buscar sua cura. No Brasil, em 1990, o Conselho Federal de Psicologia regulamentou a atividade do psicólogo sobre a questão, afirmando que a homossexualidade não deveria ser considerada doença ou perversão e que os psicólogos deveriam trabalhar contra o preconceito, a discriminação e as atitudes homofóbicas. O CFP (2019) noticiou que

O Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu liminar, nesta quarta-feira (24), ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) mantendo íntegra e eficaz a Resolução CFP nº 01/99, que determina que não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de prática de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é patológica, doença ou desvio.

Para os entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, ignorando todo o histórico explicitado anteriormente, a homossexualidade é considerada um distúrbio ou um desvio de comportamento.

Eu não sei dizer exatamente, mas se a pessoa quiser, se a pessoa buscar, se a pessoa quiser, realmente, mudança de vida através da espiritualidade, ela vai conseguir. Eu creio que vai conseguir, sim, porque ela não nasceu assim. Deus fez homem e mulher. Não foi nem Adão e Ivo. Então, ela nasceu na forma homem. Então, se ela lutar, buscar a espiritualidade, descobrir lá atrás o que que aconteceu pra ela se tornar dessa maneira, ela tem como mudar, sim! Basta ela querer. (S8, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Eu aceito, só que eu acho que não é projeto de Deus, porque Deus criou o masculino e o feminino, né? Eu acho que seria um trabalho pra vocês, psicólogos, para psiquiatras, mudar o cérebro dessa pessoa. E já li relatos, também, de pessoas mais idosas, que elas sofrem muito, muito, porque ela passa a ser um outro ser que ela não é. Ela é taxada, tem preconceito, tem bullying. E aí, assim, na realidade, ela não se identifica. Por quê? Quem não é homem, nunca vai ser homem de verdade; quem não é mulher, nunca vai ser. Por mais que toma hormônio e tudo o mais, não vai ser. E eu li relatos que as pessoas são, nos seus sentimentos, totalmente destruídas. No banco que eu trabalhava, eu tive que escolher um estagiário pra trabalhar comigo. Tinha um menino que era gay. Então, eu falei: "Gente, eu não quero. Eu não sou contra, mas eu não quero trabalhar com ele. Porque a gente vai se chocar muito". Depois eu fiquei pensando: "Caramba! Eu podia ter ajudado ele". Mas eu não quis, entendeu? (S9, sexo feminino, 52 anos, MMV)

O discurso de alguns entrevistados mostrou-se carregado de temor e rejeição, sendo os homossexuais percebidos por eles como imorais e desajustados. Farias (2010, p. 109) se referiu a várias pesquisas realizadas com profissionais do meio jurídico no Brasil “que apontam a existência de muitos mitos relacionados à homoparentalidade e que decorrem de uma visão estigmatizante da homossexualidade”. Como este não é o foco principal deste trabalho, não se tem a intenção de aprofundá-lo, mas a presença destes mitos ficou clara em algumas falas dos entrevistados do grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória.

O respeito vale acima de qualquer coisa. Em algum momento não sou a favor. Às vezes, as pessoas usam disso para tentar mostrar uma imagem errada para nossas crianças. Eu não generalizo. Eu não coloco toda a classe. Mas tem pessoas que não sabem usar a forma. Tem pessoas que vivem bem e não afetam os outros. Sou contra quanto afetam os outros, desrespeitam, falam palavrões, têm atitudes vulgares. (S1, sexo feminino, 27 anos, MMV)

Deus fala assim: nem os adúlteros, nem os afeminados. É isso aí! Tudo isso aí! Lésbica, gay, transexuais... Não herdarão o Reino dos Céus. Deus fala bem claro a respeito disso. Só que não tô conseguindo lembrar onde que é. (S4, sexo masculino, 58 anos, MMV)

Usa-se o discurso religioso tanto da conversão, sendo até sugerido o sacerdócio, quanto do sacrifício para purificar o ato pecaminoso dos homossexuais de modo que assim obtenham a salvação.

O fato da pessoa ser homossexual não vai tirar o Céu dela, mas a prática, o ato, vai. É igual, vamos supor, a gente tá falando dessa questão de homossexualismo, mas uma pessoa que casa na igreja e se separa, ela pode se separar, não é pecado ela se separar, mas ela não pode ter relações com outra pessoa, com outro homem, ou com a mulher, porque ela, ele vai tá em pecado. Porque o casamento na igreja é indissolúvel. Só quando é viúva ou viúvo que pode se relacionar com outra pessoa. (S10, sexo feminino, 34 anos, MMV)

As pessoas falam assim: “Ah, tem muitos padres que são gays”. Tudo bem, ele pode até ter esta tendência. Tá certo. Mas só que as pessoas fogem do pecado. Eu fujo do pecado, né? E eu acho que uma forma que uma pessoa que é homossexual tem de fugir desse pecado da homossexualidade, às vezes, é ser um padre. Isso é errado? Não. A forma que ele achou de não pecar, né? Por isso que, às vezes, eu acho que tem muitos padres que têm um jeitinho, mas ele é gay? Não. Às vezes, tem tendência de ser, né? Hoje é muito moda. Já vi casos de pessoas que eram casadas; aí, de uma hora pra outra, foi morar com outra pessoa do mesmo sexo. Eu acho que hoje a promiscuidade tá muito grande. Eu acho que essa quantidade de... sapatão, de homossexual, não sei se é tendência. Tem criancinha que desde pequeninha, você fala: “Ó, ela tem uma tendência”. Agora, a maioria, eu acho que seria moda, entendeu? Porque eu acho que não justifica um homem que é casado, depois de velho, virar... gay. Eu acho que é promiscuidade. (S12, sexo feminino, 53 anos, MMV)

Todos os participantes do grupo de formação em *Core Energetics* se mostraram favoráveis à população LGBTI+, de forma que alguns até criticaram a inclusão de tal pergunta. Isto porque já as consideram formas como outras quaisquer de expressão da sexualidade.

É estranho eu responder e justificar esta pergunta, porque não há nada diferente, não tem nada para justificar. Até dizer que são pessoas como as outras seria estranho. Por que eu tenho que afirmar algo que é tão óbvio? É como se eu dissesse, "que pergunta é essa?", sabe? Assim, não caberia mais essa pergunta. (S21, sexo feminino, 44 anos, CE)

Foram enfáticos em concluir que o amor é um sentimento muito nobre e que todos podem expressá-lo da forma que desejarem. O amor, como descreveu Pierrakos (1987, p. 246), "é uma força, uma expressão completa e vibrante no universo". No ser humano, combina o ser físico com o espiritual, os sentimentos com a inteligência. E esta força une os seres, emergindo da Essência de cada um, ligando, fundindo e vibrando em consciência e energia. E para amar, tem de haver vontade e abertura. Todo o trabalho durante a formação em *Core Energetics* é voltado para a conquista desta abertura, de aceitação e transformação de tudo que possa impedir o fluxo da energia amorosa, obtendo-se, assim, um respeito por si, pelo outro e por tudo o que a vida apresentar.

Nem contra nem a favor. Eu sou a favor do ser humano que ele é. Mas não é uma militância: sou a favor disso ou sou contra isso. Eu sou aberta pra essa existência e pra essa manifestação. A favor de que qualquer um se manifeste dentro do seu ser. E eu respeito, ainda que eu não entenda, eu respeito. Como me respeito e estou entendendo cada dia mais o meu processo. (S18, sexo feminino, 36 anos, CE)

A favor! [risos] O amor é livre! Porque eu sinto que é o amor, a sexualidade. Quando é consciente, quando é amoroso, não vejo diferenciação. Sei lá! Realmente eu sinto isso, desde pequena. Acho que, onde houver amor, tá bom. É forte isso, né? Mas é uma coisa bem cultural este preconceito. (S13, sexo feminino, 40 anos, CE)

Toda forma de amar vale a pena! Qualquer maneira de amor vale a pena. Qualquer maneira de amor vale amar. [risos] (S14, sexo feminino, 50 anos, CE)

A favor. Porque o amor não tem forma. (S15, sexo feminino, 24 anos, CE)

Ah, eu sou a favor. Eu sou a favor porque, na minha percepção, cada um faz o que quer da vida. Namora com quem bem entender. E eu não acho, necessariamente, que você tem que gostar do sexo oposto. Eu vou falar de mim. Eu acho que eu não gosto só de homem. Eu só namorei homem, mas

eu acho que eu poderia namorar uma mulher se eu achasse ela interessante. Eu acho que você gosta muito mais da pessoa do que do órgão genital da pessoa. (S26, sexo feminino, 34 anos, CE)

Aquelas pessoas que fazem parte do grupo de formação em *Core Energetics* e praticam uma determinada religião encontraram, a partir da sua crença, explicações para justificar a sua aceitação das pessoas LGBTI+.

Sou a favor. Ah, primeiro é a questão do livre arbítrio, que todos nós temos. Não importa a vestimenta que eu estou usando nesse corpo físico, a vestimenta dessa alma, desse espírito. O que me interessa é exatamente o que tá lá dentro. Como eu coloquei, né? Nem sempre a gente tá com o corpo físico, com a vestimenta adequada com o que aquele espírito sente. Talvez a pessoa precise passar por essa expiação. Eu acredito na questão da expiação, das provas que escolhemos passar. Que a reencarnação são processos expiatórios ou de provas de regeneração. Então, eles têm a necessidade dessa vestimenta. E o que me interessa mais é o que tá por dentro e não o que tá por fora, não. (S19, sexo feminino, 54 anos, CE)

Na formação em *Core Energetics* há uma busca de autoconhecimento, aceitação e pertencimento. Os indivíduos LGBTI+ também desejam esta aceitação e como diferencial são mais corajosos em enfrentar esta jornada por ainda sofrerem muitos preconceitos.

Acho que cada um quer buscar um lugar onde se sente inteiro. Relacionar com o outro é uma forma de se encontrar, de transformar. Os transexuais, por exemplo, acho que enfrentam uma luta para ter um lugar de aceitação. É um lugar de pertencimento que, de diferentes formas, todos nós buscamos. Então, eu busco trabalhar aqui na Core para sentir bem com o meu corpo, com a minha sexualidade. Isso é maravilhoso. Então, eu vejo uma força de vida, de busca nessas pessoas, maravilhosa. Precisa de muita coragem, né? Eu não vejo nunca como uma doença, como nada disso. (S25, sexo feminino, 49 anos, CE)

Ao ser abordada a questão da discriminação encarada por pessoas LGBTI+, foi suscitado o sentimento de compaixão. O medo também esteve presente no discurso e na expressão de um participante desta pesquisa que é homossexual diante da atual situação política do país.

Para mim, são seres humanos normais, como eu. Não sou contra nem a favor. São só pessoas que pagam imposto igual a mim, que querem ser felizes iguais a mim. Eu tenho muita compaixão devido ao preconceito que sei que sofrem. Tenho muito amor por todas elas. Sinto muito, mesmo, pelas dificuldades que enfrentam. (S22, sexo feminino, 37 anos, CE)

Sou a favor porque eu sou gay. Eu sou contra essa militância toda. De fazer muita questão de mostrar que é gay, de fazer muita questão de ocupar o espaço. Eu até entendo! Mas isso traz consequências. Na sociedade de hoje, essa questão Marcha da Família... Hoje estamos vivendo uma ditadura contra

gays. A Damares, aquela louca do Ministério da Mulher... Então, está em um momento que não é bom provocar. (S20, sexo masculino, 37 anos, CE)

A diferença na abordagem deste tema pelos dois grupos chamou muito a atenção. No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, as pessoas LGBTI+ são denominadas “aqueles”, pois não fazem parte, são excluídos ou percebidos como tendo um desvio de comportamento. Este fato é preocupante quando índices graves de violência são divulgados pela mídia.

Dados aos quais o UOL teve acesso revelam, contudo, uma questão alarmante: 8.027 pessoas LGBTs foram assassinadas no Brasil entre 1963 e 2018 em razão de orientação sexual ou identidade de gênero. Parte dos dados, inéditos, foram tabulados no ano passado por Julio Pinheiro Cardia, ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos, e repassados ao UOL. Ele formulou o relatório a pedido da Comissão Interamericana de Direitos Humanos no final de 2018 e o entregou à AGU (Advocacia-Geral da União). Esses dados estavam em poder do governo federal, que nos últimos anos decidiu cancelar a divulgação dos relatórios sobre o assunto. No documento, Cardia somou as denúncias de assassinato registradas entre 2011 e 2018 pelo Disque 100 (um canal criado para receber informações sobre violações aos direitos humanos), pelo Transgender Europe e pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), totalizando 4.422 mortos no período. Isso equivale a 552 mortes por ano, ou uma vítima de homofobia a cada 16 horas no país (PREITE SOBRINHO, 2019).

Notou-se a necessidade de um trabalho de conscientização para os grupos religiosos sobre os danos causados à população LGBTI+ quando mitos estigmatizantes sobre homossexualismo são perpetuados (FARIAS, 2010).

Dentro do aspecto proposto de observar como o autoconhecimento e a autotransformação a partir do corpo despertaram a Essência espiritual e amorosa, notou-se que em relação aos temas aborto e LGBTI+ os aspectos dogmáticos da religião institucional impediram um aprofundamento de todas as nuances que permeiam o tema, ao ponto de se negar pesquisas e dados que evidenciam a violência gerada pela intolerância. Além disso, houve negação de regras estabelecidas através de pesquisas que visam proteger os grupos mais vulneráveis. Diante desses fatos, conclui-se que há uma barreira a ser transposta e que o autoconhecimento por meio da terapia corporal é uma via reconhecida de autotransformação, uma vez que no grupo de *Core Energetics* alguns membros que já participaram de instituições religiosas ampliaram a sua percepção sobre esses temas polêmicos, tornando-se mais receptivos à sua discussão, mesmo percebendo conflitos e resistências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao intencionar verificar como ocorre o processo de autoconhecimento e autotransformação a partir do movimento corporal, que culmina no despertar da espiritualidade, em um grupo pastoral de oração fundamentado no Movimento de Renovação Carismática Católica e na abordagem terapêutica em *Core Energetics*, dialogou-se com algumas áreas de conhecimento envolvendo ciências da religião e psicologia, mais precisamente psicoterapia corporal. Fez-se necessário construir uma base de compreensão em relação a alguns conceitos referentes a ciências da religião, além de percorrer a linha histórica de transformação da influência cristã, tendo como foco o corpo e a espiritualidade.

Salienta-se a importância de compreender as mudanças atuais na forma de conduzir a religião cristã em um processo de secularização e pluralidade, tendo-se verificado no grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória como isto ocorre. A fim de apresentar de uma forma mais clara o processo evolutivo em *Core Energetics*, traçou-se o percurso histórico da psicoterapia corporal.

Nesses dois contextos, a religião esteve presente como um sistema de símbolos claramente transmitidos historicamente e que influenciam na busca do sagrado e na forma de estar na vida e compreender o mundo e as relações. A influência religiosa está presente no universo de todos os participantes, inclusive da pesquisadora. Aqueles que participam ativamente da instituição religiosa, enquanto grupo de oração, mantêm a vida regida pelos sacramentos da Igreja Católica, sustentando conceitos e preconceitos.

Essencialmente, a religiosidade como abertura para busca da transcendência e de um sentido para a existência faz parte de todos os participantes desta pesquisa, que são motivados de diferentes formas, desde a superação de uma crise emocional até o desenvolvimento de uma forma de trabalho que ajude as pessoas a vivenciar a vida com mais propósitos. O vínculo estabelecido com os componentes do grupo a partir de ideais comuns é um fator que traz sensação de bem-estar e de pertencimento.

São notórias as influências modernas e pós-modernas no grupo de oração pesquisado através de transmissão midiática, apoio por meio de sessões de *coaching*

e um pregador que também é cantor e exerce a sua arte, o que o torna uma pessoa célebre. Há uma certa resistência por parte de alguns membros diante do papel de *coaching* do pregador e do discurso de prosperidade que faz parte de sua retórica; por outro lado, é nítida a admiração por ele e o quanto esta influencia na adesão e na conversão dos fiéis. A sensação é que o cenário com os preceitos de modernidade encanta, rejuvenesce e alegra o ambiente sagrado; porém, simultaneamente, os conceitos tradicionais fundamentados pelos sacramentos e mandamentos da igreja se mantêm.

Os participantes que fazem parte do grupo de formação em *Core Energetics* e dizem frequentar algumas instituições religiosas não comungam das regras estabelecidas por estas, as questionam e não têm dificuldade em deixar de cumpri-las. Cada um elege um aspecto que ainda sustenta o sentido de visitar a instituição, seja por ser um bom local para oração e meditação, seja por desejar participar do sacramento da comunhão, porém sem confessar. Há outras tradições, como o espiritismo e a umbanda, em que alguns dos participantes do grupo de formação em *Core Energetics* exercem funções como terapeutas ou outra atividade, o que cria vínculos com a instituição.

Ressalta-se que, neste contexto de observação, sendo o corpo um referencial histórico, no sentido de diagnóstico para transformação, constituído de cultura, signos e significados e agente de experiências e reflexões, a pesquisadora também se coloca como um corpo que esteve presente e constrói a narrativa a partir deste contexto. Em adição a isso, teve o cuidado de observar as sensações e se distanciar para refletir sobre cada uma que surge, buscando suporte teórico e dados de referências de outras pesquisas como apoio.

A importância de percorrer a história do corpo cristão ao longo das eras e também através da psicoterapia corporal promoveu uma compreensão profunda de como determinados conceitos, que sustentam uma hierarquia de poder da igreja, vigoram de forma explícita no discurso dos participantes religiosos e de forma implícita na forma de sutis gestos e palavras, que significam receios nos momentos em que devem se posicionar. Notou-se, a partir daí, uma ampliação da percepção frente a sutilezas em comportamentos diários influenciados por estes conceitos que ainda escravizam e subjagam o corpo, tema para uma outra pesquisa.

O movimento do corpo nas abordagens cristã e em *Core Energetics* é compreendido e interpretado de formas diferentes, apesar de gerar motivação, alegria, aumento do potencial energético de expansão e estados numinosos em ambos os grupos. Também em ambos os grupos, percebeu-se que movimentar o corpo favorece o contato com a Essência e o despertar da Espiritualidade. Os relatos dos estados de percepção ampliada no dia a dia e de sentimentos de amorosidade evidenciam este aspecto.

Entretanto, a compreensão da origem dessas sensações foi diferente para cada um dos grupos pesquisados. No grupo de Oração Pastoral Missão Marca da Vitória, o movimento do corpo não é compreendido como diretamente associado ou como um catalisador para as experiências numinosas ou o contato com o sagrado. O movimento do corpo é uma forma de louvar a Deus e, através do cumprimento de todos os sacramentos e mandamentos, a pessoa é agraciada pelo Espírito Santo, que se manifesta em seu corpo, que é o seu templo.

No grupo de formação em *Core Energetics*, movimentar o corpo é acessar memórias, afrouxar defesas musculares, expressar e transformar negatividades, experienciar e sustentar o Eu Superior presente na Essência e, desta forma, comungar com as outras pessoas, com o meio ambiente e com o Universo, compreendendo que todos fazem parte deste e têm uma relação.

Para que isso ocorra e as transformações se sustentem, é necessário um processo constante de autoconhecimento envolvendo o movimento do corpo e a integração a partir da fala. Com este trabalho, vai surgindo uma nova forma mais ética e amorosa de estar no mundo. É recomendado que este trabalho continue durante toda a vida, pois é compreendido pelo fundador do *Core Energetics* como um processo evolutivo. Nas entrevistas, ficou claro que cada pessoa segue um ritmo de trabalho dependendo da estratégia de caráter e das dificuldades enfrentadas durante o seu período de desenvolvimento infantil.

No grupo Pastoral de Oração Marca da Vitória, o despertar da espiritualidade se dá à medida que se considera o corpo como um templo do Espírito Santo e o prepara para a manifestação da Espiritualidade. A Espiritualidade é a forma de experienciar Deus que está fora do ser humano.

Para os integrantes do grupo de formação em *Core Energetics*, o despertar da espiritualidade é um estado interno inerente ao ser humano, o qual possui o sagrado e profano em si. Assim sendo, reconhecer e transformar os aspectos densos e mais escuros da própria energia traz mais iluminação para a vida e integração como um todo. A espiritualidade é a forma de experienciar o Deus interno, uma energia presente em cada ser e em todo o Universo, o princípio criativo e unificador.

Diante disso, a hipótese inicial desta pesquisa de que há uma diferença entre a espiritualidade despertada por intermédio do corpo entre a tradição cristã, que atribui ao sagrado a responsabilidade em realizar transformações, e a espiritualidade reconhecida e experienciada em um processo de autoconhecimento e autotransformação, que é responsabilidade do indivíduo, está parcialmente correta. Pode-se expressá-la da seguinte forma: a espiritualidade cristã é despertada no corpo pela ação do Espírito Santo, enquanto a espiritualidade em *Core Energetics* é reconhecida e experienciada em um processo de autoconhecimento. Em ambas as situações, é responsabilidade do indivíduo cuidar de seu corpo.

Em relação ao processo de autotransformação, é notório o quanto os preceitos dogmáticos religiosos criam crenças limitantes que dificultam maior reflexão acerca dos temas polêmicos levantados na pesquisa (aborto, pena de morte e LGBTI+). Este fato é relevante pela importância de se criar alternativas para ampliar esta percepção e diminuir os danos sociais por ela causados. Sugere-se a continuidade deste estudo por meio da observação empírica de um grupo de *Core Energetics* em uma comunidade cristã carismática, ocasião em que se poderá verificar a eficácia do trabalho terapêutico corporal em: a. flexibilização das crenças limitantes que podem causar impactos sociais negativos; b. maior empatia para discussão dos temas polêmicos que aqui foram pesquisados.

REFERÊNCIAS

AHLERT, A. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 113–126, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/4529/3855>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ALBERTINI, P. Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 61–89, 2003. DOI 10.1590/S0103-65642003000200006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a06v14n2.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ALVARENGA, M. A. S.; FLORES-MENDOZA, C. E.; GONTIJO, D. F. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 4, p. 258–266, 2009. DOI 10.1590/S0047-20852009000400007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v58n4/a07v58n4.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

APA. American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5. ed. Washington, DC: APA, 2013.

ARAUJO, C. A. *Corpo: espaço de sacrifícios aos deuses e ao mercado*. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/971/1/CELMO%20ANTONIO%20DE%20ARAUJO.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67–75, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v15n1/08.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BAPTISTA, S. *Glossolalia: O sentido da desordem. A simbologia do som na constituição do discurso pentecostal*. 1989. 317 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UNICAMP, Campinas, SP, 1989. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/278732/1/Baptista_Selma_M.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 24–34, 2011. DOI 10.1590/S0102-71822011000100004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BARTZ, A. Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Faculdades Est, v. 1, 2012. p. 258–273. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/27/21>. Acesso em: 2 jan. 2020.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos de uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. 4. ed. Tradução de Ernesto de Carvalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BIANCONI, J. Proselitismo televisivo e corporeidades em uma expressão do catolicismo. *Motriz*, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 9–20, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1015/1210>. Acesso em: 17 dez. 2019.

BOADELLA, D. Morfologia dinâmica. In: BOADELLA, D.; BOYESEN, G.; LISS, J. *Energia e caráter*. Tradução de Maya Hantover. São Paulo: Summus, 1997. v. 2.

BOADELLA, D. *Nos caminhos de Reich*. Tradução de Elisane Reis Barbosa Rebelo, Maria Silvia Mourão Netto e Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1985.

BOFF, L. *A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do Céu*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOFF, L. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, L. *Espiritualidade: caminho de realização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BORGES, M. S.; SANTOS, M. B. C.; PINHEIRO, T. G. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 68, n. 4, p. 609–616, 2015. DOI 10.1590/0034-7167.2015680406i. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n4/0034-7167-reben-68-04-0609.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BOURDIE, P. Compreender. In: BOURDIE, P. (Org.). *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo, Jaime A. Clasen, Sérgio H. de Freitas Guimarães, Marcus Penchel, Guilherme João de Freitas Teixeira e Jairo Veloso Vargas. 9. ed. 6. reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 693–713.

BRANDÃO, S. H. Religião na pós-modernidade. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56–72, 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BRENNAN, B. A. *Luz emergente: a jornada da cura pessoal*. Tradução de Paulo César de Oliveira. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1993.

CALEGARI, D. *Da teoria do corpo ao coração: uma visão do homem a partir da energia cósmica*. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

CAPRA, F. Visão sistêmica da vida: a ciência para uma vida sustentável. In: TELES, C. L. et al. (Org.). *Felicidade e espiritualidade: desafios e valores do século XXI*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019. p. 87–99.

CARVALHO, I. C.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 289–305, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v11n2/v11n2a06>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CARVALHO, V. O.; HONDA, H. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. *Analytica*, São João del Rei, v. 6, n. 10, p. 46–56, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n10/05.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. *STF concede ao CFP liminar mantendo íntegra e eficaz a Resolução 01/99*. Brasília, DF: CFP, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/stf-concede-ao-cfp-liminar-mantendo-resolucao-01-99/>. Acesso em: 6 jan. 2020.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.

CSORDAS, T. J. *Corpo/significado/cura*. Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

D'ANDREA, F. F. *Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

DÁVILA, B. M. C. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. 1998. 260 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280098/1/CarranzaDavila_BrendaMaribel_M.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

DECLARAÇÃO do Papa Francisco sobre gays gera reações. *G1*, Rio de Janeiro, 29 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/declaracao-do-papa-francisco-sobre-gays-gera-reacoes.html>. Acesso em: 6 jan. 2020.

DODDS, P. *Os gregos e o irracional*. Tradução de Leonor Santos B. de Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1988.

DUMONT, A.; PRETO, E. L. O. A visão filosófica do corpo. *Escritos sobre Educação*, Ibirité, v. 4, n. 2, p. 7–11, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2019.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 4. ed. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 381–389, 2005. DOI 10.1590/S0102-79722005000300012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a12v18n3.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

FARIAS, M. O. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 104–115, 2010. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/431/410>. Acesso em: 6 jan. 2020.

FÁVERI, M. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 335–357, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/445>. Acesso em: 2 jan. 2020.

FERNANDES, I. A. D.; OLIVEIRA, P. E. V. Violação da dignidade humana em face da precariedade do sistema penitenciário brasileiro. *Direito e Desenvolvimento*, João Pessoa, v. 6, n. 12, p. 63–82, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/289/271>. Acesso em: 6 jan. 2020.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, V. S. *Elogio (sociológico) à carne*: a partir da reedição do texto “as técnicas do corpo” de Marcel Mauss. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto de Sociologia, 2009. (Working Papers, n. 36). Disponível em: https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/H8AQD2CUKDP3B43YAL T19SGYJYV16B.pdf. Acesso em: 2 mar. 2020.

FLANDRIN, J. L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. In: ARIÉS, P.; BÉJIN, A. (Org.). *Sexualidades ocidentais*: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.135–152.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. III. O cuidado de si. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D’Água, 1994.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

FREI BETTO. *Espiritualidade e religião*. Rio de Janeiro: Amaivos Contem Amor [Internet], 8 maio 2014. Disponível em: http://amaivos.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=53&cod_noticia=2690. Acesso em: 19 nov. 2019.

GALVÃO, L. K. S.; CAMINO, C. P. S. Julgamento moral sobre pena de morte e redução da maioridade penal. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 228–236, 2011. DOI 10.1590/S0102-71822011000200003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n2/a03v23n2.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2020.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Dir.). *História do corpo*. 1. Da renascença às luzes. Tradução de Lúcia M. E. Orth. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 19–130.

GOLDENBERG, M. Apresentação. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 7–17.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19–40.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GROF, S. *A aventura da autodescoberta*. Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

GROF, S. *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. Porto Alegre: McGraw-Hill, 1987.

GROSZ, E. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340/3139>. Acesso em: 19 nov. 2019.

GUERRIERO, S. A diversidade religiosa no Brasil: a nebulosa do esoterismo e da Nova Era. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 128–140, 2003. DOI 10.15603/1677-2644/correlatio.v2n3p128-140. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1806/1791>. Acesso em: 20 nov. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

JURKEVICS, V. I. Renovação Carismática Católica: reencantamento do mundo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 40, p. 121–134, 2004. DOI 10.5380/his.v40i0.2739. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2739/2276>. Acesso em: 15 ago. 2019.

LARA, L. M. Dança: dimensão sagrada ou profana? *Conexões*, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 94–107, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638033>. Acesso em: 16 dez. 2019.

LE BRETON, D. *A antropologia da dor*. Tradução de Iraci D. Poleti. 1. reimp. São Paulo: Fap-Unifesp, 2018.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Maria Appenzeller. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE MOS, C. T. Religião e a relação desta com a sociedade. In: COSTA, L. F.; ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. (Org.). *Epistemologias da religião e relações de religiosidade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 203–221.

LE MOS, C. T. Religião e sentido da vida. In: REIMER, I. R.; SOUZA, J. O. (Coord.). *O sagrado na vida: subsídios para aulas de teologia*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2009. p. 31–37.

LOWEN, A. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e a harmonia*. Tradução de Paulo César de Oliveira. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

LOWEN, A. *Bioenergética*. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. *Exercícios de bioenergética: o caminho para uma vida vibrante*. Tradução de Vera Lúcia Marinho e Suzana Domingues de Castro. São Paulo: Ágora, 1977a.

LOWEN, A. *O corpo em terapia*. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1977b.

LUGER, M. C. B. “Cuidado de si” e “cultura de si”: discutindo a abordagem de Michel Foucault. 2011. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1986/1/2011_MariaCandidaBackesLuger.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.

LUIZ, R. R. A religiosidade dos sem religião. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 15, n. 19, p. 73–88, 2013. DOI 10.22456/1982-2650.44576. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/44576/28252>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MARDONES, J. M. *Adónde va la religión? Cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo*. Bilbao: Sal Terrae, 1996.

MARDONES, J. M. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. Tradução de Euclides Martins Balancim. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAUÉS, R. H. Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 119–151, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2163/851>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MAUÉS, R. H. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 31–37, 2003. DOI 10.1590/S0034-77012003000100001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n1/a01v46n1.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MAUÉS, R. H. CATOLICISMO E XAMANISMO: reflexões sobre pajelança amazônica, renovação carismática e outros movimentos eclesiais. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 4, n. 8, p. 11–30, 2007. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/829/3040>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, M. M. K.; FALCÃO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65–76, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30715905>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MEZAN, R. *A sombra de Dom Juan e outros ensaios*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MILARÉ, S. A.; YOSHIDA, E. M. P. Coaching de executivos: adaptação e estágio de mudanças. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 86–99, 2007. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/eventos/coaching/arqs/Coaching_executivo_pesquisa.pdf. Acesso em: 6 jan. 2020.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 9–28.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MURAKAMI, R.; CAMPOS, C. J. G. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 65, n. 2, p. 361–367, 2012. DOI 10.1590/S0034-71672012000200024. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a24.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

NAVARRO, F. *A somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica*. Tradução de Ailton Bedani e Beatriz Sidou. Revisão de Glória Mariani. São Paulo: Summus, 1995.

OLIVEIRA, I. D. *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. R. *Integração corpo/mente na Análise Bioenergética de Alexander Lowen: a relação entre o adoecimento corporal e as estruturas de caráter*. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6255/5/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20de%20Integra%20do%20Corpo%20e%20da%20Mente%20na%20An%20lise%20Bioenerg%20tica%20de%20Alexander%20Lowen.pdf>

20-%20Wellington%20Roriz%20de%20Oliveira%20J%20c3%20banior%20-%202016.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

OLIVEIRA, P. A. R.; BOFF, L.; LIBÂNIO, J. B.; BITTENCOURT, E. *Renovação carismática católica: uma análise sociológica – interpretações teológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996.

OTTO, R. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 10, no. 79, 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Acesso em: 2 jun. 2019.

PELEGRINI, T. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 8, p. 1–6, 2004. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

PERANI, C. *Libertação e espiritualidade*. [Originalmente publicado em *Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social*, Salvador, n. 66, p. 62–72, 1980]. In: Cláudio Perani, Igreja Popular, Movimentos Sociais, Teologia da Libertação. *Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social*, Salvador, n. 233, p. 229–244, 2009. Disponível em: https://theo.kuleuven.be/en/research/centres/centr_lib/perani/2009-caderno-ceas-233-claudio-perani-artigos.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

PEREIRA, E. O espírito da oração ou como carismáticos entram em contato com Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 58–81, 2009. DOI 10.1590/S0100-85872009000200004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2019.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl.1, p. 136–145, 2007. DOI 10.1590/S0101-60832007000700017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a17v34s1.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

PIERRAKOS, E.; THESENGA, D. *Não temas o Mal: o método Pathwork para a transformação do eu inferior*. Tradução de Sérgio Luiz dos Reis Lasserre. 16. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2017.

PIERRAKOS, E.; THESENGA, D. *O Eu sem Defesas: o método Pathwork para viver uma espiritualidade integral*. Tradução de Carmem Youssef. 10. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2016.

PIERRAKOS, J. *Energética da essência (Core Energetics): desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Pensamento, 1987.

PORTELLA, R. Sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religião e secularização. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 71–87, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

PREITE SOBRINHO, W. *Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório*. São Paulo: UOL, 20 fev. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 7 jan. 2020.

QUEIROZ, M. B. O. *O pathwork na experiência pessoal pelo olhar da complexidade: uma visão integral de ser humano*. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/775/1/436867.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RAKNES, O. *Wilhelm Reich e a orgonoterapia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, W. *A biopatia do câncer*. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

REICH, W. *A função do orgasmo*. Tradução de Maria da Glória Novak. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

REICH, W. *Análise do caráter*. Tradução de Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

REICH, W. *Éter, Deus e o Diabo: a superposição cósmica*. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, W. *O assassinato de Cristo*. Tradução de Carlos Ralph Lemos Viana e Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

RIBEIRO, J. C. Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p.109–126, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf. Acesso em: 2 jan. 2020.

RIBEIRO, W. S.; ECCO, C. *Intolerância religiosa*. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2018.

RODRIGUES, R. G. O corpo na história e o corpo na igreja hoje. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, 4., FÓRUM NACIONAL CORPO E CULTURA, 3., Goiânia, 2013. *Anais...* Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/4971/2970>. Acesso em: 2 jan. 2020.

- ROSADO-NUNES, M. J. O tema do aborto na Igreja Católica: divergências silenciadas. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 64, n. 2, p. 23–31, 2012. DOI 10.21800/S0009-67252012000200012. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n2/a12v64n2.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2020.
- ROSÁRIO, N. M. *Mundo contemporâneo: semiose ilimitada*. [S.l.: s.n.], 2002. Artigo enviado para o GT Comunicação e Cultura – Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_736.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.
- ROTMIL, C. *Eva Pierrakos: uma entrevista pessoal com Charles Rotmil*. Brasília, DF: Coletivo Pathwork [Internet], 28 jan. 2013. Disponível em: <https://coletivopathwork.wordpress.com/2013/01/28/eva-pierrakos-uma-entrevista-pessoal-com-charles-rotmil/>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ROTMIL, C. *Welcome to my blog*. [S.l.]: Journal of an Iconoclast – the Persian carpet of a life [Internet], 16 jun. 2007. Disponível em: <http://rotmilc.blogspot.com/2007/>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- SALINAS, W. R. A concepção de corpo na obra Confissões de Santo Agostinho. In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 7., 2012, Campo Mourão. *Anais [...]*. Campo Mourão: Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar, 2012. Tema: Ética na Pesquisa Científica. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_vii_epct/PDF/CIENCIAS_HUMANAS/Historia/02_A_CONCEPcao_DE_CORPO_.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.
- SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia antiga. *Revista da Educação Física/Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 73–77, 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3931/2700>. Acesso em 19 nov. 2019.
- SILVA, L. R. T. *A corporeidade de jovens católicos pertencentes à Renovação Carismática*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18710>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- SILVA, P. C. *Wilhelm Reich: uma leitura hermenêutica do corpo como cogito*. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/99009>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- SILVA, T. Q. *Práticas corporais e as experiências extraordinárias em Core Energetics*. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16487/1/2014_ThaisQueirozSilva.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.
- SIMMEL, G. *Religião: ensaios*. Tradução de Stefan F. Klein e Gláucia Peres da Silva (ensaio 1), Cláudia Dornbusch (ensaios 2, 3 e 4) e Antonio Carlos Santos (ensaios 5, 6, 7 e 8). São Paulo: Olho D’água, 2010. 2 v.

- SOARES, L. E. Revoluções no campo religioso. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 85–107, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-85.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- SOLOMON, R. C. *Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SOUZA, C. Aborto: conservadorismo trava avanços no debate sobre descriminalização no Brasil. *Humanista*, Porto Alegre, 27 jun. 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/06/27/aborto-conservadorismo-trava-avancos-no-debate-sobre-descriminalizacao-no-brasil/>. Acesso em: 6 jan. 2020.
- TORRALBA, R. F. *Inteligência espiritual*. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- TUCHERMAN, I. *Breve história do corpo e de seus monstros*. 3. ed. Lisboa: Nova Vega, 2012.
- WAGNER, C. M. *Freud e Reich, continuidade ou ruptura*. São Paulo: Summus, 1996.
- WEIGAND, O. Grounding e autonomia: a terapia corporal bioenergética revisitada. São Paulo: Edições e Produções Person, 2006.
- WEIL, P.; LELOUP, J. Y.; CREMA, R. *Normose: a patologia da normalidade*. Petrópolis, TJ: Vozes, 2017.
- WHO. World Health Organization. *Amendments to the Constitution*. Geneva: WHO, 1999. Disponível em: http://apps.who.int/gb/archive/pdf_files/wha52/ew24.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.
- WOLFF, E. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Revista Pistis e Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 81–111, 2015. DOI 10.7213/revistapistispraxis.07.001.DS04. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12980/12308>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- ZILLES, U. Espiritualidade cristã. In: TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. (Org.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 10–22.
- ZOHAR, D.; MARSHALL, I. *QS inteligência espiritual: o Q que faz a diferença*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM CORE

Pesquisador: MARISE ETERNA NUNES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 09567319.3.0000.0037

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.236.961

Apresentação do Projeto:

Na presente pesquisa, será aplicada a metodologia qualitativa, que permite o acesso a um nível de realidade social que não pode ser quantificado. Os dados deste estudo serão coletados por intermédio de revisão da literatura acerca do tema, observação de campo e entrevistas. O Objetivo do presente estudo é analisar como a espiritualidade e a percepção do corpo ocorrem nas práticas religiosas em dois grupos: uma ação pastoral que segue preceitos do movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) em uma igreja situada em um bairro de Goiânia, GO, e no curso de Formação de Psicoterapeutas Corporais em Core Energetics, realizado pela Rede Brasil de Core Energetics. Serão verificadas, nestes dois contextos, as semelhanças e as diferenças no caminho para despertar a espiritualidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as aproximações e os distanciamentos entre as concepções de espiritualidade e de corpo na tradição judaico-cristã e na abordagem terapêutica em Core Energetics.

Objetivo Secundário:

- 1) Identificar as principais características de espiritualidade e de corpo na tradição judaico-cristã;
- 2) Identificar as principais características de espiritualidade e de corpo na abordagem terapêutica em Core Energetics;

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3946-1512 Fax: (62)3946-1070 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.236.961

3) Definir o conceito de corpo como um agente biopsicossocial e espiritual a fim de diminuir as divisões que geram conflitos e guerras nos âmbitos micro e macrossocial.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da participação serão mínimos, entre os quais o entrevistado poderá ter desconforto ao responder alguma pergunta que lhe possa trazer alguma alteração comportamental. Para evitar esse risco associado à pesquisa, o local da entrevista garantirá sua privacidade e sigilo. Além disso, o pesquisado terá total liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. Poderá retirar o seu consentimento em participar desta pesquisa a qualquer momento. Caso decida retirar o seu consentimento, não sofrerá nenhuma penalidade, não terá nenhum prejuízo a alguma eventual assistência e todas as suas informações serão mantidas em total sigilo.

Benefícios:

Espera-se que o resultado desta pesquisa contribua para o reconhecimento de práticas religiosas e/ou psicológicas que auxiliem na promoção da paz, ética pessoal e social dos indivíduos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está clara e o método adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está redigido de modo objetivo, claro e esclarece aos participantes sobre os riscos, garante assistência integral e gratuita, bem como o ressarcimento em caso de algum gasto.

As declarações das instituições envolvidas estão assinadas e explicitam a aceitação da investigação.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

INFORMAÇÕES AO PESQUISADOR REFERENTE À APROVAÇÃO DO REFERIDO PROTOCOLO:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3946-1512 Fax: (62)3946-1070 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.236.961

sobre sua pesquisa em casos de alterações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.

2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar em suspensão do estudo.
3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.
4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1302516.pdf	14/03/2019 20:17:50		Aceito
Outros	CVCCarol.pdf	14/03/2019 20:17:16	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_assinada_rede_brasil.pdf	25/02/2019 12:10:44	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Corpo_e_Espiritualidade.pdf	25/02/2019 11:52:17	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_igreja_assinada_datada.pdf	25/02/2019 11:26:19	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	25/02/2019 11:24:10	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	25/02/2019 11:21:11	MARISE ETERNA NUNES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada.pdf	25/02/2019 11:18:10	MARISE ETERNA NUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
 Bairro: Setor Universitário CEP: 74.605-010
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3946-1512 Fax: (62)3946-1070 E-mail: cep@pucgoias.edu.br



Continuação do Parecer: 3.236.961

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 01 de Abril de 2019

Assinado por:
ROGÉRIO JOSÉ DE ALMEIDA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Universitária, N.º 1.069
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 74.605-010
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3946-1512 **Fax:** (62)3946-1070 **E-mail:** cep@pucgoias.edu.br

ANEXO B – Declaração de instituição coparticipante – Santuário da Sagrada Família



DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro ter lido e concordar com o projeto de pesquisa CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM CORE ENERGETICS, de responsabilidade da pesquisadora MARISE ETERNA NUNES, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS nº 466/2012. Em nome do Santuário da Sagrada Família, declaro estar ciente de suas corresponsabilidades como Instituição Coparticipante do presente projeto de pesquisa, assim como de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos recrutados para a consecução desta pesquisa, e que a Instituição dispõe da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Estou ciente de que a execução deste projeto depende de sua aprovação pelo Conselho de Ética e Pesquisa da instituição proponente, mediante parecer ético consubstanciado e declaração de aprovação.

Goiânia, 05 de fevereiro 2019.


Pe. Rodrigo de Castro

Santuário da Sagrada Família

CNPJ 01.569.466/0058-00

ANEXO C – Declaração de instituição coparticipante – Rede Brasil de *Core Energetics*



DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro ter lido e concordar com projeto de pesquisa CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE ENERGETICS*, de responsabilidade da pesquisadora MARISE ETERNA NUNES, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS nº 466/2012. Em nome da Rede Brasil de *Core Energetics*, declaro estar ciente de suas corresponsabilidades como Instituição Coparticipante do presente projeto de pesquisa, assim como de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos recrutados para a consecução desta pesquisa, e que a Instituição dispõe da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar. Estou ciente de que a execução deste projeto depende de sua aprovação pelo Conselho de Ética e Pesquisa da instituição proponente, mediante parecer ético consubstanciado e declaração de aprovação.

Goiânia, 31 de janeiro 2019.

Lúcia Helena Dessaune de Alencastro

Diretora e Coordenadora Pedagógica da Rede Brasil de *Core Energetics*

CNPJ 10.709.728/0001-40

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, do Projeto de Pesquisa intitulado CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE ENERGETICS*. Meu nome é **Marise Eterna Nunes** e sou membro da equipe de pesquisa deste projeto de mestrado, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, na Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, deve assinar este documento em todas as páginas e em duas vias. A primeira via ficará sob guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado/a de forma alguma. Se tiver qualquer dúvida sobre a pesquisa, você pode entrar em contato com a equipe de pesquisa a qualquer tempo: **Marise Eterna Nunes**, telefone (62) 99268-5302, e-mail: marise.nunes@uol.com.br (pesquisadora responsável); Profa. Dra. **Carolina Teles Lemos**, telefone (62) 3946-1626, e-mail: cteleslemos@uol.com.br (orientadora da pesquisa). Se tiver qualquer dúvida **sobre a ética aplicada nesta pesquisa**, você pode entrar em contato com: **Comitê de Ética em Pesquisa** (CEP) da PUC-Goiás, Avenida Universitária, nº 1069, Setor Universitário, Goiânia, GO, telefone (62) 3946-1512, e-mail: cep@pucgoias.edu.br; horário de funcionamento: segunda-feira: das 7h30 às 12h00 e das 13h00 às 14h30; terça-feira: das 8h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00; quarta-feira: das 7h30 às 12h00 e das 13h00 às 18h30; quinta-feira: das 8h00 às 12h00 e das 13h00 às 14h30; sexta-feira: das 7h30 às 12h00 e das 13h00 às 17h00. O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), a qual, por sua vez, é subordinada ao Ministério da Saúde. O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, aprovando apenas aqueles que seguem os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares vigentes no país.

SOBRE ESTA PESQUISA

O objetivo do presente estudo é analisar como a espiritualidade e a percepção do corpo ocorrem nas práticas religiosas em dois grupos: uma ação pastoral que segue preceitos do movimento de Renovação Carismática Católica e no curso de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*, realizado pela Rede Brasil de *Core Energetics*. Serão verificadas, nestes dois contextos, as semelhanças e as diferenças no caminho para despertar a espiritualidade. Você está sendo convidado/a a participar desta pesquisa por ter idade acima de 18 anos, participar da ação pastoral que segue preceitos do movimento Renovação Carismática Católica ou do curso de formação de psicoterapeutas corporais em *Core Energetics*. Durante a sua participação, será pedido que responda a um questionário em forma de entrevista, cuja duração é em torno de 60 minutos, sobre as experiências vivenciadas em seu grupo. Para a coleta desses dados, serão utilizadas fitas para gravação de áudio durante as entrevistas, as quais serão incineradas logo tenham sido transcritas. Suas contribuições serão confidenciais, estando garantidos o sigilo sobre estes dados e a sua privacidade. Suas informações serão utilizadas apenas para cumprir o objetivo do estudo. Quaisquer que sejam os resultados desta pesquisa, eles serão publicados e divulgados em eventos. Porém, sua identificação e as informações registradas serão tratadas com sigilo e anonimato. Esses dados permanecerão armazenados em bancos de dados físicos e digitalizados, os quais serão mantidos pela pesquisadora responsável, e o acesso a eles será permitido apenas para a pesquisadora responsável e sua orientadora, pelo prazo de 5 anos, conforme determinam as normas e diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos. Os riscos de sua participação serão mínimos, entre os quais você poderá ter desconforto ao responder alguma pergunta que lhe possa trazer alguma alteração comportamental. Para evitar esse risco associado à pesquisa, o local da entrevista garantirá sua privacidade e sigilo. Além disso, você terá total liberdade de se recusar a responder quaisquer questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. Você poderá retirar o seu consentimento em participar desta pesquisa a qualquer momento. Caso decida retirar o seu consentimento, não sofrerá nenhuma penalidade, não terá nenhum prejuízo a alguma eventual assistência a você e todas as suas informações serão mantidas em total sigilo. Em todos os casos, na eminência de adversidades em função da coleta de dados, daremos o suporte

necessário ao/à participante e o/a encaminharemos para clínicas especializadas médicas ou psicológicas em Goiânia. Garantimos assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios, decorrentes da sua participação nesta pesquisa. Como benefícios relacionados com a sua participação, espera-se que o resultado desta pesquisa contribua para o reconhecimento de práticas religiosas e/ou psicológicas que auxiliem na promoção da paz, ética pessoal e social dos indivíduos. Em qualquer momento da pesquisa você poderá pedir esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que tenha acerca dos procedimentos e de quaisquer outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também é assegurado a você o acesso gratuito aos resultados no decorrer e após o término desta pesquisa, podendo ser solicitados diretamente à pesquisadora responsável. Você não terá nenhuma despesa em relação a esta pesquisa e não auferirá contribuições financeiras ao participar dela. Contudo, caso venha a ter gastos decorrentes de sua participação, você tem a garantia de que eles serão ressarcidos. Caso você venha a ter algum prejuízo ou dano decorrente dos procedimentos desta pesquisa, poderá pleitear indenização para reparação de danos imediatos ou futuros. A pesquisadora responsável se obriga a indenizá-lo/a conforme estabelece a legislação vigente no país.

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, **Marise Eterna Nunes**, pesquisadora responsável pelo estudo intitulado **CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE ENERGETICS***, esclareço que cumprirei o estabelecido acima. Você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios decorrentes de sua participação neste estudo. Você tem a garantia de que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. Você pode sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar desta pesquisa, será ressarcido/a. Em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

DECLARAÇÃO DO/A PARTICIPANTE

Eu _____, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora **Marise Eterna Nunes** sobre a minha decisão em participar do estudo intitulado CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE ENERGETICS*. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro, também, que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades, prejuízos ou perda de qualquer benefício.

Goiânia, ____ de _____, de 201__.

Data ____/____/____

Assinatura do participante

Data ____/____/____

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE B – Questionário semiestruturado para coleta de dados

1

CORPO E ESPIRITUALIDADE NAS PERSPECTIVAS CRISTÃ E EM *CORE ENERGETICS***INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO****1. Nome:** _____**2. Grupo:**

- Ação pastoral que segue preceitos do movimento de Renovação Carismática Católica (RCC)
- Curso de Formação de Psicoterapeutas Corporais em *Core Energetics*

3. Sexo:

- Feminino Masculino

4. Idade: _____ anos**5. Estado civil:**

- Solteiro/a Casado/a/União estável Divorciado/a/Separado/a Viúvo/a

6. Coabitação:

- Cônjuge Cônjuge e filho/s Pai e/ou mãe Sozinho Outros

7. Residência:

- Rural Urbana Outra (especificar): _____

8. Escolaridade:

Analfabeto/a Básica Fundamental Média Superior Pós-graduação

9. Profissão: _____

10. Religião: _____

11. Como considera o seu atual estado de saúde?

Excelente Bom Mais ou menos Ruim Péssimo

12. Apresenta algum sintoma físico ou emocional?

Não

Sim. Qual? _____

13. Faz uso frequente de algum medicamento?

Não

Sim. Qual? _____

14. Já havia participado de outros grupos de autoconhecimento ou religioso?

Não

Sim. Qual? _____ Por quanto tempo? _____

Por que parou de frequentar? _____

15. Como ficou sabendo deste grupo?

16. Há quanto tempo participa deste grupo? Menos de 6 meses Mais de 6 meses 1 ano Mais de 1 ano Outro. Quanto? _____**17. Estava acontecendo algo significativo em sua vida que o/a motivou a participar deste grupo?** Não Sim. O quê? _____

Descreva como estava emocionalmente: _____

18. O grupo o/a ajudou de alguma forma? Não Sim. Como? _____

Em quais aspectos da sua vida? _____

19. Depois que começou a participar do grupo houve alguma mudança em sua forma de perceber:**Trabalho** Não Sim. O quê? _____**Família** Não Sim. O quê? _____

Amigos Não Sim. O quê? _____**Religião** Não Sim. O quê? _____**Deus** Não Sim. O quê? _____**Seu Corpo** Não Sim. O quê? _____

Se sim, ao que atribui a mudança na percepção de seu corpo?

20. Considera que já teve alguma experiência significativa no grupo? Não Sim. Qual? Descreva: _____

21. Você gosta do seu corpo? Sim Não. Por quê? _____

22. Onde recebeu orientação sexual?

Casa Escola Amigos TV, revista, Internet Outro. Qual? _____

23. Complete as frases:

Manter uma vida sexual regular é: _____

Sexo é: _____

24. Você se considera uma pessoa:

Religiosa Espiritualizada Com fé Outro. Qual? _____

25. Você acredita que após a morte a existência continua?

Não

Sim. Como? _____

26. Quais dos aspectos abaixo considera importante/s no caminho espiritual?

Jejum. Que tipo? _____

Confissão. Qual a frequência? _____

Comunhão. Qual a frequência? _____

Oração. Qual a frequência? _____

Meditação. Qual a frequência? _____

Caridade. Como? _____

Sacrifício. Que tipo? _____

Promessa. Que tipo? _____

Missa. Qual a frequência? _____

Cuidados com o corpo. Quais? _____

Psicoterapia. Qual a frequência? _____

Outras práticas espirituais complementares. Quais? _____

27. Qual a sua opinião em relação aos temas abaixo?

Aborto

Contra. Por quê? _____

A favor. Por quê? _____

Pena de morte

Contra. Por quê? _____

A favor. Por quê? _____

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexuais (LGBTI)

Contra. Por quê? _____

A favor. Por quê? _____